



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LENILDA DAMASCENO PERPÉTUO

**COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO:
Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**

Brasília - DF

2017

LENILDA DAMASCENO PERPÉTUO

**COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO:
Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, vinculada à Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Dr. Erlando da Silva Rêses.

Brasília- DF

2017



“Quando se consideram as vicissitudes que eles têm enfrentado – pois a história a ser relatada agora será em grande medida a história daquilo que os outros têm feito para destruir a sua diferença – conclui-se que a principal façanha dos ciganos foi ter sobrevivido”.

(Angus Fraser, 2005, p.15)

LENILDA DAMASCENO PERPÉTUO

**COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO:
Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, vinculada à Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Dr. Erlando da Silva Rêses.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr. Erlando da Silva Rêses - Faculdade de Educação - FE/UnB
Universidade de Brasília (Orientador)

Prof^o. Dr. Roque de Barros Laraia
Universidade de Brasília - ICS/DAN (Membro Externo ao PPGE)

Prof^a. Dr^a Patrícia Lima Martins Pederiva
Universidade de Brasília – FE/UnB (Membro Interno do PPGE)

Prof^o. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas
Universidade de Brasília – FUP/UnB (Membro Suplente)

A minha mãe, Elza Damasceno, minha primeira e grande “mestre socialista”. Lamento que ela tenha ido embora tão cedo e sem saber disso. Foi com ela e por ela que aprendi a desafiar as leis das ciências exatas, podendo ocupar vários espaços diferentes ao mesmo tempo, e com quem aprendi que tudo é divisível por todos os números; independentemente de quantos forem e quantos necessitarem, o saldo sempre será positivo. O pouco também é divisível e o amor é a base teórica e prática de toda operação.

Ao meu pai, Francisco Perpétuo, homem simples, trabalhador, criado na roça, com pouca leitura. A educação formal e sistematizada para ele era algo muito distante da sua realidade. Morreu sem saber o quão inteligente era. Autodidata, músico nato, violeiro, trombonista, marceneiro, carpinteiro, artesão... Tudo em nossa casa era feito com a força do seu trabalho braçal e artesanal. Ele mesmo fabricava, com toda paciência, seu violão e cavaquinho e com toda generosidade e humildade presenteava os nossos dias e noites com a sua arte, música e ensinamentos. Foi o primeiro “intelectual” sem escolarização que eu conheci.

Aos meus filhos, Kayla, Leonardo, Karina, e aos meus netos, Gustavo, Ana e Henrique, a quem agradeço e faço um apelo: incomode-se com a dor do outro, não aceitem nem naturalizem questões de preconceitos, injustiças sociais, racismos. E, por último, deixem, de alguma forma, que eu e meus pais continuemos a viver dentro de cada um de vocês?

À Comunidade Cigana Calon, sujeitos ativos desta pesquisa por quem eu tenho todo respeito. Desejo que nossas crianças ciganas tenham dias melhores, podendo sentir orgulho da sua etnia.

AGRADECIMENTOS

Todo processo de crescimento requer de cada um tempo, paciência, dedicação, resistência e renúncias. Assim, quando alcançamos algo, precisamos lembrar que não chegamos até aqui sozinhos; muitos vieram conosco de alguma forma. É com essa consciência, que quero deixar registrado minha eterna gratidão: primeiramente, a Deus e a virgem Maria, por ser alimentada e sustentada na força, coragem e muita fé. Trago comigo este canto: “Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiar”.

Aos meus amados filhos, que com todo carinho, amor e respeito, apoiaram e compreenderam os meus anseios e suportaram as minhas ausências.

Ao meu caríssimo orientador, amigo, parceiro, professor Dr. Erlando da Silva Rêses, que com toda paciência, dedicação e generosidade, não mediu esforços para estar comigo nesse percurso desafiador. Me apresentou um mundo novo, cheio de grandes labirintos e descobertas. Ampliou meus horizontes. Acreditou, abraçou a causa cigana, debruçou-se nas teorias e em sua práxis, demonstrou com as lições do mestre Paulo Freire que a educação liberta e emancipa. “Ninguém nasce feito, é experimentando no mundo que nós nos fazemos”.

Aos amigos e amigas do grupo de pesquisa Consciência e do Programa de Extensão Pós-populares por todos os aprendizados construídos coletivamente. Aos especiais amigos das lutas, das pesquisas e da vida: Luzeni Ferraz Carvalho, amiga/irmã que acreditou na minha capacidade, deu-me força e encorajou-me a percorrer esse caminho, incentivando e fazendo acreditar no meu potencial; Wallace Roza Pinel, amigo/parceiro/irmão, com quem iniciei a caminhada e com quem passei por muitos desafios e compartilhei das dores e das delícias da pesquisa e do campo. Sempre muito exigente, duro, disciplinado, sério e rigoroso comigo, brigamos, discordamos várias vezes, mas no final, sempre chegávamos a um “quase” acordo. Acredito que nos complementamos. O que faltava em mim sobrava nele e vice-versa. Nas nossas discordâncias abríamos outras possibilidades. Saíamos sempre diferentes. Suas contribuições sempre me ajudaram a refletir e superar dificuldades. Sem ele, acredito que teria sido tudo muito mais difícil de percorrer.

Aos meus mestres/ professores/ anjos disfarçados de amigos que a vida me presenteou. Vocês ensinam muito mais do que sabem, muito além dos conteúdos programados, me ajudaram a tirar a lente obscura que circunda os espaços de aprendizagens, comprovando que os espaços de construção de conhecimentos

podem e devem ser espaços prazerosos de construção coletiva, onde germinam sementes de saberes humanizados, e que promovam ações dialéticas para uma educação libertadora. Creio que irão se reconhecer no texto e nos anseios desta pesquisa. Pois em cada frase ou nas entrelinhas estão pautados as nossas discussões, no pensamento, nas lentes e nas contribuições de vocês: Maria Luisa Pinho Pereira, Renato Hilário, Edileuza Fernandes, Girlene de Jesus, José Jorge Carvalho, Patrícia Pederiva, Mônica Molina, Shirleide Cruz, Rafael Villas Boas, Roque de Barros Laraia, Maria Helena. As amigas companheiras de caminhada, pesquisa e lutas Darliane Amaral, Lara Andréia Sant'ana, Ana Cristina Araújo, e Queina Lima.

Aos amigos do outro lado do Atlântico, que me acolheram, apoiaram e contribuíram para que eu me aproximasse dos sujeitos da pesquisa em terras portuguesas: Luís Carvalhido, Maria da Luz Pedrosa.

Aos colegas de trabalho, professores e gestores da SEEDF, da Coordenação Regional de Sobradinho, que me abriram as portas para que eu adentrasse as escolas para realização das rodas de conversas, aplicação das entrevistas e questionários. Carinhosamente, agradeço aos gestores e professores das Escolas: Escola Classe 16, Escola Classe Sítio das Araucárias e Centro de Ensino Fundamental 04, que muito colaboraram na coleta de dados e nas atividades programadas para a metodologia aplicada.

À comunidade cigana Calon, acampados no Condomínio Nova Canaã, sujeitos desta pesquisa social, com quem eu aprendi muito. Tenho muito respeito, carinho e gratidão por todo acolhimento, cafezinhos, almoços, dormidas, conversas, cumplicidade, parcerias, companheirismo... Criamos uma sólida relação de amizade e confiança ao longo deste percurso. Sem essa imersão no acampamento, nada disso seria possível. Pesquisa-ação é isso. Faz-se com voz, com dor, com grito, com poeira no rosto, com sol e chuva na pele, com incessantes idas e vindas e muitas intervenções. Não é apenas um mero título de mestrado, mas, para além disso, trata-se duma militância, imbuída de compromisso social. Desejamos que esta pesquisa venha desconstruir uma história mal contada e corrigir erros históricos que ainda hoje silenciam, invisibilizam e causam sofrimento aos povos ciganos. Se chegamos até aqui, muitos pés, mãos e cabeças trabalharam e discutiram juntos. Fica um pouco de nós e levamos muito de vocês. Outros virão para contribuírem e abrirem novas possibilidades.

PERPÉTUO, Lenilda Damasceno. **Comunidade cigana Calon em processo de escolarização: conflitos e saberes pluriculturais.** 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RESUMO

A presente pesquisa é fruto de uma investigação social que visa trazer à tona a realidade em que vivem os Ciganos Calon em Sobradinho DF, comunidade que passa por um processo de mudanças culturais e transita de uma situação de nomadismo para uma de sedentarismo. Devido a sua cultura de vida livre, encontram inúmeras dificuldades de adaptação ao modelo de sistema educacional proposto. Sendo assim, a educação formal ainda é um espaço antagônico aos seus modos de vida. Desse modo, esta pesquisa abordará o percurso histórico-cultural dos povos ciganos, contribuindo para a análise e a compreensão das associações entre etnicidade cigana e a escola sistematizada, bem como os processos dialógicos que esse espaço escolar utiliza, buscando identificar uma política intercultural de educação amparada pelos direitos humanos, a qual permita a efetiva inclusão social e educacional dos estudantes ciganos nas escolas públicas. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem como base teórica o materialismo histórico dialético, o qual investiga as representações sociais acerca do povo cigano e como essas representações, por sua vez, influenciam no percurso dos estudantes e nos seus conflitos étnicos, no ambiente escolar. Ademais, objetiva analisar as interações entre a escola formal e os estudantes da comunidade Calon em meio ao processo pedagógico, procurando estabelecer em que medida as estratégias utilizadas permitem a efetiva inclusão social e educacional dos referidos sujeitos em fase de escolarização. Esta pesquisa-ação foi realizada no acampamento cigano Calon e em duas escolas públicas de Sobradinho DF. Como resultado, concluímos que o material escolar não dialoga com a cultura cigana, a matriz curricular não os contempla e que os professores não conhecem a etnia cigana, nem sentem que foram preparados para lidar com essa especificidade cultural e étnica.

Palavras-chave: Comunidade Cigana. Escola formal. Conflitos étnicos. Representação Social.

ABSTRACT

The present research is the result of a social investigation that aims to bring up the reality in which the Calon Gypsies live in Sobradinho - DF (Federal District), in Brazil, a community that is going through a process of cultural changes, transiting from a situation of nomadism to a situation of sedentarism. Due to their free-living culture, they encounter numerous difficulties of adaptation to the proposed educational system model. Thus, formal education is still an area that is antagonistic to their ways of life. Therefore, this research will approach the historical-cultural route of the Gypsy people, contributing to the analysis and understanding of the associations between gypsy ethnicity and the systematized school, as well as the dialogical processes that this school space uses, seeking to identify an intercultural education policy supported by human rights, which will allow the effective social and educational inclusion of Gypsy students in public schools. This qualitative research has as its theoretical basis dialectical historical materialism, which investigates social representations about the Gypsy people and how these representations, in turn, influence the journey of students and their ethnic conflicts in the school environment. In addition, it aims to analyze the interactions between the formal school and the students of the Calon community in the midst of the pedagogical process, trying to establish to what extent the strategies used enable the effective social and educational inclusion of these subjects in the schooling phase. This action research was carried out in the Calon Gypsy camp and in two public schools in Sobradinho - DF. As a result, we conclude that the school material does not dialogue with Gypsy culture, the curricular matrix does not contemplate them and that the teachers do not know the Gypsy ethnicity, nor do they feel they have been prepared to deal with this cultural and ethnic specificity.

Keywords: Gypsy community. Formal school. Ethnic conflicts. Social Representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Representação de mãos sobre a bandeira cigana.....	13
Figura 2	Estados com acampamento cigano no Brasil.....	35
Figura 3	Após muitas lutas, comunidade cigana Calon recebe da União a doação da terra.....	37
Figura 4	Imagem de satélite da comunidade Calon em Sobradinho – DF.....	38
Figura 5	Apresentação cultural dos ciganos Calon, realizada no centro histórico de Planaltina DF em junho de 2016.....	44
Figura 6	Casamento cigano.....	57
Figura 7	Evento realizado no Dia Nacional dos povos Ciganos 24/05/2016....	60
Figura 8	Horta comunitária no acampamento cigano.....	62
Figura 9	Representação das mulheres ciganas.....	64
Figura 10	Representações de Santa Sarah Kali.....	65
Figura 11	Apresentação das meninas ciganas na Câmara Legislativa do DF...	66
Figura 12	A escola visita o Rancho do Senhor Wanderley da Rocha.....	84
Figura 14	CEF 04 de Sobradinho, 2017.....	88
Figura 15	EC Sítio das Araucárias – Sobradinho.....	89
Figura 16	EC Sítio das Araucárias visitando as famílias ciganas.....	90
Figura 17	Sr. Wanderley da Rocha apresenta às crianças a horta comunitária, 2017.....	90
Figura 18	EC 16 – Sobradinho, 2017.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Perfil dos sujeitos da Comunidade Cigana Calon.....	92
Quadro 2	Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon.....	96
Quadro 3	Resultado e discussão dos Dados Coletados.....	105
Quadro 4	Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola).....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População cigana no mundo.....	31
Tabela 2	Participantes da pesquisa – EC Sítio das Araucárias.....	93
Tabela 3	Participantes da pesquisa – EC 16 (EJA).....	93
Tabela 4	Participantes da pesquisa – DF Alfabetizado.....	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estados com Acampamentos Ciganos no Brasil.....	35
Gráfico 2	Número de falas por categoria.....	123
Gráfico 3	Categoria Escola.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	Artigo
Anec	Associação Nacional de Etnia Cigana
Munic	Municipais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
EC	Escola Classe
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CEF 04	Centro de Ensino Fundamental 04
CRE	Coordenação Regional de Ensino
Conseg	Conselho de Segurança
GDF	Governo do Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNEDH	Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
UNIEB	Unidade de Educação Básica
GT	Grupo de Trabalho
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MHD	Materialismo Histórico dialético
SEDESTMIDH	Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos.
SEMIDH	
SEPPIR	Secretaria Especial de Promoção e de Igualdade Racial

SUMÁRIO

	CONSTRUINDO A PRÓPRIA HISTÓRIA.....	13
1.	ATÉ LOGO, MUITO OBRIGADO, BOA SORTE, DEUS TE ABENÇOE!!!.....	14
2.	INTRODUÇÃO.....	21
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
3.1	Materialismo histórico dialético na pesquisa educacional.....	25
4.	UMA HISTÓRIA NUM UNIVERSO DE MUITOS MISTÉRIOS, SEGREDOS E PRECONCEITOS.....	27
4.1	Questão fundiária: em ato inédito, após muitas lutas, Governo Federal concede terras ao povo cigano Calon do Distrito Federal.....	36
4.2	Cultura, etnia e identidade.....	39
5.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO POVO CIGANO: QUEM É ESSE POVO? COMO APARECEM NO NOSSO IMAGINÁRIO?.....	44
5.1	Quem é esse povo invisível, e como aparecem na literatura e nas músicas?.....	47
5.2	<i>Lócus</i> da pesquisa: um cenário de perseverança.....	53
5.3	Como é a sua organicidade?.....	55
5.4	O casamento cigano.....	57
5.5	O trabalho informal como meio de sobrevivência.....	60
5.6	Língua.....	63
5.7	A figura feminina e suas crenças.....	64
5.8	A dança e o poder de buscar força e alegria.....	66
5.9	Alguns marcos legais.....	68
5.9.1	Constituição Federal.....	68
5.9.2	Lei 0.069/90 – Estatuto da criança e do adolescente (ECA).....	69
5.9.3	Lei 9394/96 - Lei de diretrizes e bases da educação.....	70
5.9.4	PNEDH- Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.....	70
5.9.5	Resolução Nº 3/2012 do Ministério da Educação (MEC).....	70
5.9.6	Plano nacional de cultura (PNC)	71
5.9.7	Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno	

(CNE/CP) nº 01, de 17 de junho de 2004	72
5.9.8 Currículo em movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF).....	72
5.9.9 O Estatuto Cigano.....	75
6. O SISTEMA DE ENSINO: QUEM AUTORIZA E QUEM É AUTORIZADO?.....	77
6.1 O exercício da coletividade na construção de uma educação libertadora e emancipadora.....	82
7. DESVELANDO O CONTEXTO ESCOLAR: MÉTODOS DE PESQUISA E TRAJETÓRIA.....	86
7.1 Contexto da pesquisa.....	88
7.2 Participantes do estudo.....	91
7.3 Técnicas e instrumentos selecionados para obtenção das informações..	94
7.4 Procedimentos para análise de conteúdo.....	103
7.5 Dialogando com as categorias.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICES.....	141
ANEXOS.....	147

CONSTRUINDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

“As mãos são os livros da alma, nelas o destino escreve seu percurso.

Alguns possuem poemas nas mãos, outros dramas, mas todos ajudam a velha dona do destino a descrever sua história.

As mãos sempre se transformam, os rios, os atalhos, as estradas, ou seja, as linhas e os sinais sempre podem ser mudados e nos lembra que um aperto de mão é mais que um simples cumprimento. É uma conversa entre duas almas”

(Dom Adamo Calderon – Tradições mágicas dos ciganos, 1997)

Figura 1: Representação de mãos sobre a bandeira cigana



Fonte: Relatório Executivo. Brasil Cigano¹

¹ Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/porta1-antigo/arquivos-pdf/relatorio-executivo_brasil-cigano>>. Acesso em 20 out. 2016.

1. ATÉ LOGO, MUITO OBRIGADO, BOA SORTE, DEUS TE ABENÇOE!!!

Essas são as palavras de despedida, sempre acompanhadas de um sorriso espontâneo, sendo alguns com o brilho do ouro, muito brilho do olho, ou na pele castigada pelo sol, sempre expressando cordialidade, generosidade, humildade e gratidão. *Por que agradecem tanto? Quantas memórias trazem em seus corpos calados, suados, corados e marcados pelas longas viagens e exposições ao sol, à chuva e aos ventos?*

Fico a refletir sobre como um povo marcado por um longo histórico de peregrinação, dor, rejeição, expulsões e preconceitos consegue ser receptivo, demonstrando sentimentos tão nobres e humanitários. *Quem são essas pessoas que provocam tanto medo, sedução, fascínio e mistério? Que passado, presente e futuro os trouxeram para as nossas histórias, tão mal contadas que causam tanta dor a tanta gente?*

Pensando no destino, reporto-me ao passado. Ponho-me a pensar na minha caminhada pessoal e profissional como mulher, mãe, professora, trabalhadora, provedora de uma família com três filhos; como pessoa que para sustentá-los e suprir suas necessidades esteve trabalhando nos três turnos, nas militâncias com a educação popular, nas lutas diárias com alfabetização, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Ensino Fundamental. Isso, por sua vez, em três regiões geográficas totalmente distintas – Minas Gerais, Maranhão e Distrito Federal –, em locais, tempos e espaços diferentes, e sempre encontrando coragem para lutar, resistir e tentar transformar a minha realidade e a dos que faziam o percurso comigo.

As mudanças sociais, culturais e geográficas aconteceram por vários motivos: desemprego do meu pai, doença da minha mãe, dificuldade financeira, gravidez na adolescência, casamento precoce, inúmeras situações de violência familiar, separação e divórcio. Por cada local que passei me permiti mergulhar pelos hábitos, culturas e modos de vida do povo. Confesso que cada vez que foi preciso desfazer o ninho, remanejar ou adiar os planos, sonhos, reinventar e ressignificar a própria história, foram processos bastante dolorosos. Cada mudança sofrida me valeu muitos aprendizados. Sair do seu lugar de origem, das suas raízes, ou do lugar que você foi conduzido para construir sua família, criar seus filhos, lugar esse que, de alguma forma, tem toda uma historicidade e várias memórias familiares

significativas, é sempre motivo de desconforto e perda de um pouco de identidade. Ao chegar a outro local, com outros costumes, outras culturas diferentes da sua origem, certamente você leva um choque, fica mais arredia e precisa de um tempo para o corpo e a sua mente se adaptarem. *Pior é que poucos compreendem que você precisa desse tempo, para se revestir de proteção.*

Penso na trajetória de idas e vindas e nas dores de deixar amigos, amigas, parentes, família, escola, igreja, grupos jovens; deixar tudo para trás, tudo que construí ao longo do tempo. Imediatamente, faço uma analogia com as dores do povo cigano, cujas pessoas mudam constantemente, não necessariamente porque querem, mas por conta das condições que não lhe são oferecidas pela sociedade. São nômades por uma série de fatores históricos e econômicos, os quais os excluem, deixando-os às margens do capitalismo, seja por conta do descaso do poder público, seja pelo preconceito, racismo e inúmeras perseguições e expulsões ao longo de suas vidas.

Acreditava que a escolha de ser professora era unicamente por vocação, por amor. No decorrer de minha trajetória, compreendi que faz toda a diferença pensar como alimentei essas construções históricas, atentando-me para não reproduzir esse estereótipo de que o magistério é uma missão e um sacerdócio. Ao me apropriar da leitura do livro de *Vocação à Profissão* (RÊSES, 2013), pude desconstruir, reconstruir e alinhar esse discurso. Hoje digo que sou professora por opção e também por gostar de “gente”; sempre acreditei que a educação transforma e emancipa.

Conclui o curso Magistério – em nível do antigo 2º grau – em 12 de dezembro de 1984. Logo após, em 18 de dezembro de 1984, nasce minha primeira filha Kayla, fruto de um casamento precoce, complicado, difícil e com muitos desafios a enfrentar. Com apenas 17 anos, não tinha absolutamente certeza de nada, embora acreditasse que, perante aquela situação, com uma filha e um diploma de magistério estavam muitas lições, missões e desafios imprescindíveis e importantes.

Naquele momento, os meus anseios, projetos, planos e sonhos profissionais estavam em ascensão, porém logo percebi que alguns seriam definitivamente enterrados, outros apenas adiados por conta da maternidade juvenil, que chegou com todos os seus desdobramentos e responsabilidades. Dependia de muita força, coragem e resistência, como todas as mulheres que ainda, em sua juventude, se

deparam com a grande *contradição* de ser mãe. Uma imensa e prazerosa responsabilidade.

Enfim, 10 meses depois, lá estava eu em sala de aula, trabalhando com turmas de Educação Infantil e grávida do meu segundo filho, Leonardo, a quem sucedeu, 02 anos depois, minha terceira e última filha, Karina. Portanto, *aos 21 anos eu já era mãe de 03 filhos e professora numa escola pública e outra privada no interior do Maranhão*. Dez anos de muita correria, dividindo o meu tempo entre trabalho, filhos, família, casa e escola, me vem o desejo e a necessidade de fazer um curso universitário. Presto o vestibular e sou aprovada para o curso de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão. Durante todo o percurso acadêmico, nunca abandonei a sala de aula, trabalhando no diurno (revezando entre a universidade e a escola), no Ensino Fundamental e no noturno, lecionando na Educação de Jovens e Adultos.

Após um salto no tempo, no ano de 2000, após uma separação judicial desgastante, na tentativa de recomeçar, venho para Brasília, seguindo os passos de meus pais, que já haviam morado aqui, tendo trabalhado ambos na construção da “Capital da Esperança”. Procurando a *historicidade* dos processos lembro que meu pai, Francisco, trabalhava como carpinteiro enquanto minha mãe lavava as roupas e costurava as roupas dos candangos como eles. Retomando, já moradora de Brasília, fui aprovada e convocada no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, sendo lotada inicialmente no Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá e remanejada após dois anos para o Centro de Educação Fundamental 03 do Paranoá, onde permaneci por 10 anos, em diversas funções: professora, coordenadora e, até mesmo, vice-diretora, inicialmente indicada e posteriormente sendo eleita por meio da Gestão Democrática.

Já no ano de 2014, após minha saída do cargo ocupado na gestão da referida escola, passo a trabalhar como Coordenadora Intermediária responsável pela Educação de Jovens e Adultos em Sobradinho. Como coordenadora recebo a denúncia de que havia “*várias crianças fora da escola num acampamento cigano*”. Imediatamente, minhas lembranças me reportaram ao bairro onde eu nasci, em Belo Horizonte, com a passagem dos ciganos que andavam em “bandos” pelas ruas. Na ocasião, a vizinhança, temerosa, recolhia a roupa do varal, “catava” as crianças pelo braço e trancavam as casas, temendo algum tipo de abordagem ou aproximação

desses, pois a conversa que rodava era a de que eles eram *pedintes, roubavam, enganavam e trapaceavam o povo*.

Voltando a Sobradinho, relembro que, por sorte, tive a companhia de um generoso amigo de trabalho, Ademir Montenegro, coordenador intermediário do DF Alfabetizado, que em 2013, havia realizado algumas ações de alfabetização do Programa governamental do DF Alfabetizado. Na experiência da primeira Tenda Escola do Brasil, atendendo uma outra comunidade, do Córrego do Arrozal, eu obtive conhecimento de que os dois grupos eram da mesma etnia e da mesma família, dos ciganos Calon.

Chegamos ao acampamento sendo extremamente bem recebidos. Após o contato inicial percebemos que os ciganos daquela comunidade (que posteriormente compreendi pertencerem à etnia Calon), eram muito receptivos e falantes de diversos assuntos, embora apenas um pouco arredios em relação à escola, pois em seus relatos deixaram claro que bateram em muitas portas e não foram atendidos, logo ignorados. Segundo eles, algumas escolas já diziam, logo de cara, de imediato, não ter vagas, que ciganos não gostam de estudar, pois logo eles vão embora e abandonam a escola.

Ouvimos atentamente cada relato, que vinha acompanhado de uma voz embargada e de algumas lágrimas. Começamos a compreender as dificuldades e as fragilidades daquele povo tão sofrido, invisibilizado, suplicando ser compreendido, mas cheio de esperanças. Entendemos que o problema da escola era apenas a “ponta do iceberg”. Eram tantas negações, violações dos direitos e negligência do poder público em relação àquela comunidade que, naquele momento, tínhamos que realizar uma verdadeira força tarefa para tantas demandas. Registramos tudo e nos colocamos à disposição da comunidade, imediatamente. Em contato direto com as escolas, conseguimos **matricular todas as crianças no ensino fundamental e alguns jovens e adultos na EJA do período noturno**, embora com muitas dificuldades por causa do local do acampamento e o acesso ao transporte.

Olhando para aquelas pessoas, com hábitos e costumes próprios e específicos, imaginamos que não seria fácil, mas acreditávamos, como sempre, no diálogo sob a perspectiva freireana e histórico cultural de intermediação pedagógica, que baliza nosso entendimento teórico. Não demorou muito – apenas algumas semanas –, para que outra escola, que recepcionou um grupo de estudantes ciganos, se manifestasse junto com a sua equipe pedagógica, solicitando nossa

intermediação junto à coordenação regional de ensino para uma reunião na escola com as famílias do acampamento cigano, pois a chegada deles na escola havia causado alguns impactos; segundo eles, “trazendo muitos transtornos”.

Ao chegarmos à escola, nos surpreendemos ao ver o quanto as equipes gestoras e pedagógicas estavam assustadas e incomodados com alguns hábitos estranhos aquele ambiente e à rotina diária da escola. Eles haviam convocado, além de nós: Administração Regional; Conselho Tutelar; Bombeiro; Polícia Militar; Batalhão Escolar. Além de todo o corpo docente e administrativo da escola, em nome da comunidade estava apenas um casal, o qual compareceu respondendo em nome de toda a comunidade.

Na equipe pedagógica da escola, cada um a quem era dada a palavra falava da falta de adaptação das crianças ao ambiente escolar, da falta de acompanhamento pedagógico, da distorção idade/série, das dificuldades de aprendizagens dos estudantes ciganos, da falta de compromisso com os deveres de casa, do quanto eles são faltosos e chegam atrasados e muitas vezes sujos, do desleixo com o material escolar, do fato de os pais não responderem os bilhetes e avisos que a escola envia, enfim, inúmeras queixas e reclamações. Quando os “especialistas” pararam de falar, resolvemos lembrá-los que o casal poderia e deveria ser ouvido, pois até o dado momento ficaram silenciosos e cabisbaixos. Assim, todos concordaram em ouvir as justificativas dos ciganos.

Nos surpreendemos e arrisco pensar que alguns chegaram a ficar envergonhados quando na fala eles trouxeram a realidade em que vivem; que não sabem ler nem escrever, sendo essa a justificativa pelo fato de não responderem aos bilhetes, ou mesmo acompanharem seus filhos e filhas nas tarefas escolares de casa. Contaram que eles faltam muito porque muitas vezes perdem o ônibus que passa na pista distante do acampamento, que a estrutura deles é bem precária e lá não tem mesa, nem cadeira nem escrivaninha para as crianças estudarem e levar seu material limpo e, por fim, que vão sujos porque no acampamento não tem infraestrutura, nem banheiros e nem tampouco saneamento básico. Eles só podem contar com um bico de mangueira, sendo a água escassa, cedida pelos vizinhos e, portanto, prioritariamente para beber e cozinhar os alimentos. Terminaram convidando a todos os presentes para conhecerem a real situação em que vivem.

Naquele momento, vi vários rostos e corpos se movimentando, num óbvio sinal de desconforto da situação que acabaram de desvelar, mostrando que na

realidade a escola claramente deveria se reinventar para aprender a conviver com as diversidades, com os conflitos étnicos e pluriculturais.

Pessoalmente, senti a dor de quem vive nas “terras alheias”, de quem na verdade só precisa de um chão, um lugar para armar suas barracas de lonas rasgadas e desgastadas pelo tempo um chão para tirar dele o alimento tão sagrado para seus filhos e filhas. Lembrando as palavras do Pe. Beduino, “direitos humanos não se pede de joelhos, se luta de pé”. O que o povo cigano, na verdade, quer é um pouco mais de visibilidade, dignidade, respeito e conhecimentos. Naquele momento, o que eles estavam mendigando era simplesmente o dever do Estado. Apenas o cumprimento da Legislação Brasileira: “A Educação é um direito de todos e o dever do Estado”. (BRASIL, 1988).

Tenho para mim que não existe dor pior que a rejeição, a negação de espaços que deveriam ser acolhedores e humanizados, como o espaço na vida escolar. Um espaço rico de conhecimentos pluriculturais, espaço fértil, onde tudo que plantamos toda semente germina e frutifica em seu tempo, esse espaço não pode ser negado às pessoas, especialmente às da etnia cigana.

Conhecendo o acampamento, as histórias contadas por eles, as andanças, as humilhações e os percursos de mudanças, vi naquele povo cigano um esforço e uma vontade enorme de serem aceitos, respeitados e reconhecidos como cidadãos brasileiros com todos os direitos garantidos. Naquele exato momento nascia dentro de mim uma força e um desejo enorme de militar em favor daquela causa e procurar dar voz àquelas pessoas tão marcadas pelo silêncio.

Entrei, naquela reunião, cumprindo apenas uma função profissional como educadora, e saí com várias inquietações, indagações, reflexões e munida com uma imensa força de vontade de conhecer um pouco mais aquela cultura, aprofundar meus conhecimentos e juntar a minha voz à daquele povo, para, juntos, ecoarmos várias vozes silenciadas ao longo dos tempos, trazendo à tona as minhas memórias para tentar compreender a história e a memória daquele povo e sua cultura milenar.

Foi daí que nasceu o desejo de construir esta pesquisa-ação; para lutar com eles, não só para eles, na perspectiva de tentar conhecer a essencialidade daquelas histórias e tentar refletir e dar respostas a muitas inquietações e indagações.

Assim, acreditava que a luta seria árdua, necessitando de muitas mãos, pés e cabeças pensantes e trabalhadoras para fortalecer e dar musculatura àquelas histórias, dialogando com nosso trabalho de pesquisa interventiva da linha popular.

Desse modo, procurando minhas raízes no campo da biologia, comparo o percurso a uma gravidez: o óvulo da pesquisa foi **fecundado** no momento do encontro com a Comunidade Cigana Calon; foi **gerado**, coletivamente, nas discussões do grupo de pesquisa em Materialismo Histórico Dialético - Consciência e no Programa do Pós- Populares² da Ceilândia; bravamente e generosamente **gestado** com o apoio de: Wanderley da Rocha, Daiane da Rocha, Erlando Rêses, Wallace Roza, Luzeni Carvalho, Lara Andréia. Esses, assim como todos e todas que fizeram esse percurso conosco, o fizeram na perspectiva de contribuir para a *práxis* revolucionária, no sentido da implementação de políticas públicas de inclusão e emancipação voltados para os povos ciganos que compõem o cenário brasileiro, especialmente a comunidade cigana Calon da Rota do Cavalo, nossos principais sujeitos da pesquisa.

² Programa de Extensão da UnB coordenado pelo Prof. Dr Erlando Rêses, o qual ocorre quinzenalmente no prédio da UnB em Ceilândia no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - Cedep e no Valparaíso-GO, que visa fomentar a inserção de pessoas, pesquisadores da Educação Popular e militantes de movimentos sociais nos Programas de Pós-graduação da UnB, a partir da construção coletiva de projetos de pesquisa.

2. INTRODUÇÃO

Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.

(DRUMMOND, 1989)

O povo cigano faz parte da minoria étnica que sofre muitos preconceitos dentro e fora do espaço escolar. São ignorados e negligenciados pelo poder público, e sentem na pele, diariamente, a ausência de proteção do Estado. Ficam expostos e totalmente às margens da sociedade, e experimentam no seu dia a dia a violação dos seus direitos fundamentais. Os livros não trazem a realidade da sua história; a Constituição Brasileira não contempla o seu povo; no Censo demográfico (IBGE) eles não aparecem como grupo étnico, além de não existirem Políticas Públicas voltadas especificadamente a esse povo. Segundo Godoy (2016), a palavra-chave para a compreensão dos ciganos é a invisibilidade. É eloquente que o Censo populacional do IBGE não tenha dados acerca da população cigana no País, sendo escassos e imprecisos aqueles que se dispõe.

No cenário acadêmico ocorre o mesmo. Os trabalhos científicos direcionados para esse povo, ainda são escassos e pouco se conhece sobre os ciganos. Por serem ágrafos, não deixam registros; toda a sua história e cultura ficam na oralidade. Talvez pelo pouco conhecimento em relação a sua cultura, são marcados por um histórico de mitos, lendas e mistérios, muitas vezes por imagens folclorizadas e distorcidas. Daí as opiniões de senso comum prevalecem e viralizam, tornando naturais termos como: "os Ciganos são ladrões, trapaceiros, roubam crianças, enganam as pessoas, são sujos, são andarilhos, alcoólatras, preguiçosos, velhacos, mentirosos, trapaceiros, safados, feiticeiros, imorais, possuem sexualidade aflorada" e muito mais.

Em relação à escola formal, existe certa resistência, um estranhamento e um sentimento de não pertencimento a esse espaço, o que fica bastante claro ao se perceber a dificuldade de acesso e a permanência do estudante cigano na educação formal. A maioria não se adapta à escola, pois sua cultura de vida livre, viagens e festividades, os afastam cada vez mais do espaço escolar. São alegres, divertidos, amantes da arte, da música, cores, danças e magias. Trazem para o convívio do

ambiente escolar uma incrível cultura de vida livre e um encantamento aos fenômenos naturais e às relações familiares. É um povo que possui uma grande consciência e compreensão da sua realidade e de como é construída a sua identidade social. A escola pública é um grande mosaico étnico, espaço rico em diversidades, espaço irrigado por vários saberes, vários olhares inquietos, e várias vozes muitas vezes silenciadas ou amordaçadas. É um território fértil, contraditório, cheio de fronteiras, e tensões, fatores primordiais para a promoção e construção coletiva do conhecimento.

Tivemos décadas de negações de culturas tradicionais; o sistema sócio, político, econômico e educacional fez calar, destruir e mortalizar essas culturas, perdendo, assim, um acervo de saberes culturais, intelectuais de grande relevância, talvez irrecuperáveis, dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e hegemônico. A diversidade faz parte da constituição histórica do povo brasileiro. Ser diferente é ser humano. Pertencemos à mesma espécie, biologicamente somos constituídos do mesmo material celular, nascemos, crescemos e morremos, porém, somos sujeitos únicos, não vivemos abortados da vida social, isto é, somos sociáveis. O que nos fortalece como sujeitos coletivos e nos torna semelhantes é a luta contra as injustiças sociais.

Perceber hoje, em pleno século XXI, o não reconhecimento do estado brasileiro e a ausência de políticas públicas para uma comunidade tradicional que está a menos de 50 quilômetros do Palácio do Planalto é no mínimo algo de se indignar. O nosso País ainda não dá conta da sua diversidade e da sua população. Em meio a essa realidade, temos a Comunidade Cigana Calon enfrentando uma série de dificuldades de adaptação ao nosso sistema de ensino, que na maioria das vezes é engessado e não abre espaços para ouvir e dialogar com outras vozes, outras culturas. A escola deveria ser um espaço de reconhecimento e valorização de seus diversos sujeitos sociais, empreendendo e construindo uma luta histórica de reconhecimento dos seus sujeitos.

Diante, portanto, dessas ponderações históricas e educacionais é que a realização da presente pesquisa se justifica, uma vez que sua originalidade temática proporciona relevante reflexão acerca das representações sociais do modo de vida cigano, trazendo à luz a dificuldade desses povos em ter acesso a uma educação e a uma escola que lhes interessa. Também, este trabalho justifica-se pela

possibilidade da construção de uma proposta de educação diferenciada para os grupos minoritários que vivem às margens, excluídos e invisibilizados.

Ademais, acredita-se na construção coletiva de referências para possíveis mudanças de atitudes em relação à elaboração de políticas públicas, permitindo novos espaços dialógicos, os quais contemplem a relação etnicidade cigana e escola. Suspeita-se, ainda, que a justificativa mais fundante esteja no fato de a história desse povo, que, por muitos anos, teve as suas vivências envoltas em mistérios e silêncio, possa, agora, ter a oportunidade de ser manifestada e contada, ouvida e escrita. O espaço escolar necessita dialogar com a comunidade cigana na perspectiva de produzir conhecimentos que conduzam à inclusão social e educacional efetiva de todos os partícipes desse contexto, pois, reforçando e ecoando a fala do educador popular Paulo Freire, a inclusão acontece quando “se aprende com as diferenças e não com as igualdades” (FREIRE, 2000, p. 98).

Assim sendo, mediante as perspectivas apresentadas, a presente dissertação, de cunho investigativo social, buscará, considerando como contexto ideal uma escola que atenda às expectativas da comunidade cigana, ou seja, uma escola inclusiva e de políticas públicas de educação dentro do que orienta os documentos norteadores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, respostas para a indagação que segue. **Em que medida a escola pública trabalha – com ênfase na diversidade e direitos humanos – com povos tradicionais ciganos para uma educação emancipadora?**

Acreditamos que esta pesquisa-ação procura trazer respostas advindas dos seus sujeitos e sujeitas, assim como subsídios para que possamos compreender como ocorre o diálogo entre a escola pública e a etnicidade cigana Calon em Sobradinho. Entendemos que essa discussão pode nos fornecer um paradigma para compreendermos esse fenômeno – na perspectiva da *totalidade* – a partir da compreensão do problema não apenas no Distrito Federal, mas também nos âmbitos nacionais e internacionais.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar o processo de escolarização dos ciganos da Comunidade Calon por meio das ações pedagógicas desenvolvidas na escola e investigar como se dá o processo de interação e diálogo entre a etnicidade cigana e a educação formal.

Objetivos Específicos

- a) Analisar o percurso histórico, cultural e social dos povos ciganos Calon.
- b) Problematizar e discutir as representações sociais produzidas historicamente sobre os povos ciganos.
- c) Identificar os marcos legais e as políticas públicas que contemplem os direitos fundamentais do povo cigano.
- d) Investigar a comunidade cigana local em seus interesses e expectativas em relação à educação formal.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Materialismo histórico dialético na pesquisa educacional

O marxismo é um enfoque teórico que contribui para desvelar a realidade, pois busca apreender o real a partir de suas contradições e relações entre singularidade, particularidade e universalidade. Este enfoque tende a analisar o real a partir do seu desenvolvimento histórico, da sua gênese e desenvolvimento, captando as categorias mediadoras que possibilitam a sua apreensão numa totalidade.

(RÊSES, 2015).

A partir da análise de Rêses (2015), pode-se dizer que o Materialismo Histórico Dialético (MHD) é uma teoria na qual o indivíduo, único e social, tem valor de estudo sempre quando acrescido sua historicidade, suas vivências sociais e seu diálogo como partícipe de uma sociedade. Nesta pesquisa, se tratando de uma comunidade cigana, o olhar do MHD nos aproximará da investigativa social não somente recortando as vivências que nos cabe facilitar o olhar de pesquisador, mas, também, permitindo dialogar com o todo, o real, o experimentado e o vivido, valorizando a singularidade, a particularidade e a universalidade. Portanto, a matriz teórica é fundamentada nas categorias abaixo, que dialogam com a pesquisa educacional:

- 1) A **totalidade** em que a cultura cigana tem ampla interação dos pares e com os espaços de convívio, compreendendo a realidade e suas íntimas leis, lembrando que tudo está ligado com o todo.
- 2) A **historicidade** em que buscamos a sua essência, as suas memórias, a qual resgata não somente a história do acampamento, mas sim como os seus indivíduos viveram, as situações de decisões, de expressão cultural, a aquisição e formação do ser político e social, enquanto um cigano pertencente a uma história milenar envolta de muitos conflitos e mitos.

3) A **mediação**, maneira pela qual saímos do concreto (tese) e vamos para o abstrato (antítese). Buscamos a síntese e a superação e voltamos para o concreto pensado e reconstruído. Nesse movimento de ir e vir constante, realizamos a dialética para compreender as ações e os sujeitos da pesquisa.

4) A **contradição**, com a qual, durante esse percurso, o tempo todo, nos deparamos. Ela nos impulsionou a avançar e a alargar as fronteiras das nossas mediocridades. E, com os ciganos, essa é uma categoria mais presente e marcante, pois, a todo instante, estamos navegando a linha tênue dos contrários, nos deparando com o bem e o mal, o certo e o errado, o sagrado e o profano, o ser e o poder, o tradicional e o liberal. Analisamos o todo e o fragmentado, a inclusão e a exclusão, compreendendo que não se explica a história a partir do contentamento, mas sim por meio das contradições, permitindo que a dialética prevaleça e atenda ao todo.

Na perspectiva materialista, o próprio Marx fortaleceu as categorias mencionadas sob a perspectiva de que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas ao contrário, seu ser social é que determina a sua consciência” (MARX, 1983, p. 24). Em outras palavras, podemos dizer que não somos aquilo que conscientemente queremos ser, mas somos resultado daquilo que nos foi oferecido e concedido em nosso contexto social.

Na epistemologia do MHD, a pesquisa educacional contribui para o conhecimento e desenvolvimento do objeto de estudo, bem como procura uma práxis revolucionária rompendo com os padrões e paradigmas de uma sociedade classista, por meio da **luta de classes**. Para finalizar, vale ressaltar que Marx (1992) dialoga sobre a função social da dimensão transformadora da práxis. “É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e poder, o caráter terreno do pensamento [...], não basta interpretar, o que importa é transformar.” (p.39).

Sigamos trabalhando nessa perspectiva de uma ação dialógica e emancipadora, a fim de permitir que nosso trabalho acadêmico possa contribuir e intervir de maneira efetiva, possibilitando avanços e mudanças significativas a todos envolvidos no processo.

4. UMA HISTÓRIA NUM UNIVERSO DE MUITOS MISTÉRIOS, SEGREDOS E PRECONCEITOS

“O conhecimento é o único instrumento capaz de atravessar a cortina tênue diária do preconceito...”

(AMSK, 2015)³

Inicialmente, procurando trabalhar na perspectiva marxiana da *essência e aparência*, consideramos que por trás da diversidade cultural e étnica do Brasil existe um povo, que faz parte do patrimônio sociocultural brasileiro desde a época do Brasil Colônia, mas que, por sua vez, vive numa “invisibilidade” histórica. Essas pessoas, sujeitos e sujeitas históricos, trazem consigo uma vida de perseguições, expulsões e discriminação.

Dessa forma, investigar sua cultura e sua história significa mergulhar *essencialmente* num universo de mistérios e mitos, construídos ideologicamente, de modo a perpetuar e justificar sua exclusão, desde a infância. A história desse povo é recheada de imagens estereotipadas, distorcidas e fantasiosas. Conhecemos muito pouco da cultura cigana, como nos faz refletir Frans Moonem:

Na luta contra o anticiganismo existe um enorme campo de trabalho ainda inexplorado por cientistas das mais diversas áreas. [...] Porque a ciganologia brasileira está apenas dando seus primeiros passos e ainda pouco ou nada tem contribuído para diminuir a ignorância dos brasileiros sobre seus conterrâneos ciganos, e assim diminuir também os preconceitos e a discriminação anticigana. No Brasil, a nossa ignorância ainda é enorme. (MOONEM, 2011, p.220).

Conforme aponta Teixeira (2008), o povo cigano começa a se dispersar pelo mundo há cerca de mil anos. A teoria mais aceita na atualidade, por meio da Linguística, defende a versão de que são oriundos da Índia, constatando a semelhança e o parentesco entre as línguas ciganas e o sânscrito. Ainda segundo o mesmo autor, de cada 30 palavras ciganas, treze são de origem *hindi* (língua derivada do sânscrito). Hoje uma de suas línguas-mãe é o *Romani*, considerado um autêntico dialeto cigano.

³ Associação Maylê Sara Kali, 2015.

Mesmo pertencendo a um grupo étnico próprio, ao longo da história, e após séculos de migrações, eles não são um povo homogêneo. Segundo aponta a literatura, o povo cigano se divide em três grandes etnias: **Rom**; **Sinti** e **Calon**. Cada um desses grupos possui características próprias, como língua, costumes, hábitos e cultura. Embora pareçam, sob o ponto de vista “de fora”, como pertencentes à mesma classe social, observa-se grande diferença socioeconômica entre as comunidades.

Especialmente a partir da centralidade da categoria trabalho, podemos observar que os Rom, historicamente ligados à produção e ao comércio de bens de alto valor (jóias, obras de arte; automóveis); estão ligados à *burguesia*, possuindo bens e acesso às facilidades da sociedade do capital, sendo comum sua sedentarização. Outras comunidades, como a Calon, especialmente aquelas nômades, com pouco acesso à escolarização e à produção de bens e serviços, sobrevivem, grosso modo, apenas com a sua força de trabalho marginalizado, como leitura de mãos, venda de panos de prato e o escambo de mercadorias de baixo valor agregado.

Ou seja, mesmo entre as populações ciganas observa-se a grande questão marxista: **a luta de classes é onipresente também entre o povo cigano**. Observa-se uma grande diferença entre os donos dos meios de produção (ligados à etnia Rom) e aqueles (da etnia Calon), que apenas possuem sua força de trabalho como meio de sobrevivência.

Toda sociedade até hoje existente assentou-se, no **antagonismo de classes opressoras e oprimidas**. [...] Ser capitalista significa assumir não apenas uma posição meramente pessoal na produção, mas também uma posição social. O capital é um produto coletivo e só pode ser posto em movimento mediante a atividade comum de muitos membros, e até mesmo, em última instância, mediante a atividade comum de todos os membros da sociedade. O capital, portanto, não é uma potência pessoal, ele é uma potência social. (MARX, 2015, p. 46, grifo nosso).

Retomando a classificação étnica - procurando o diálogo a partir da teoria marxista -, os **Roma** ou **Rom** se autodenominam como ciganos “autênticos”. São os ciganos não ibéricos, predominantes dos países balcânicos, Itália e Europa Central; possuem maior concentração na Romênia. Acredita-se que tenham chegado ao Brasil com suas famílias na primeira metade do século XIX. Segundo Teixeira (2008),

o Rom que chegou mais cedo ao território mineiro foi Jan Nepomusky Kubitschek, marceneiro no Serro e em Diamantina. Era um imigrante vindo da Boêmia, entrou no Brasil por volta de 1830-1835, casando-se com uma brasileira, Teresa Maria de Jesus, com quem teve dois filhos.

O primeiro foi João Nepomuceno Kubitschek, o segundo Augusto Kubitschek, um comerciante que viveu toda sua existência em Diamantina e teve uma filha, Júlia Kubitschek, que viria a ser a mãe do então presidente da República Juscelino Kubitschek (1956-1960). Ou seja, tivemos um presidente do Brasil, de origem cigana, e os livros não relatam essa história (TEIXEIRA, 2008).

Os ciganos Rom são divididos em *quatro subgrupos* segundo a origem ergonômica e habilidade para o trabalho. Primeiramente, se tem os **Kalderash**, os quais dominam bem o trabalho manual com metais. São “verdadeiros” artesões, mexem com o ouro, cobre, ferro, alumínio, fabricando utensílios domésticos e ferramentas para trabalhos manuais.

Em segundo, há os **Matchuara**, tidos como ciganos bons de comércio. Geralmente são vendedores ambulantes. Segundo a tradição, dominam a arte de vender, comprar, barganhar, trocar. Pelas suas andanças e viagens diversas, adquirem mercadorias em um local e repassam para outras pessoas, que muitas vezes se “encantam” com sua maneira perspicaz de negociar.

O terceiro grupo é o **Lovara**, o qual é muito ligado às artes cênicas, à música, à dança. A maioria tem uma forte inclinação para o trabalho circense e teatro mambembe.

Em quarto se tem os **Tchurara**, que são conhecidos como excelentes domadores de animais. Segundo relatos, eles dominavam a arte de hipnotizar os animais com sua magia e astúcia. Foram muito utilizados como mão de obra barata por fazendeiros e donos de animais, colecionadores de cavalos e donos de circos. Esses últimos, até um tempo atrás, utilizavam apresentações de animais exóticos em seu repertório de eventos e apresentações artísticas, porém hoje a lei proíbe isso.

Sabe-se que, na atualidade, a maioria dessas profissões foi se extinguindo ao longo dos tempos, exigindo desse povo novas mudanças de locais, de perspectivas e de propostas de trabalho para sua subsistência e de sua família, os forçando a fixar moradias e passar de uma situação de nomadismo para o sedentarismo.

Na sequência, se tem os **Sinti**, nome de origem toponímica devido ao fato desse grupo cigano ser conhecido por possuir forte relação histórica com os lugares em que vive, tais como os seus assentamentos restritos. Também chamados de *Manouchi*, falam *Sintó*, são mais numerosos na Itália, França e Alemanha, não tendo registros de presença significativas no Brasil. Segundo Teixeira (2008), nunca foi feita uma pesquisa apurada sobre sua presença no Brasil. Sabe-se que, no fim da segunda guerra mundial, mais de 500.000 foram usados como cobaias nos experimentos científicos de vacinas, instrumentos de extermínio em massa, trabalhos escravos, além de terem sido covardemente exterminados nos campos de concentração nazista.

Verticalizando a discussão para os nossos sujeitos e sujeitas da pesquisa, temos os ciganos e ciganas **Calon** ou **Kalé**. Tal nomenclatura teve origem na tipologia física, e deriva de *Kali* ou *Kalin*, o que significa “pessoas de pele cor cobre”. Em sua grande maioria vivem na pobreza e marginalização. Por serem, nômades, ou seminômades, *vivem em barracas e tendas e viajam sempre “em bando”, carregam fortemente essa característica de cor da pele bem queimada, castigada pelo trabalho sob o sol, justificando a cor avermelhada do cobre*. Foram os primeiros ciganos a chegarem em terras brasileiras, por volta do século XVII. Vieram expulsos de Portugal e Espanha.

Esses países, por terem uma característica conservadora, sentiram-se ameaçados e expulsaram os ciganos Calon, *aparentemente*, por causa de sua cultura livre e costumes religiosos místicos e espíritas. Defendemos que, *essencialmente*, as perseguições às comunidades ciganas Calon estão ligadas intimamente às suas *condições materiais*, ou seja: **os (as) ciganos (as) Calon – pobres e nômades –, eram o alvo principal das políticas de higienização, implementadas pelo Estado desde os tempos remotos até a atualidade**. Passando a ser alvo de grandes perseguições, os Calon eram considerados responsáveis por epidemias e pestes, que na época se espalhavam pelo País, como era o caso da varíola, do sarampo e de outras doenças. Também conhecidos como ciganos Ibéricos, possuem como língua falada o *caló* ou o *chibe*, a qual é uma variação do *Romani*.

É um dos grupos ciganos que mais fielmente seguem as tradições do seu povo. São os criadores da dança flamenca e da figura dançarina da cigana. Seus

costumes, amor e devoção à arte e à dança serviram de fortalecimento para consolar o grupo e manter a resistência para suportar o martírio pelo qual passaram durante a diáspora pelo mundo. Mesmo os dados da população cigana pelo mundo sendo ainda incipientes, acerca dos números, Rodriguez (2011), por meio dos seus levantamentos, nos traz um montante que gira em torno dos 10 milhões – isso à época – conforme tabela a seguir.

Tabela 1: População cigana no mundo

(continua)

Albânia	115.000
Alemanha	105.000
Argentina	300.000
Áustria	25.000
Bielorrússia	40.000
Bélgica	30.000
Bósnia-Herzegovina	50.000
Brasil	1.000.000
Bulgária	750.000
Colômbia	8.000
México	15.850
Croácia	35.000
Dinamarca	5.500
Equador	1.000
Eslováquia	500.000
Espanha	650.000
França	400.000
Finlândia	11.000
Grécia	265.000
Países Baixos	40.000

Fonte: Rodriguez (2011), *apud* Godoy (2016, p. 34).

Tabela 1: População cigana no mundo

(conclusão)

Hungria	700.000
Irlanda	37.500
Itália	140.000
Letônia	14.500
Lituânia	3.000
Luxemburgo	300
Macedônia	197.750
Polônia	37.500
Portugal	55.000
Reino Unido	225.000
Romênia	1.850.000
Rússia	825.000
Sérvia	600.000
Suécia	42.500
Turquia	2000 – 5.000
Checa	200.000
Ucrânia	260.000
Uruguai	400.000
Chile	15.000 – 20.000

Fonte: Rodriguez (2011), *apud* Godoy (2016, p. 34).

No Brasil, é inconteste a escassez de pesquisas na área. Reconhecemos, assim, que os dados oficiais sobre os ciganos ainda são incipientes. Entretanto, salienta-se o trabalho do professor da UFPB, já falecido, Frans Moonem, o qual muito se debruçou sobre os estudos ciganos no Brasil e na Europa, é merecedor de nosso enorme respeito e reconhecimento.

Frans Moonem, antropólogo e pesquisador, realiza, no estado da Paraíba, um levantamento dos aspectos sociais dos ciganos e produz uma leitura antropológica sobre a origem do grupo Calon, sua genealogia e condições de vida em pleno século XX. Afirma serem descendentes de ciganos portugueses, que migraram para o Brasil voluntária ou compulsoriamente. (MOONEM, 2008, p 65).

Os primeiros ciganos Calon que chegaram ao Brasil eram oriundos de Portugal. Não se sabe ao certo quantos desses vieram para o nosso País; o que se

sabe é que foram expulsos e deportados para as colônias ultramarinas⁴. Segundo Teixeira (2008), a história dos Ciganos Calon, aqui no Brasil, iniciou-se em 1574, com a chegada do cigano João Torres e sua mulher Angelina e filhos, os quais foram segregados após serem presos pelo simples fato de serem ciganos.

A vida dos ciganos no Brasil, assim como no mundo todo, sempre foi de discriminação e preconceito. Eram tidos pela igreja como demônios, bruxos, a sociedade associava a sua imagem com tudo de ruim que acontecia, roubos, conflitos, sequestro de criancinhas, dentre outros delitos que ocorriam em locais em que tinha ocupação de povos ciganos. (SIMOES, 2007 apud. TEIXEIRA, 2008, p 82).

Um dos motivos dos ciganos terem vindo expulsos de Portugal para o Brasil, no século XV, foi por causa da legislação, a qual tinha como objetivo enquadrar e conter os ciganos para obrigá-los ao sedentarismo, os proibindo, também, de andar em bandos, usar seus trajes, linguagens e manter seus hábitos culturais. Como punição, eram obrigados a trabalhar nas galés⁵ ou eram presos e mortos. Portanto, para higienizar Portugal daquele povo, até então desprovido de tudo e com hábitos totalmente diferentes e ameaçadores à ordem pública, a alternativa foi enviá-los ao Brasil. Segundo a pesquisadora portuguesa Elisa Maria Lopes da Costa, naquela época do Brasil Colônia, Portugal também precisava desbravar as terras pouco exploradas brasileiras, havendo necessidade de enviar um povo corajoso para enfrentar os índios e os negros que aqui já estavam habitados, então os ciganos seriam uma ótima opção para servir de “escudo humano”.

Havia a necessidade de povoar as terras descobertas pelos portugueses ou que, dominadas por outros povos, ficaram submetidas em regra pela força das armas, a Portugal. Assim, era necessário encontrar gentes destemidas, aventureiras ou audazes, dispostas a arriscar tudo, a começar pela própria vida, a fim de que os territórios dominados pela coroa pudessem render o máximo. (COSTA, 1998, p.38).

Esse cenário, por sua vez, expõe, de forma realista, o contexto em que **os ciganos Calon chegaram ao Brasil, ou seja, não de forma voluntária, mas de forma compulsória e em caráter de trabalho escravo, ameaçador e correndo sérios riscos de vida, tanto nas longas viagens em navios superlotados,**

⁴ Áreas que estendem além do mar, outros continentes.

⁵ Galés eram navios movidos a remos, mastros e velas.

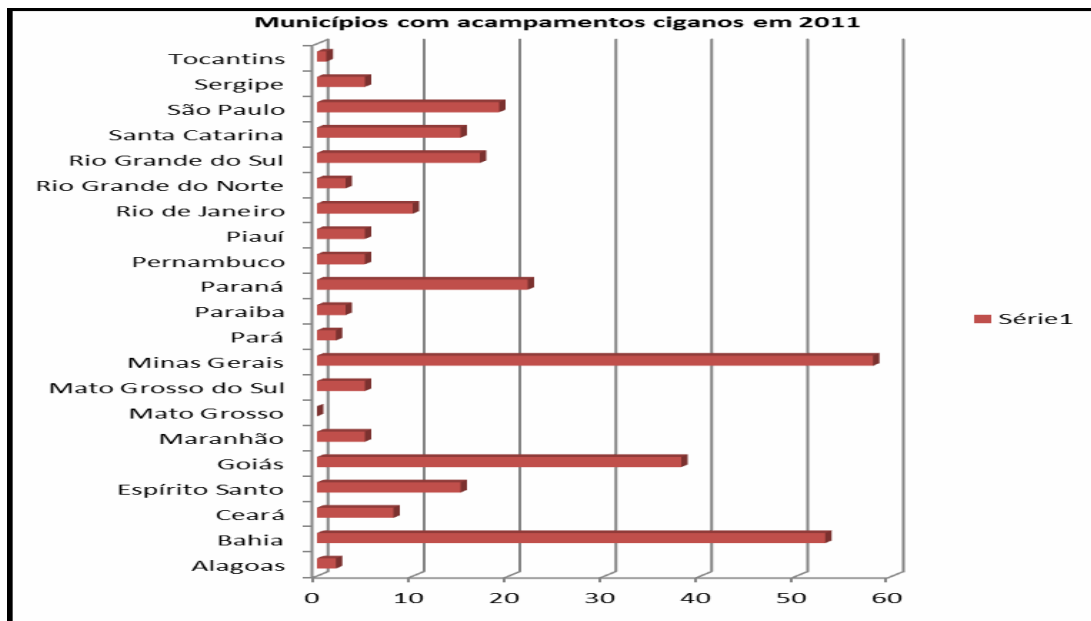
atravessando o Atlântico, quanto na chegada, nos confrontos e nas formas de adaptação climática, social e cultural. Para sobreviverem a todas as dificuldades, tiveram que fazer um esforço tremendo e muitas artimanhas no sentido de interagir com o meio até então desconhecido, se submetendo a todo tipo de trabalho.

A ideia era mantê-los longe das regiões mineradoras e Portuárias. No Brasil, eles foram deportados em grande parte para os estados do: Maranhão, Pernambuco e Bahia, onde exerciam funções de comerciantes, cavaleiros, manipuladores de metais. Dessa forma, e na tentativa de mantê-los nômades, eram condenados a viverem às margens das sociedades, sendo vitimados com a ausência do Poder Público e de seus direitos sociais, fazendo parte de uma minoria étnica que durante muitos anos foi ignorada pelo Estado.

Tal indiferença se estende até os dias atuais, momento no qual ainda se é evidente a sensação experimentada pelos ciganos Calon de não pertencimento, de não existência, de não possuir pátria e de não fazer parte da sociedade. Em meio a tudo isso, se destaca a sua busca por acesso aos bens e serviços do seu País, mesmo que, para tanto, precisem lidar com a dor da discriminação, a fim de preservar e recuperar a sua identidade fecunda. Por outro lado, percebemos que esse povo estigmatizado, por sua vez, possui inegáveis raízes históricas no Brasil. Os números são expressivos e reforçam a presença dessa comunidade no Brasil assim como na América Latina.

De acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011 foram identificados 291 acampamentos ciganos no Brasil, localizados em 21 Estados, sendo, Bahia, Minas Gerais e Goiás os de maior concentração. Em relação à população cigana total, estima-se que há hoje cerca de 800.000 ciganos no Brasil. Trazendo os dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic/IBGE – 2011) e declaração de ciganos participantes do GT-MEC-CIGANOS, assim estão distribuídos segundo o IBGE, no Brasil, os acampamentos ciganos por Estados e Municípios.

No Distrito Federal e entorno, segundo levantamento realizado por grupo de líderes dos acampamentos e pela ANEC (Associação Nacional das Etnias Ciganas) na pessoa do Sr. Wanderley da Rocha, estima-se que existam por volta de 3.000 ciganos.

Gráfico 1: Estados com Acampamentos Ciganos no Brasil

Fonte: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. IBGE/2011⁶.

Figura 2: Estados com acampamento cigano no Brasil

Fonte: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPIR), IBGE/2011 e GT Ciganos/2014.

⁶ Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2011/munic2011.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2016.

Mesmo com um significativo número de acampamentos e comunidades ciganas Calon, localizadas e mapeadas em 21 estados brasileiros, nota-se o descaso com esse povo, os quais, por diversas vezes, são empurrados para as periferias, dificultando o acesso à escola, à saúde, à segurança, à justiça e aos programas sociais de combate a vulnerabilidade social.

4.1 Questão fundiária: em ato inédito, após muitas lutas, Governo Federal concede terras ao povo cigano Calon do Distrito Federal⁷

Procurando dialogar com a história da comunidade cigana Calon da Rota do cavalo, em Sobradinho, em 2009, depois de muitas lutas, idas e vindas da comunidade cigana pelo Goiás, Minas Gerais, e pelo entorno do Distrito Federal, finalmente, no dia 24 de junho de 2015, num ato histórico e inédito, o governo de Brasília e o Governo Federal assinam o Termo de cessão de imóvel que beneficia duas comunidades ciganas do Distrito Federal.

Essas terras foram doadas pela União ao Governo do Distrito Federal (GDF), que repassou para os ciganos o termo de posse. Segundo a Secretaria do Patrimônio da União (SPU), a regularização fundiária para fins de moradias em áreas ocupadas por comunidades tradicionais está regulamentado e fundamentado no artigo 1º, inciso I, da Portaria de nº 232/2005 do Regimento interno da SPU, na Lei 12.288, de 20 de junho de 2010, e na Política Nacional do Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, estabelecida pelo Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007.

⁷ Disponível em: << <http://www.planejamento.gov.br/assuntos/patrimonio-da-uniao/noticias/em-ato-inedito-governo-concede-terra-para-comunidade-igana-no-df>

Figura 03: Após muitas lutas, comunidade cigana Calon recebe da União a doação da terra



Fonte: Acervo da Comunidade Cigana Calon

Para os ciganos Calon, desta comunidade, a *luta pela terra* foi uma conquista histórica. Mais do que conquistar a terra, o direito de permanência e fixar moradia, *é o primeiro passo no sentido de uma vida minimamente digna e o direito da construção de suas histórias e memórias sobre seu território*. Segundo Daiane da Rocha (2016) – liderança feminina do acampamento sujeito desta pesquisa –, anteriormente a essa luta, durante suas viagens, muitas vezes a comunidade parava em algum terreno vazio para descansar e cozinhar, daí a polícia, ou mesmo os vizinhos, chegavam e os expulsavam dos locais, sem ao menos dar tempo para alimentar as crianças e recolherem seus pertences.

Portanto, entendemos que a luta e a permanência nesse chão é, para o grupo, o primeiro passo, em uma longa caminhada, rumo ao direito fundamental da dignidade humana. Reforçando essa fala, o líder do acampamento, Wanderley da Rocha, nos traz valorosa reflexão, na qual podemos perceber a naturalização das assimetrias sociais e econômicas, por meio de um discurso o qual, em certa medida, está alinhado com a ideologia dominante:

Professora, a terra é tudo pra nós. É tudo que precisava para conseguir erguer nossa vida. Ninguém é melhor que ninguém. Às vezes um tem mais oportunidades que outros, porém somos todos filhos de Deus e seres humanos. Sentimos dor, fome, frio, temos necessidade de ser reconhecidos. Então, o que gostaríamos é que o Estado desse pra nós só o reconhecimento. Não queremos dinheiro! Dinheiro, nós vive sem dinheiro. O dinheiro não faz as pessoas viver feliz. O importante é ter Deus na nossa vida. (Wanderley da Rocha, 2016, informação verbal).

A cessão de terra, por parte da União, foi uma conquista de duas comunidades ciganas Calon presentes em Sobradinho, à época: a primeira na área da antiga fazenda Sálvia, no Núcleo Rural Córrego do Arrozal, em Sobradinho, liderada pelo senhor Elias, com 2,2 hectares ocupados por um grupo de aproximadamente 87 pessoas; e outra (sujeitos desta pesquisa) para o grupo do Senhor Wanderley da Rocha, com 3,5 hectares com aproximadamente 18 famílias, sendo composta por 70 pessoas, representada pela Anec (Associação Nacional das Etnias Ciganas), que localiza-se na Rota do Cavalo, no Condomínio Serra Verde, onde o grupo batizou de acampamento Nova Canaã, a terra prometida. Estão, portanto, ambas na região do Núcleo Rural de Sobradinho, distante uma da outra por volta de 15 km.

Há de se ressaltar que a assinatura desse documento ocorre em 2015, ainda sob o governo progressista, antes do golpe parlamentar, graças aos esforços dos técnicos da Superintendência Regional da SPU os quais, baseados em estudos e análises realizadas pela SEMIDH e SEPPIR, e após várias visitas ao local, confirmaram o modo de vida tradicional dessas comunidades ciganas, fato esse que os credenciou como povos nômades tradicionais.

Figura 4: Imagem de satélite da comunidade Calon em Sobradinho – DF



Fonte: Disponível em: << <http://bit.ly/2ieYfij>>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

4.2 Cultura, etnia e identidade

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo [...], sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

(FREIRE, 2000)

Retomando a linha de raciocínio, procurando o diálogo a partir da *teoria das múltiplas determinações*, o Brasil por sua extensa amplitude territorial, conseqüentemente, apresenta uma grande diversidade cultural. Vivemos rodeados de *contradições* que nos exigem reflexões e reformulações constantes dos nossos conceitos. Se por um lado temos um País rico em recursos e diversidades naturais, com belas paisagens, lindas praias, montanhas, vales, rios e florestas fascinantes, por outro lado somos a representação de muitas etnias, um verdadeiro mosaico étnico, racial, social, cultural. Portanto, o que nos une, infelizmente, também, nos separa, haja vista diversos fatores: biológicos, geográficos, etnográficos, sociais, culturais e principalmente desigualdade social, que é o ponto forte.

Pelo fato de sermos um povo tomado por características de país colonizado, observa-se a forte tendência de copiarmos paradigmas e padrões das economias capitalistas centrais como referência de tudo que é aceitável, correto, belo, positivo, atraente e verdadeiro. Tudo que difere desse modelo hegemônico parece estranho e deslocado. Os grupos considerados “estranhos” a esse padrão, como ciganos, negros, camponeses, quilombolas, índios, homossexuais, prostitutas, enfrentam, cotidianamente, grandes lutas para conquistarem seus direitos e reconhecimento enquanto sujeitos coletivos que fazem parte da história e que trazem, por sua vez, em suas trajetórias de vida, um rico e diversificado acervo social e cultural.

Para conhecer a cultura de um povo, precisamos nos debruçar sobre a sua história. E os ciganos, ainda que estigmatizados por terem seus costumes e modos de vida diferentes, não abrem mão de sua cultura. Muitos questionam: *Mas de onde*

vieram os ciganos? O que determina ser cigano? É uma religião ou uma filosofia de vida? Qualquer um pode se tornar um cigano? Nasce cigano ou escolhe ser um? Todos esses questionamentos e indagações são muito antigos e polêmicos e causam, simultaneamente, espanto e fascínio. Isso nos conduz, também, a refletir que a diáspora dos ciganos pelo mundo foi, gradativamente, delineando, desenhando e construindo a história e cultura desse povo.

Segundo Laraia (1932) o conceito de cultura é muito amplo e, para entendê-lo, precisamos compreender a historicidade do povo. Em seu livro “Cultura, um conceito antropológico”, o autor nos revela que existem determinismos biológicos e geográficos, sobre os quais os antropólogos, depois de muitos estudos, perceberam que as diferenças genéticas, ou biológicas, não são determinantes das diferenças culturais. Em nosso entender, há de se considerar as bases materialistas como determinantes para se compreender a cultura de um povo.

Não existe relação significativa entre o equipamento biológico e a distribuição dos comportamentos culturais. Em contrapartida, o determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam e alteram a diversidade cultural. (LARAIA, 1932, p.21).

Portanto, os povos ciganos (Rom; Sinti e Calon), *aparentemente* dentro de uma “única” etnia, *essencialmente* divergem em seus comportamentos, modos de vida e cultura, principalmente pela **questão da classe**. Ou seja, em nosso entendimento, a base material, as condições financeiras e o trabalho são decisivos de modo a melhor compreender a partir de qual perspectiva cigana ocorre o diálogo. Ao pesquisarmos os ciganos Calon, alinhamo-nos às perspectivas da classe oprimida, dos ciganos e ciganas que, ao longo da história, não tiveram acesso aos meios de produção, à educação formal e às políticas públicas adequadas. Nesse sentido, quando se reproduz a história sob a ótica dos ciganos que ocupam **o extrato social da burguesia, se invisibiliza a luta de classe daqueles que estão oprimidos e marginalizados, e que pertencem às comunidades nômades Calon.**

Clifford Geertz, antropólogo norte-americano, diz que:

“a interpretação das culturas” nos traz a seguinte reflexão: “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. Portanto,

não como ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p.15).

Portanto, entendemos que, ao buscar significados, podemos melhor compreender as questões relacionadas à cultura no contexto de um povo. A partir daí, passamos a entender determinados comportamentos os quais, outrora, nos pareciam estranhos e absurdos. Nesse universo, vamos ampliando nosso acervo de conhecimento, bem como os inúmeros signos e significados existentes sobre esse assunto, rompendo as nossas barreiras e preconceitos, pois refletir sobre as diversidades culturais exige, de cada um, a superação de um pensamento hegemônico e etnocêntrico. Dessa maneira, é imprescindível conhecer o que nos causa estranhamento, pois, só assim, estaremos inclinados às outras tantas possibilidades.

A respeito da identidade cigana, difícil falar de uma ou várias comunidades com diversos traços culturais que são popularmente identificados pela palavra cigano. Historicamente, essa palavra foi empregada a esses grupos pelos europeus do século XV, mas normalmente “eles próprios e também os ciganólogos os denominam por três grandes grupos, os Rom, os Sinti e os Calon, cada qual com características das mais variadas” (MOONEN, p. 11). Os Rom ou Roma falam a língua romani e estão presentes em diversos países, mas sua história esteve mais vinculada a Europa Central e aos países balcânicos; possuem vários sub-grupos, como os Curara, Matchuaia, Lovara, Kalderash e outros. Conforme acrescenta Moonen (2007, p. 12), os Rom, principalmente os Lovara e os Kalderash, costumam se considerar os “ciganos verdadeiros” e tratam os outros como de segunda categoria, ou uma categoria inferior, sendo talvez por isso que a maioria dos estudos feitos e descritos pela academia são em torno dos Rom. O segundo e raro grupo são os Sinti ou Manouch, que falam a língua sintó e vivem mais numericamente na Alemanha, Itália, e França. Por fim, o terceiro grande grupo cigano é o dos Calon, que falam a língua Caló e que tiveram grande contato com a Península Ibérica, de onde mais tarde migrariam para vários países da América e da Europa, inclusive para Portugal, que foi de onde foram deportados para colônias brasileiras. Quanto à sua origem no mundo, sempre encontramos inúmeras divergências, “A ausência de uma identidade étnica claramente reconhecida são usadas para excluir os ciganos, argumenta o professor Hancock” (MARSH, 2007, p. 12). A versão mais aceita é a de

que vieram da Índia, isso porque na universidade de Leiden, na Holanda, um jovem universitário húngaro de nome Valvy Stefán notou que algumas palavras usadas por três jovens indianos daquela mesma universidade eram também palavras utilizadas por ciganos de sua terra natal, Győr. Dessa forma, mais tarde, estudiosos linguistas passaram a estudar e a constatar a real ligação dos ciganos com a Índia. Já é possível encontrar informações que afirmem que os ciganos de fato teriam vindo do norte e noroeste da Índia. Segundo Ana Clara Oliveira, uma pesquisa realizada a partir do DNA de diversos grupos europeus afirma a teoria de que “um grande grupo de hindus saiu da Índia há 1.500 anos e, uma vez na Europa, começou a se estabelecer e a se espalhar pelo resto do continente através da região dos Bálcãs” (TEIXEIRA, 2008, p. 47). Os ciganos, por não possuírem registros escritos, ficam alheios apenas à memória e à oralidade. São sujeitos que sofrem com a incerteza histórica em relação às suas origens.

Ainda, para o mesmo autor, a aparência dos ciganos, em especial no Brasil do século XIX, era descrita por terem cabelos pretos e longos, pele morena ou acobreada, fator esse que pode ter levado muitos a relacionarem os ciganos aos indianos. Mas depois de um tempo os ciganos não podiam ser identificados tão “facilmente” pela aparência física, já que houve vários casamentos com não ciganos. Para Moonen (2007), até o vestuário marcante, considerado por muitos como exótico, não seria um critério para distinguir tal povo, pois, desde que chegaram ao Brasil, se vestem como os homens não ciganos. Esse artifício era usado, principalmente, para facilitar no momento da abordagem, a fim de facilitar as negociações. Nos dias atuais, inclusive, os homens ciganos preferem se caracterizar com seus trajes apenas quando há a necessidade de ser identificado como tal. As mulheres, por outro lado, usam vestidos ou saias longas, algumas usam joias de ouro ou prata (quando possuem condições para tanto) e outras mulheres ciganas, ou gadjés, optam por se caracterizarem de “ciganas”, em especial, quando praticam alguma atividade exotérica para atrair clientes.

Uma característica que nunca passou despercebida pelas pessoas em relação aos ciganos foi que, mesmo entre os ciganos Calon Ibéricos que viviam no Brasil, notava-se que tinham uma língua falada entre eles que se diferenciava do português. Segundo Teixeira (2008, p 69) “os ciganos falavam além do português, outra língua entre si. Trata-se da língua cigana Calon: o *chibe*, a qual possuía dupla

função: alienar os não ciganos dos assuntos internos dos bandos e reforçar a identidade”.

Outra característica pela qual os ciganos eram e, até hoje, são identificados, é a sua atividade comercial e o seu talento para barganha de mercadorias. Entre as coisas que comercializavam estavam: “relógios de ouro”, tecidos, cavalos e outros animais de carga, afinal necessitavam de cavalos para suas viagens e fugas.

Continuam sendo exímios negociadores. Vendem, compram, trocam, barganham de tudo, desde roupas de cama, mesa e banho, até animais, carros, motos e bicicletas, quase sempre de forma rápida e eficaz, para que dessa forma consigam alimentar as suas famílias e conseqüentemente o seu grupo.

5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO POVO CIGANO: QUEM É ESSE POVO? COMO APARECEM NO NOSSO IMAGINÁRIO?

“As coisas que não são classificadas, denominadas, elas são estranhas, inexistentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.”

(MOSCOVICI, 1990)

Figura 5: Apresentação cultural dos ciganos Calon, realizada no centro histórico de Planaltina DF em junho de 2016



Fonte: Agência Brasil. Marcello Casal Jr. Disponível em: <<

O conceito da Teoria das Representações Sociais, desenvolvido por Moscovici, nos fala da existência de dois universos de pensamento. Existiriam os *universos consensuais* e os *universos de pensamento*, nos quais o indivíduo, com base no senso comum, é livre para manifestar opiniões, propor teorias e respostas

para todos os problemas. E haveria ainda os *universos reificados*, ou seja, espaços regidos pela lógica científica, onde o indivíduo tem a participação condicionada pela sua qualificação, isto é, pelo domínio reconhecido de um saber específico (RÊSES; SANTOS; RODRIGUES, 2016).

As representações sociais são objetivadas por estereótipos. Sendo socialmente construídas, historicamente elaboradas e compartilhadas, as representações sociais contribuem positivamente ou negativamente para uma realidade comum que possibilita, ou favorece, a elaboração do senso comum. A representação social é a reprodução daquilo que se pensa, na natureza do conhecimento, nas possibilidades e na apreensão da realidade.

Uma das indagações centrais da Teoria das Representações Sociais é justamente em relação às modificações sofridas pelo conhecimento científico quando ele passa do âmbito dos universos reificados para o âmbito dos universos consensuais. Em outras palavras, quais as transformações que ocorrem com um certo conhecimento sistematizado em função da sua passagem do domínio especializado para o domínio popular? (RÊSES; SANTOS; RODRIGUES, 2016). Moscovici (1999) reconhece amplamente que, ao enfatizar o poder de criação das representações sociais, acatando sua dupla face de estruturas estruturadas e estruturas estruturantes, inscreve sua abordagem entre as perspectivas construtivistas.

A construção da identidade étnica cigana é cercada por uma série de fatores que favoreceram essas crenças e essas construções deturpadas, uma vez que, no momento em que se pronuncia a palavra “cigana”, essa já vem envolta de inúmeras imagens e signos que são consequência dessa construção social, ou seja, nos remetemos a povo errante, trapaceiro, sujo, ladrão, velhaco, pobre e sem moradia fixa. Toda essa construção foi fruto também de muitas histórias trazidas no material literário, nos filmes, nas músicas, nas novelas, nos contos, poesias e nas descrições das histórias infantis.

Na descrição feita pelo Padre Raphael Bluteau, ainda no início do século XIX, autor do primeiro dicionário de Portugal, observa-se claramente a expressão de tal nó figurativo na imagem dos ciganos:

Ciganos: nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a

peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com ele pelo Egito. (TEIXEIRA, 2008, p. 2).

Tudo isso apenas colaborou para construir e reforçar ainda mais essa imagem estereotipada e preconceituosa, corroborando a potencialização dos adjetivos pejorativos em relação a esse povo marginalizado. Em conversa com Daiane da Rocha, a mesma relata, em suas palavras, um diálogo com sua filha lasmin, de 9 anos, em que a escola estava cobrando o uso do dicionário nas atividades em sala de aula. lasmin chega em casa e diz para a mãe:

(Yasmin fala)

- *Mãe, eu não quero levar esse livro pra escola”.*

(Daiane, preocupada pergunta)

- *Mas por que minha filha?*

(Yasmin responde)

- *Esse livro fala mal do nosso povo. Diz que somos povo errantes, andarilhos, trapaceiros e nós não somos isso.*

- *Tenho uma ideia. Sabe de uma coisa, quando você comprar nós vamos riscar essa parte do dicionário, tá bom?”*

(DAIANE ROCHA, *informação verbal*, 2017).

Essa fala é um lamentável relato de uma criança cigana que percebe no próprio material didático utilizado em sala de aula um reforço do preconceito vivido pelos olhares e percepções lá de fora. *Como essa criança vai dialogar com a escola e com seus instrumentos pedagógicos que por si só já os excluem?* Ao longo de vários meses, com o convívio com a comunidade cigana na tentativa de sistematizar esta pesquisa, pode-se relatar algumas experiências acerca dessas representações sociais. Os ciganos são representados/acusados, via de regra, como ladrões, mau caráter, trapaceiros, agiotas.

As mulheres nas ruas, especialmente da etnia cigana Calon, ao realizar suas tarefas, subalternas, na venda de panos de pratos, por exemplo, muitas vezes são confundidas com ladras, prostitutas, sendo abordadas, não raro, de forma desrespeitosa. Mesmo o acampamento, por algumas vezes, foi invadido pela polícia que procurava por armas, alegando “denúncia anônima”, acusando-os de que

guardavam armas brancas e armas de fogo. Em suma, são muitas vezes abordados pela polícia de forma truculenta, desrespeitosa e constrangedora⁸.

Houve um fato que foi veiculado na mídia local do DF. Foi noticiado o roubo e sequestro de uma jovem menina cigana por um jovem cigano. Entretanto, em visita ao acampamento, em rodas de conversas, compreendendo sua cultura de vida livre, refletimos que houve atração entre os jovens, os dois são primos e se apaixonaram e, talvez, por desconhecerem as leis e trazerem bem forte a questão da memória cultural, acabaram diante da lei e da cultura hegemônica, cometendo um sério crime, o qual custou um alto preço à comunidade Calon, como dias de perturbação, perseguição e desespero⁹.

5.1 Quem é esse povo invisível, e como aparecem na literatura e nas músicas?

É preciso conhecer antes de julgar; somos muitos, somos de diferentes etnias. Nossa cultura e nossa tradição estão morrendo, e precisamos de ajuda. Estamos em todos os estados do território nacional e Distrito Federal. O mais difícil é que permanecemos entregues a nossa própria sorte.

(MIO VACITE – Violinista e músico, cidadão brasileiro de etnia cigana Rom, 2016)

Procuramos neste momento, a partir da *teoria das representações sociais* de Moscovici (1999) – a respeito da comunidade cigana –, um diálogo com as publicações literárias. Essas, em sua maioria, conforme demonstraremos a seguir, não contam, de forma correta – nos livros didáticos, por exemplo – as narrativas sobre esse povo, os relatando, muitas vezes, de forma distorcida, folclorizada, preconceituosa e deturpada.

⁸ Disponível em: <<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/pm-apreende-21-armas-e-prende-11-pessoas-em-area-de-ciganos-no-df.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

⁹ Disponível em: <<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/cigano-que-sequestrou-primade-15-anos-no-df-para-casar-e-apreendido.html>. Acesso em: 05 nov. 2017.

Mesmo nos dicionários¹⁰ o mesmo acontece e eles aparecem como povo errante, trapaceiros e andarilhos. Na literatura clássica, as mulheres ciganas são descritas como prostitutas, meretrizes, sedutoras e feiticeiras, tal como no clássico “A ciganinha”, de Miguel de Cervantes (1613), no qual o autor descreve a personagem central do livro como ladra, sedutora, dissimulada e trapaceira. No renomado clássico “O Corcunda de Notre Dame”, de Victor Hugo (1831), a cigana Esmeralda é o foco e motivo de toda a trama que envolve paixões, seduções, traições, enganações, mentiras e assassinatos. Em Dom Casmurro, de Machado de Assis, em toda a trama o narrador induz o leitor a ver a personagem Capitu como adúltera. Em uma das principais descrições sobre a personagem, o autor traz aquela clássica frase: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.” Assim, observamos que os estereótipos na literatura são mais recorrentes do que imaginamos.

No Brasil, observamos que mesmo o consagrado acadêmico João Guimarães Rosa (1908 – 1967), médico, poeta, prosador, diplomata, e poliglota, ainda que tivesse bom convívio em sua cidade natal, Cordisburgo MG, com o povo cigano acabou, por sua vez, cometendo alguns equívocos, e deixou-se levar por arraigadas atitudes preconceituosas. Em seu mais famoso romance “Grande Sertão Veredas”, de 1956, relata a história de duas ciganas: Duzuza e Nhorinhá, mãe e filha, em que reforça a imagem estereotipada da figura feminina cigana como meretriz, mulher enganadora e sedutora. Sendo essa cigana, na verdade, o grande amor de Riobaldo, figura central do romance.

O autor conhecia os ciganos, porém refletia em seus textos preconceitos e estereótipos presentes na sociedade. Isso se constata em seus contos, histórias e livros. Em Sagarana (1946), ele nos apresenta um personagem que aderiu a um grupo cigano para aprender as espertezas e astúcias e depois passá-los para trás. Já na obra Tutaméia (1967), são três os contos que trazem a figura cigana: *O Faraó e a água do rio*; *O Outro e o outro*; e *Zingaresca*. Em “Faraó e a água do rio”, publicado na revista Pulso, em novembro de 1966, os ciganos Güitchil, Rulú e

¹⁰ Eis a **definição** de *cigano*, conforme o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. *Adjetivo e substantivo masculino.* **a)** Diz-se de ou indivíduo pertencente aos ciganos, povo nômade, de origem asiática, que se espalhou pelo mundo; **b)** Que ou aquele que leva vida errante; **c)** Que ou aquele que tem arte e graça para captar as vontades; **d)** Que ou quem age com astúcia para enganar ou burlar alguém. Disponível em: << <https://www.priberam.pt/dlpo/cigano>>>. Acesso em 05 nov. 2017.

Florflor são contratados para trabalhar na fazenda de cana de açúcar *Crispins*. Além dos três, as ciganas Constantina, Demétria e Aníssia são chamadas para benzerem a proprietária do lugar. Nessa narrativa, o povo andarilho é apresentado em oposição à gente da terra e seus valores.

Baseada nesse contexto, e sobre as características dos personagens retratados na trama, a autora Novis (1989, p. 45) comenta sobre “o conto se estrutura sobre antíteses”. Para a pensadora, enquanto os ciganos configuram-se como imagens que expressam movimento, vida e liberdade, os sertanejos do engenho *Crispins* remetem à ideia de imobilidade, morte e confinamento. Ainda sobre esse paralelo Rosa (2001, p. 101) complementa:

O contato com os ciganos, contudo, modifica a visão de mundo dos habitantes da fazenda, que começam a reconhecer nas singularidades dos ciganos, a efetivação de seus anseios por um estado de liberdade e felicidade. Estado este somente fantasiado. Os ciganos “eram um colorido”, “incuriam festa da alegre tristeza”.

Já na obra “O outro e o outro”, publicada primeiramente em outubro de 1965, é apresentado o encontro do cigano e ladrão Prebixim com o delegado Tio Dô (Diógenes). Uma situação de tensão é estabelecida já no início da narrativa, uma vez que o delegado vai ao acampamento dos ciganos devido a um caso de furto. Tio Dô, representante da ordem, a princípio conceitua os ciganos como “povo à toa e matroca” (ROSA, 2001, p. 157). No decorrer da trama, contrariando as expectativas originadas pelo estabelecimento da oposição ordem/desordem, Tio Dô não aprisiona Prebixim. O que cativou o delegado não foi o fato de o cigano ter devolvido os objetos roubados, mas sim a maneira livre do cigano viver. Sobre tal passagem, Rosa (2001, p. 157) destaca que “o delegado preserva o “louco” sonho dos ciganos, que é o de querer “juntas à liberdade e a felicidade”.

Sabe-se que Guimarães Rosa era muito místico e supersticioso, além de ter construído uma relação muito forte com os ciganos e as ciganas de sua cidade natal. Em junho de 2016, em visita à cidade mineira desse autor, Cordisburgo, enquanto a presente pesquisa era concebida, muitas histórias foram escutadas, vindas de crianças, jovens, adultos e idosos, que permeavam as praças no final de tarde. Num desses passeios pelo centro, se teve a oportunidade de conhecer o Brasinha, um simpático comerciante proprietário de uma loja de produtos antigos, denominada carinhosamente por ele de Quinquilharias. Ele também é historiador, pesquisador e

membro da Casa de Cultura, além de ávido amante das leituras de João Guimarães Rosa.

Numa dessas conversas, ele trouxe um fato curioso sobre o autor. Segundo *Brasinha*, Guimarães Rosa, durante suas andanças, foi abordado por uma cigana que teria dito que ele seria reconhecido por seus escritos e que receberia um grande prêmio, ou uma bela homenagem, mas no dia que aceitasse, perderia a vida. Pouco tempo depois da mística previsão, em 06/08/1963, ele foi eleito para assumir a cadeira de número dois da Academia Brasileira de Letras.

Segundo relatos, ele ficou muito feliz, ao mesmo tempo preocupado, quando se lembrou da previsão da cigana. Aceitou, mas protelou por quatro anos para tomar posse, assinar, assumir e receber as homenagens. Assim, no dia 16/11/1967, toma posse e apenas três dias depois, em 19/11/1967, morre vítima de um infarto fulminante. Esse fato reforça a credence popular nas previsões e que se tratando da ciganada, não devemos duvidar de nada. Esse é um dos motivos que, até os dias atuais, nas pracinhas da pacata cidade de Cordisburgo-MG, o assunto é um tabu, motivo de rodas de conversas desconfiadas, receios, medos e superstições. Na linguagem popular, se dizem “cabreiros” quando o assunto é a “ciganada”, afirmando e reafirmando o conceito disseminado sobre os mistérios e místicas que envolvem a questão cigana.

“Diz o povo” que se João Guimarães Rosa não tivesse falecido tão cedo, os referidos contos seriam amostras do quanto era envolvido pelo povo cigano e esses contos, por conseguinte, poderiam ter culminado em uma “grande epopeia cigana” caso Guimarães Rosa tivesse ficado velho e tido tempo para contar tudo o que queria e sabia sobre o povo cigano. Em um dos trechos do seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras ele disse:

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens. (ROSA, 1986).

Contudo, é possível crer que a literatura acentuou o imaginário e as impressões acerca do povo cigano, colaborando de uma forma, ou de outra, para construção e reforço dessa imagem estereotipada e preconceituosa da figura cigana.

Em *Cem anos de Solidão* – publicado pela primeira vez em 1967 – Gabriel Garcia Marquez passeia pelo imaginário dos leitores, com a criação do personagem central dessa obra: místico e encantador cigano: Melquíades. Trata-se de um transculturador que, de forma extraordinária, traz seus ensinamentos para a pequena aldeia de Macondo, abordando vários aspectos fundamentais da fascinante – mas para alguns assustadora – cultura cigana. Melquíades, no decorrer da trama, manipula metais e demonstra grandes habilidades de alquimia e inventos mirabolantes. Uma história que rendeu muitos frutos e muitas edições do livro, consagrando o autor colombiano, o qual ganhou o Prêmio Nobel da Literatura em 1982. Esse é considerado, até hoje, um dos livros mais importantes da Literatura Latino-Americana.

Nessa linha de raciocínio, em 1978, Carlos Alexandre cantou “*Você é a ciganinha, dona do meu coração, só porque eu não tenho sangue cigano*”¹¹ No mesmo ano a cantora Simone lançou a música *O amanhã*, na qual retrata assim: “*A cigana leu o meu destino, eu sonhei, bola de cristal, búzios e cartomante, eu sempre perguntei.*” Em 1979, Sidney Magal, cantor de etnia cigana, fez muito sucesso contando a história da cigana Sandra Rosa Madalena: “*Ela é bonita, seus cabelos muito negros, e o seu corpo faz meu corpo delirar, o seu olhar desperta em mim uma vontade, de enlouquecer, de me perder, de me entregar*”.¹²

Em *Romance da Lua*, no ano de 2000, Amelinha nos traz: “*dentro da fraga choram dando seus gritos, os ciganos. O ar da noite vela, a noite pelando*”¹³. No mesmo ano, Osvaldo Montenegro também lançou a música *A cigana*, em que ele nos diz assim: “*virtuosa e profana pra cantar o Sol, Virtuosa e sacana pra cantar o Sol, virgem santa e sacana pra cantar o Sol*”.¹⁴ Até mesmo no popular pagode, ritmo muito disseminado em vários espaços, o grupo Raça Negra também cantou a vida cigana: “*Oh meu amor, não fique triste, saudade existe pra quem pode ter, minha*

¹¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-alexandre/208537/> Acesso em: 15 de março de 2017.

¹² Disponível em: <https://www.letras.mus.br/simone/83043/> Acesso em: 15 de março de 2017.

¹³ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/amelinha/588529/> Acesso em: 15 de março de 2017.

¹⁴ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/osvaldo-montenegro/189342/> Acesso em: 15 de março de 2017.

vida cigana me afastou de você, por algum tempo que eu vou ter que viver aqui, longe de você.¹⁵ Até mesmo Chico César, na música Beradêro, traz a ironia do destino ao citar em seus versos: “...e os sem amor, os sem teto, os sem paixão sem alqueire, no peito dos sem peito uma seta, **e a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire**”¹⁶.

Portanto, analisando tais composições, podemos constatar o quanto esse material literário, assim como o acervo musical, colabora para reforçar os estereótipos em relação a esse povo. Sabe-se que, de toda forma, tudo aquilo que é falado, cantado, repetido, compartilhado, vivido por muita gente, tem uma forte tendência a fortalecer representações sociais, imprimindo nossas percepções aparentemente superficiais, sem refletirmos, nem questionarmos se, realmente, o que a música traz retrata a realidade, a essência e a historicidade cultural e social de uma etnia.

O povo cigano não tem, até os dias atuais, uma linguagem escrita própria, portanto, *o corpo, a oralidade e a história* passam a ser um *arquivamento de uma memória coletiva*. Faz-se necessário, assim, a imagem para recuperar a identidade social. E, enquanto essa imagem for reproduzida de forma a reforçar os estereótipos historicamente construídos negativamente, estaremos reproduzindo injustiças sociais e antropológicas. Nas sociedades ágrafas, tal como o povo cigano, só resta o corpo e a oralidade para fazer o papel do “livro de história”. É no corpo que ficam imprimidas as marcas, as memórias e as dores que foram, e são, moldadas ao longo dos tempos. Segundo Regiane Rossi Hilckner e Mauro Hilckner (2012), em seu artigo “Cigano: Um mosaico étnico”, o corpo cigano “é uma construção social que, ao expressar-se, agencia memórias. Produz e é portador de significados, materialidade e significação”¹⁷ Portanto, a negação da imagem, a invisibilidade e o preconceito colabora, e reforça, a perda da identidade. O nomadismo e o modo de vida cigano proporcionam, de certa forma, a esse povo experimentar algum sentido de liberdade relativa, à medida que não podemos nos afastar do entendimento de que pessoas sem acesso às condições mínimas de dignidade, como banheiros; transporte público e segurança, não podem ser consideradas livres.

¹⁵ Disponível em: <https://www.letas.mus.br/raca-negra/83925/> Acesso em: 15 de março de 2017.

¹⁶ Disponível em: <https://www.letas.mus.br/chico-cesar/128518/> Acesso em dezembro 2017

¹⁷ Disponível em: <<<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/22.pdf>>>. Acesso em 20 de nov. 2016.

Ainda de acordo com o estereótipo, expresso em suas próprias falas, *aparentemente* não se preocupam tanto com o possuir, mas com a vida intensa no presente, seja por meio de festas intermináveis, roupas e gastos efêmeros. Por serem “livres”, e por não terem um histórico de território demarcado, consideram-se, assim, universais, com isso trazem em sua bagagem e no seu percurso histórico-cultural um amplo conhecimento e muitas *contradições*, que não podendo ser negados, legitimam, ao contrário, seus saberes pluriculturais.

Após essa trajetória pormenorizada, procurando dialogar com as representações sociais encontradas na literatura e na música, percebemos como esse povo é retratado de forma distorcida pela sociedade e, mesmo assim, eles perseveram para manter vivos os seus costumes e tradições, com o intuito de garantir a passagem de sua cultura adiante.

5.2 Lócus da pesquisa: um cenário de perseverança

Para que seja possível alcançar a concepção inicial desta pesquisa, qual seja o processo de escolarização da comunidade cigana da Rota do Cavalo, se fez necessário adentrar a comunidade de ciganos Calon, em Sobradinho, para que pudéssemos compreender a realidade desse povo.

O que se percebeu é uma intermitente passagem numa situação de nomadismo para o sedentarismo. Tal fato se dá em decorrência de um longo histórico de expulsões de vários estados por onde passaram. Contudo, no ano de 2015, finalmente receberam, da União, uma porção de terra – por volta de 3,5 hectares – para fixarem suas moradias. Foi a primeira comunidade cigana Calon que, depois de muitas lutas, conseguiu da União o uso e cessão gratuita da terra. Essas terras estão localizadas no Condomínio Novo Canãa, carinhosamente denominado por eles de “Terra prometida”, na Rota do Cavalo, na Região Administrativa de Sobradinho - DF.

Os Calon, sujeitos e sujeitas desta pesquisa, chegaram nessa região em meados de 2014. Oriundos do interior de Minas Gerais e Goiás, almejando melhores dias para suas famílias, receberam autorização para armarem suas tendas no terreno da região rural da Rota do Cavalo. Por meio da intervenção da Secretaria

Especial de Políticas para a Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), receberam algumas barracas da Defesa Civil do DF possibilitando que, minimamente, pudessem abrigar suas famílias, as quais, em sua maioria, eram constituídas por jovens, adultos e crianças ciganas. Segundo seus relatos, colhidos durante a realização desta pesquisa, alegam que, por onde passaram encontraram preconceito, discriminação e hostilidade, fato esse que dificultou o acesso deles aos direitos básicos. E, também, pela falta de endereço fixo e documentação necessária para os cadastros, não conseguiam acesso aos serviços públicos de saúde, educação e assistência social.

O acampamento não possui água encanada, saneamento básico, acesso ao transporte público, nem mesmo banheiros para as suas necessidades básicas. Para garantir sua sobrevivência, uma das estratégias que eles adotam é a venda de panos de prato, além da cultura de subsistência, com pequenas criações de galinhas, plantio de feijão, mandioca e horta comunitária para consumo próprio.

Numa região, composta majoritariamente por pequenas residências, chácaras e sítios, em que a atividade econômica da comunidade gira em torno de comércio ambulante, criação de animais e pequenas atividades agrícolas, a comunidade cigana vive às margens, de forma exclusiva e sem oportunidades.

Em meio às ações em prol da luta em torno da situação da comunidade, faz-se necessário relembrarmos um momento histórico ocorrido na Universidade de Brasília. Em junho de 2015, no Seminário do grupo de Estudos e Pesquisas sobre Materialismo Histórico Dialético e Educação - Consciência, coordenado pelo Professor Erlando da Silva Rêses, com a participação de acadêmicos, militantes e pesquisadores ligados à Educação Popular, convidamos o povo cigano para uma apresentação artística garantindo seu espaço de fala.

Daiane da Rocha emocionou a todas e todos do espaço acadêmico, na Sala Papyrus, da Faculdade de Educação (FE), quando trouxe à tona a realidade vivida pelo seu povo, as condições precárias do acampamento, a falta de acesso a políticas públicas, o problema de saúde das mulheres, pela falta de banheiros, e as fragilidades do nosso sistema de ensino, no sentido de manter o acesso e permanência do estudante cigano no espaço escolar formal.

Desse evento surgiu um manifesto e uma carta aberta à Câmara Legislativa do Distrito Federal, procurando dar visibilidade ao povo cigano do acampamento da Rota do Cavalo. Essa mobilização gerou uma audiência pública com o deputado

distrital Reginaldo Veras (PDT – DF), então presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Alcançando o espaço da luta política, por meio da intensa mobilização dos diversos segmentos sociais ligados à luta popular, algumas ações começaram a chegar ao acampamento, como os banheiros químicos, a visita de algumas secretarias e a intervenção da Administração Regional de Sobradinho nas festividades, como a presença dos administradores na festa de casamento de Sara, filha de Sr. Wanderley da Rocha, líder do acampamento.

5.3 Como é a sua organicidade?

Para o povo cigano a linha da vida não é cronológica, como na nossa cultura, mas pelos eventos vivenciados, sendo centrados na família. A linha da vida é marcada por eventos, o que credencia o cigano a transitar e a alcançar status dentro da comunidade.

A infância é marcada pela liberdade e contato com a natureza dentro do acampamento. Observamos crianças muito independentes e autônomas, como, por exemplo, o pequeno Salomão andando com apenas nove meses de vida; Vitória, 11 anos, costurando sua própria roupa; Sayuri, 7 anos, lavando louças e colaborando com as tarefas domésticas do acampamento. As brincadeiras são sempre coletivas, compartilham facilmente os objetos, brinquedos, brincadeiras e elas participam ativamente das atividades lúdicas, domésticas, trabalho, decisões familiares e do grupo, como forma de obterem aprendizados, o que culmina na transferência de sua cultura.

O ingresso à vida adulta se dá por meio do casamento precoce, geralmente aos 14, 15 anos, o que leva, por consequência, à procriação rápida e numerosa. A família, a união e os costumes familiares são muito fortes.

As mulheres vivem sob leis machistas, muito rígidas e severas. Trabalham muito dentro e fora do acampamento, pois apesar de serem extremamente submissas, são elas que vão para as ruas, muitas vezes com os filhos pequenos no colo, vendem panos de prato, fazem leitura de mão (buena dicha), para garantir o sustento da família. São elas também responsáveis por ensinar os serviços

domésticos para os filhos e repassarem parte da cultura às crianças, como a língua mãe (chibe), as músicas, os enfeites das tendas, as alegorias das suas vestimentas e as danças ciganas, que tanto aparecem nas festividades e alegam o cotidiano deles.

Os homens também trabalham e dividem as funções, enquanto uns vão para as ruas comercializarem suas mercadorias, outros assumem a vigília do acampamento, se posicionando nas portas de suas barracas ou em algum lugar estratégico, onde tenham uma visão panorâmica de tudo, na finalidade de proteger e intimidar qualquer tipo de ataque e guardarem suas famílias. Eles são os guardiões da família, pois o acampamento fica muito exposto, as barracas não possuem portas, nem trancas.

O início da velhice acontece quando se tornam avós, também precocemente. É quando chegam ao ápice da sabedoria e tornam-se líderes respeitados no acampamento. A velhice para os ciganos é símbolo de ascensão dentro do grupo, pois valorizam e escutam os mais velhos, principalmente os homens, que na cultura deles, são os verdadeiros portadores da ciganidade, reforçando, assim, a assimilação e a perpetuação de processos culturais dominantes machistas. Um exemplo disso é que quando em casos raros acontece a separação, a mulher vai embora sozinha e sai do acampamento, deixando seus filhos com o pai. A despeito disso, Daiane da Rocha faz um apelo às autoridades competentes:

Na nossa cultura cigana não é muito diferente das outras culturas; o preconceito e o machismo estão muito presente, a mulher não pode dar palpite. Até porque foi passado de geração pra geração. A mulher casa muito cedo e submete a tudo, vira esposa, mulher e mãe. Peço as autoridades competentes que quando acontecer separação que possamos lutar pelos direitos da mulher cigana ficar com seus filhos ou pelo menos a guarda compartilhada. (Daiane da Rocha, 2017, informação verbal).

Todos esses comportamentos e modos de vida diferenciados, muitas vezes parecem estranhos ao nosso acervo de vida ocidental e capitalista, em que fomos historicamente levados a construir como verdades inquestionáveis e absolutas. Assim, torna-se importante o descentramento e a quebra de paradigmas ao se deparar com uma cultura diferente dentro dessa imensa diversidade étnica e pluricultural que é o vasto território brasileiro. Como nos diz Paulo Freire:

Seres programados para aprender e que necessitam do amanhã como o peixe da água, mulheres e homens se tornam seres roubados se se lhes nega a condição de partícipes da produção do amanhã. Todo amanhã, porém, sobre que se pensa e para cuja realização se luta implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. (FREIRE, 2001, p. 98).

Defendemos, portanto que somos seres de muitas possibilidades e buscamos nas relações com os outros e com os contextos sociais, políticos, educacionais e culturais, adaptações e condições para inserções nos espaços que promovam desenvolvimento, aprendizagem, mobilização e emancipação para acesso aos bens materiais e imateriais do nosso País.

5.4 O casamento cigano

Figura 6: Casamento cigano



Fonte: Relatório Executivo. Brasil Cigano. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/relatorio-executivo_brasil-cigano>>. Acesso em 20 out. 2016.

Para o povo cigano, o casamento é um ritual sagrado. Ressalta-se a *contradição* entre o sagrado e o profano que para esse povo é sempre uma linha tênue; e para procurarmos entender precisamos nos debruçar sobre o estudo da sua cultura. Há um sentimento coletivo de que a família é a base social primária, entretanto há de se ressaltar os casamentos são arranjados; eles se casam precocemente e entre si. Há de se ressaltar o papel subordinado e inglório da mulher cigana, cuja voz é constantemente silenciada, não tendo o direito sequer de escolher um companheiro. A mulher, especialmente a jovem cigana, parece ser, de certa forma, também uma mercadoria, cujo destino é negociado em uma bolsa de valores.

No discurso oficial, por uma “questão de honra”, aos pais e ao grupo, elas não namoram e não possuem nenhum contato físico com o companheiro até o ato conjugal. O pai da noiva geralmente oferece um dote, certa quantia em dinheiro, para ajudar o casal a se manter por um tempo. Caso os noivos sejam de acampamentos diferentes, a tendência é a noiva acompanhar o marido deixando a sua família e adotando a família do marido como sua.

Às mulheres são impostas leis muito tradicionais e severas, devendo se casar virgem, precisando comprovar tal fato, publicamente, no dia do casamento, num ritual em que, logo após a noite de núpcias, apresentam seu lençol manchado de sangue para todos do grupo. Isso é motivo de muito orgulho para os pais e familiares, que festejam durante três dias. Dessa forma, na tentativa de se fortalecerem e de preservarem sua cultura, casam-se entre famílias ou entre amigos também ciganos.

Verticalizando a discussão, para o povo cigano, os gêneros *masculino* e *feminino* são construídos a partir de um processo sócio-histórico muito bem definido, o qual se inicia na infância, por meio das relações partilhadas, as quais levam as crianças a se apropriar do saber coletivo. A família é seu grande objetivo e prioridade, tanto para os homens, quanto para as mulheres. A experiência de vida é uma questão valorizada e respeitada na cultura cigana. As mulheres ciganas, embora responsáveis por ajudar no trabalho dentro e fora do acampamento, devem *obediência* ao pai e ao marido.

A desonra masculina é um fato inadmissível. Caso o casal venha a se separar, os filhos e filhas ficam com o homem, pois esse detém o poder sobre a mulher e a família e é quem porta a *ciganidade*. Registra-se um fato interessante:

durante o evento de 10 anos da Lei Maria da Penha, em agosto de 2016, liderado pelo grupo formado por mulheres da sociedade civil, tivemos a oportunidade de levar algumas mulheres da comunidade cigana para uma discussão na Câmara Legislativa do Distrito Federal, onde haviam várias representações étnicas femininas, afim de ter um diálogo com todas as culturas.

O que percebemos em seu silêncio ou pouca fala é o quanto elas preservam e protegem seus companheiros e sua cultura. Disseram que por se casarem com seus próprios familiares, compreendem que para manterem suas famílias e evitarem qualquer tipo de desavença, é melhor não falarem sobre isso. Deixaram bem claro que não denunciam seus companheiros. Na fala de dona Dercy, 54 anos, ela nos disse que casou muito cedo, aos 14 anos e que nunca tinha frequentado a escola, pois nem seu pai, nem seu esposo não se agradavam dela estudar.

Só havia alguns meses que ela tinha frequentado uma escola que oferecia a modalidade da EJA em Sobradinho e estava aos poucos aprendendo a escrever, o que a deixava muito contente. Se sentia abençoada em conseguir decifrar as primeiras letras.

Eu conheço as letras tudinho professora, só não sei juntar para formar as palavras. Mas se me mostrar elas tudinho eu sei falar: A, B, C, D. Mas eu sei fazer meu nome todo, foi meu esposo que me ensinou. Ele escrevia num papel e eu fui terminando até aprender a fazer sozinha. (DERCY, 2017, informação verbal)

Outro fato curioso foi o que Débora da Rocha, 20 anos, nos trouxe. Casada, mãe de uma criança de apenas 4 anos, ela comentou que também não teve acesso à escola formal e que quando engravidou da sua filha ficou impedida de sair do hospital porque não tinha documentação alguma. Portanto, até aquela data, ela nunca tinha portado um registro de nascimento e, conseqüentemente, nenhum documento oficial de identificação. *Sua certidão de nascimento tem a mesma data da certidão de sua filha.*

A partir desse momento procuraremos discutir questões relacionadas ao trabalho enquanto constitutivo das relações sociais e sua importância no contexto daquela comunidade em específico.

5.5 O trabalho informal como meio de sobrevivência

Figura 7: Evento realizado no Dia Nacional dos povos Ciganos 24/05/2016.



Fonte: Fotografia capturada pela autora.

A princípio, deve-se destacar que os ciganos prezam pela “liberdade” (ainda que relativa e subordinada) em suas dimensões física, psicológica e social. É importante frisar, ainda, que por terem uma cultura milenar diferenciada, e por não acessarem periodicamente a educação formal e sistematizada, a questão do trabalho se mantém, ao menos para a comunidade Calon pesquisada, na esfera da informalidade. Dessa forma, se inclinam ao trabalho com vendas ambulantes, negociam, trocam, vendem, compram no mercado livre e informal. São exímios negociadores.

Para eles, o trabalho é percebido como uma moeda de troca para a subsistência do grupo. Assim sendo, as atividades por eles realizadas são bem aceitas, na medida em que se configuram como supostamente livres, sem subordinação a um patrão, a horários rígidos e pré-definidos, fugindo em alguma medida do padrão normativo capitalista.

Pensando dessa forma e tentando entender os processos que levaram à exclusão social e educacional da etnia cigana, destaca-se uma *aparente* negação e recusa do povo cigano às regras do mercado de trabalho capitalista (PINTO, 1995). Como os ciganos são taxados pelo senso comum de preguiçosos, que não trabalham, que são folgados, conseqüentemente não atendendo a lógica capitalista, ao menos de forma aparente, são excluídos de alguns processos que circundam essa lógica. Entretanto, lembramos que *essencialmente* dependem e convivem com a sociedade do capital, de forma *subordinada*, portanto em nosso entendimento é ingênua a afirmação de que não se subordinam às lógicas capitalistas.

Na cultura cigana, eles preferem optar por atividades econômicas que lhes permitam uma maior “liberdade” com uma maior flexibilidade de tempos e espaços. Desta forma, procuram se afastar do modo de vida hegemônico e se aproximam de sua cultura, mantendo sua identidade étnica e cultural. Preservam o tempo com a família, com as atividades dentro do acampamento e com as viagens a trabalho e a visitas a outros acampamentos para manterem os laços de amizade e fortalecerem as lutas e conquistas.

Problematizando-se a questão, sob a lógica materialista histórico dialética, não se pode deixar de perceber também, de certa forma, uma justificação para o não acesso aos empregos e postos de trabalho formais, tendo em vista o forte preconceito que ainda se faz presente especialmente no acesso ao mercado de trabalho formal. Em uma sociedade em que o emprego formal está em declínio mesmo para os filhos e filhas das classes médias urbanas “bem nascidas”, o que imaginar de um povo que não teve acesso às políticas formativas profissionais ou que sequer possuem um documento de identidade? Tal quadro é ainda mais dramático para a comunidade Calon, sujeito desta pesquisa. Em uma sociedade na qual declaradamente “não há emprego para todos”, inevitável pensarmos no grau de exclusão dessas pessoas no mercado de trabalho formal.

Portanto, entendemos que a *categoria* trabalho é um dos pontos chaves para esse povo. Nesse movimento de transição e de inúmeras contradições, eles se veem numa situação em que necessitam da escolarização formal para validarem seus saberes e conseguirem o acesso aos bens e serviços do nosso País.

As tarefas realizadas por eles antigamente, como domar animais, fazer arte circense, artesanatos e confeccionar painéis e ferramentas de metais, não fazem mais sentido e nem garante a subsistência do grupo. Com o passar dos tempos, e

sofrendo com o processo civilizatório, muitas dessas atividades foram perdidas, esquecidas, ou até mesmo consideradas sem valor econômico, uma vez que as novas tecnologias impediram, afastaram, ou dificultaram a continuidade dessas atividades econômicas no mercado comercial.

Após essa necessária problematização, tendo em vista a posse da terra e suas possibilidades de plantio, ao menos para sua subsistência, no acampamento atualmente, com inúmeras dificuldades enfrentadas, como falta de água, energia elétrica precária e solo pouco fértil, a comunidade está desenvolvendo lentamente e de forma rudimentar as técnicas da permacultura familiar, que são técnicas simples, acessível de utilização sustentável do solo, para a subsistência do grupo. Ressalta-se que já estão comendo frutas, verduras e legumes, plantados e cultivados por eles próprios.

Figura 8: Horta comunitária no acampamento cigano



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Isso tem ajudado a desmistificar os preconceitos junto à vizinhança da comunidade, que hoje já os veem com outros olhos. Segundo o senhor Wanderley, a relação com os vizinhos tem melhorado bastante, pois já conseguem dialogar e chegar num acordo quando precisam decidir algo em torno da convivência, praticando, na medida do possível, a política da boa vizinhança.

Para essa comunidade, tudo isto, a questão de cuidar da terra e tirar dela seu sustento, é muito novo porque até então, pelo modo de vida nômade que levavam, trabalhavam no comércio com compra e venda de carros usados e de animais de estimação e de trabalho com cavalos. Reforçamos que, para eles, ser “donos da terra” é muito mais do que apenas ocupar um espaço territorial; é criar laços fortes com esse local; criar seus filhos; construir histórias e, acima de tudo, procurar encontrar ali um meio de sobrevivência para seu grupo.

5.6 Língua

*Se o caminho é longo, não se deve andar sozinho.
 Si o drom ua buti Baron, naka deve sela guía suzieke – **Chib**
 Kana te kevares o lungo drom, nastik te phirel korkoro – **Lovara**
 O drom si dur, nastik te djas korkoro – Matchuaia – **Horaranô**
 Cana o drom si lungo, naxtis te pirar corcorro – **Caldaraxa**

(JOSÉ RUITER, 2006) ¹⁸

A língua cigana não apresenta uma forma escrita, por isso sua cultura, ensinamentos e registros, ficam na memória e na oralidade. Talvez por não acessarem a escola formal, eles nunca tenham tido a preocupação em registrar graficamente o que dizem. No acampamento da Rota do Cavalo, em Sobradinho DF, a comunidade faz questão de preservar sua cultura e, principalmente, sua língua na frente dos *gadjés* (não ciganos). Esse grupo, por exemplo, fala o *Chibe*, que é uma variação e uma adaptação do Romani. Dessa forma, fazem questão de manter o sigilo e o mistério que envolve o entendimento ou a tradução da língua.

Não repassam para ninguém “de fora” com receio de que os *gadjés* compreendam o teor das suas conversas. Muitas vezes, num descuido, ouço Sr Wanderley falando aos seus pares a seguinte frase: “*Oduver baron, unga lachon com os Calon*”. Ao notar minha curiosidade, ele me disse o significado: “*Deus é fiel com os Calon*”.

¹⁸ Relatório Executivo. Brasil Cigano

Eles entendem que a comunicação entre os seus pares precisa ser preservada e passada de geração em geração, como forma de se identificarem como grupo, como etnia, e também como forma de se protegerem dos demais, os quais não fazem parte do seu grupo. Nesse sentido, Costa (2001) reforça nosso entendimento com essa reflexão: “Por ser um povo cuja matriz cultural não inclui a palavra escrita, é através dos documentos produzidos pelos não-ciganos que os historiadores podem contribuir para a construção da sua história”. (p.22). Portanto, na instituição escolar formal, o estudante da comunidade cigana experimenta e necessita dialogar com uma língua e uma cultura que não é a sua.

5.7 A figura feminina e suas crenças

“Por mais que sacuda os cabelos, por mais que sacuda os vestidos, a poeira dos caminhos jaz em mim.”

(MEIRELES, 1997)

Figura 9: Representação das mulheres ciganas



Fonte: Evento realizado na Câmara Legislativa do DF em comemoração aos 10 anos da Lei Maria da Penha. Em 27/08/2016.

As mulheres ciganas (calin), experimentam no seu cotidiano, inúmeras situações de injustiça, violações de direitos, além de sofrerem preconceitos e discriminações diversas dentro e fora de sua comunidade. Isso se deve ao fato de serem mulheres, ciganas, submissas e, em sua maioria, analfabetas, o que as permite conhecer, de perto, toda dor de pertencerem a uma minoria, dentro de uma minoria étnica que é envolta por muitos mistérios e repleta de estereótipos.

Existe, ainda, uma forte tendência de serem representadas socialmente como pessoas ligadas ao mundo religioso, espiritualizado e exótico. Pela sua aparência vaidosa, colorida, enfeitada, cabelos longos, corriqueiramente são confundidas com prostitutas, mulheres sedutoras, ou alguma figura ligada à religiosidade ou ao candomblé, como macumbeiras ou bruxas.

Há, também, a questão da quiromancia ou *buena dicha*, que é caracterizado pela leitura de mãos e é algo ligado à cultura cigana. Entretanto, nem todas as mulheres do acampamento possuem essa habilidade. Essa é uma atividade, primordialmente, das mulheres mais velhas do grupo, que carregam sobre os ombros uma vasta experiência. Por tal feito, são respeitadas e consideradas como uma divindade; alguém que possui uma intimidade bem forte com o mundo espiritual e, principalmente, com a *Santa Sara Kali*, santa negra considerada a Santa protetora dos povos ciganos, dos exilados e desesperados. É a santa provedora de muita sorte, amor saúde e vida longa. Também é protetora das mulheres que possuem dificuldade para engravidar, pois para as mulheres ciganas o ato de engravidar é muito sagrado. Quanto mais filhos e filhas, mais abençoadas são. No dia 24 de maio é comemorado o dia de Santa Sara Kali, a santa padroeira do povo cigano. É por isso que neste mesmo dia comemora-se o Dia Nacional dos povos ciganos.

Figura 10: Representações de Santa Sarah Kali



Fonte: Agência Brasil. Marcello Casal Jr. Disponível em: <<

5.8 A dança e o poder de buscar força e alegria

“Nossas crianças (Ciganas) são flores, donas do horizonte.
Nossas mulheres (ciganas) rainhas. Do amor doce fonte.
Nossos velhos (ciganos) nossa segurança. Minas de imenso saber.
Nossos homens (ciganos), muralhas serenas a nos proteger”.

(ARAEI MAGNOVITCH)

Figura 11: Apresentação das meninas ciganas na Câmara Legislativa do DF



Fonte: Evento realizado na Câmara Legislativa do DF em comemoração aos 10 anos da Lei Maria da Penha. Em 27/08/2016.

O povo cigano (Rom, Sinti e Calon) é muito conectado com as artes em geral. São habilidosos e estão sempre em processo de criação, desde os mais novos até os mais velhos. Talvez por trazerem em seus corpos, nos rostos, e em suas memórias as marcas de tantas indiferenças, fugas, medos, expulsões, torturas e perseguições, desenvolveram, ao longo da história, uma forma de amenizar e conviver com essas cicatrizes.

Em meio às suas andanças pelo mundo, não podemos negar que os ciganos acumularam muitas e diversificadas experiências que colaboraram para fortalecer seus saberes e denominá-los como etnia pluricultural. Trazem consigo um amplo e habilidoso letramento matemático. Diante disso o que se viu é um povo que festeja a vida em toda sua intensidade. Como não acumulam riquezas materiais, costumam valorizar o hoje, o agora, os momentos com a família, as festividades. A música e as

danças estão sempre muito presentes na vida deles, como forma de repassar a cultura e como forma de trazer boas energias e união para o grupo.

No tocante aos eventos, tais como os casamentos, os nascimentos e os batizados, esses são valorizados, festejados e marcados por todos com muita alegria, diversão, música, dança, bebida e comida farta durante muitas horas ou muitos dias. No decorrer desses festejos recebem muitas visitas de fora, amigos e familiares de outros acampamentos ciganos, e vivenciam várias trocas de experiências entre seus pares.

Ressalta-se que a maioria dos homens são músicos, cantam, tocam violão e entoam lindas, animadas e às vezes melancólicas canções. Em vários momentos fazem rodas de cantoria, na qual todos e todas participam ativamente, proporcionando a todos do acampamento uma rotina de muitas trocas de aprendizados. Já as mulheres, sempre muito enfeitadas com suas saias longas e coloridas, demonstram grande habilidade com a dança. Desde a infância aprendem umas com as outras, e os ensinamentos também são repassados pelas mães, tias e avós. Talvez na dança encontrem um espaço único de expressão e fala no qual podem, ainda que por um breve momento de *catarse*, serem o centro das atenções e reconhecimento em uma sociedade patriarcal e machista.

No acampamento, essa é uma prática muito realizada no cotidiano das ciganas Calon. Sempre realizam várias apresentações, dentro e fora do contexto familiar. Daiane, sobre isso, nos diz: *“quando danço, sinto que minhas energias renovam. Acho que Deus nos abençoou com a dança, prá termos forças de seguir em frente, firmes e fortes.”* (DAIANE, 2017, informação verbal)

Há, ainda, a dança Flamenca. Essa é uma criação da figura feminina cigana Calon. Portanto, em todo evento na comunidade fazem questão de relembrar sua cultura, apresentando suas danças e performances de expressões corporais diversas. Sendo assim, continuam a contribuir para a permanência e manutenção da sua cultura, haja vista que, alimentando as memórias, estão repassando sua cultura para as gerações futuras. O povo cigano, no geral, mostra-se muito idealista e sonhador. Sua bandeira é a liberdade. Possuem outras concepções de vida, que muitas vezes mexem com o imaginário dos não-ciganos, provocando uma contradição entre o encantamento, o fascínio, o mistério, a sedução e o estranhamento, o que assusta o nosso modelo de vida hegemônico.

5.9 Alguns marcos legais

Embora as leis não tratem, especificamente, das comunidades ciganas, existem, contudo, algumas leis que os amparam como cidadãos brasileiros. Sabe-se que existe uma distância muito grande entre as legislações vigentes e o “sujeito de direito”, principalmente quando se trata de minorias étnicas e sem representação social significativa. Ainda mais quando essa minoria se refere a um povo excluído e marginalizado, tais como os ciganos. Portanto, foram poucos, mas significativos, os avanços, e as conquistas, as quais puderam dar sustentação aos corpos cansados pela peregrinação contínua e vozes tão caladas.

5.9.1 Constituição Federal

A Constituição Federal no art. 1º, inciso III, garante o Estado Democrático de Direito e tem como fundamento a dignidade da pessoa humana. O artigo 6º garante, em seu texto, os direitos sociais, como a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. No art. 215 diz:

O Estado garantirá a o pleno exercício dos direitos culturais e acessos às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. § 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. § 2º - A Lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Já no art. 216 se tem:

Constituem patrimônio cultural brasileiro bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se inclui as formas de

expressão; II os modos de criar, fazer e viver; III as criações científicas, artísticas e tecnológicas; que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros.

Portanto, é uma questão de reconhecer os direitos dos cidadãos e cidadãs, independentemente de sua etnia. Dessa maneira, a questão cigana no Brasil precisa ser reconhecida e valorizada. Afinal, somos todos brasileiros e brasileiras e, portanto, é preciso conhecer para aprender a proteger, haja vista toda a diversidade que há em diferentes aspectos. Assim sendo, o simples fato de existir e pertencer à mesma nação, além de estar regido sob as mesmas leis, nos torna sujeitos coletivos, detentores de direitos e deveres.

5.9.2 Lei 8.069/90 – Estatuto da criança e do adolescente (ECA)

Sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, está disposto, no art. 53, que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes”:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - direito de ser respeitado por seus educadores;
 - III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
 - IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
 - V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.
- Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.

5.9.3 Lei 9394/96 - Lei de diretrizes e bases da educação

No tocante à LDB, está disposto o respectivo:

Art.1º. Afirma que a educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Destaque para o artigo 26, § 4º “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia”.

5.9.4 PNEDH- Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

Conforme consta no PNEDH, está estabelecido que deve haver a consolidação da cultura, sempre pautada nos princípios dos direitos humanos e da cultura de paz. Assim sendo, são princípios norteadores da educação em Direitos humanos na educação básica:

Estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania, o acesso ao ensino, permanência e conclusão, a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, dentre outras e a qualidade da educação, assegurando o seu caráter transversal e a relação dialógica entre os diversos atores sociais, (BRASIL, 2013, p.19)

5.9.5 Resolução Nº 3/2012 do Ministério da Educação (MEC)

A referente resolução, por sua vez, define diretrizes para o atendimento, no sistema público de ensino, das populações em situação de itinerância, incluindo crianças e adolescentes ciganos.

A condição de itinerância tem afetado, sobremaneira, a matrícula e o percurso na Educação Básica de crianças, adolescentes e jovens pertencentes aos grupos sociais ligados aos ciganos, indígenas, trabalhadores itinerantes, acampados, artistas e demais trabalhadores em circos, parques de diversão e teatro mambembe. É necessário que se faça uma reflexão sobre as condições que os impedem de frequentar, regularmente, uma escola, assim como a consequente descontinuidade na aprendizagem, levando-os ao abandono escolar, impedindo-lhes a garantia do direito à educação.

Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB) nº 03, de 16 de maio de 2012, que define diretrizes para o atendimento de educação escolar das populações em situação de itinerância, incluindo as populações ciganas nômades.

Portaria nº 10, de 28 de fevereiro de 2014, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, do Ministério da Educação (SECADI/MEC), que institui o Grupo de Trabalho para acompanhar a implementação da Resolução CNE/CEB nº 03/2012 que institui as Diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância, no que se refere às populações ciganas.

As orientações e encaminhamentos dados pelas instituições escolares quanto à matrícula dos estudantes em situação de itinerância geralmente não são de conhecimento público, ficando, na maioria das vezes, à mercê da relação estabelecida entre a escola e a família em contextos específicos. Nesse sentido, o Ministério da Educação, desde 2011, acolheu o **Parecer CNE/CEB nº 14/2011 e a Resolução CNE/CEB nº 3, de 16 de maio de 2012**, que define *diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância*.

5.9.6 Plano nacional de cultura (PNC)

Esse plano nacional foi instituído pela Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010, e tem por finalidade o planejamento e implementação de políticas públicas de longo prazo (até 2020) voltadas à proteção e à promoção da diversidade cultural brasileira. Tal diversidade se expressa em práticas, serviços e bens artísticos e culturais determinantes para o exercício da cidadania, da expressão simbólica e do

desenvolvimento socioeconômico do País. Os objetivos do PNC são o fortalecimento institucional e a definição de políticas públicas que assegurem o direito constitucional à cultura, à proteção e à promoção do patrimônio e da diversidade étnica, artística e cultural; a ampliação do acesso à produção e fruição da cultura em todo o território; a inserção da cultura em modelos sustentáveis de desenvolvimento socioeconômico, e o estabelecimento de um sistema público e participativo de gestão, acompanhamento e avaliação das políticas culturais.

5.9.7 Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) nº 01, de 17 de junho de 2004

Nessa resolução está disposta, no art. 2º, §1º, que a Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

5.9.8 Currículo em movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Outro importante documento da SEEDF, construído a muitas mãos pelos professores e coordenadores, na perspectiva de ter um norteador para garantir o trabalho voltado ao respeito à diversidade, cidadania e direitos humanos, é o “Caderno Pressupostos Teóricos, Eixo Educação em/e para os Direitos Humanos na prática escolar”, que traz a seguinte informação:

A massificação/democratização do acesso à escolarização trouxe de uma forma mais veemente às discussões nos ambientes educacionais a questão da diversidade de grupos e sujeitos historicamente excluídos do direito à educação e, de um modo em

geral, dos demais direitos, o que torna urgente a adoção de novas formas de organização educacional diversificadas, metodologias de ensino-aprendizagem e de atuação institucional, buscando superar o paradigma homogeneizante que se coloca como limitador do direito à aprendizagem. (SEEDF, 2012, p.56).

Outro valioso, e significativo, marco legal foi a instituição do dia 24 de maio como o **Dia Nacional do Cigano**, por meio do Decreto assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006, publicado no *Diário Oficial da União*, em 26 de maio de 2006, lembrando que o dia 25 de maio marca a data que ocorreu o holocausto cigano na Alemanha Nazista sendo, também, um dia dedicado à Santa Sara Kali, protetora do povo cigano. O Decreto foi instituído em reconhecimento à contribuição das etnias ciganas na formação da história e da identidade cultural Brasileira. Como parte da celebração do Dia Nacional dos ciganos, instituído por Decreto presidencial na mesma data, foi realizado, em Brasília, o *Primeiro Encontro Nacional dos Povos Ciganos*. Esse evento foi intitulado de “**BRASIL CIGANO**” e reuniu cerca de 300 pessoas de comunidades ciganas de diferentes regiões do País, vindas de 19 estados e do Distrito Federal. Foi a primeira vez em que o Brasil reconheceu e deu visibilidade aos Ciganos.

Teoricamente, portanto, é sabido que há alguns documentos de amparo legal ao atendimento e tratamento às comunidades ciganas, mas, também, se conhece as fragilidades na aplicabilidade dessas leis, principalmente quando se trata de populações e comunidades tradicionais. Infelizmente, existe uma lacuna muito grande entre os documentos e a realidade desse povo que ao longo dos tempos vem peregrinando e mendigando por reconhecimento e amparo do poder público.

Portanto, mesmo reconhecendo que as leis estão aí para serem retiradas do papel e serem cumpridas, sabemos que em se tratando de minorias étnica e principalmente de uma minoria que ainda encontra-se em processo de luta por visibilidade no País, como é o caso do povo cigano, para que essas legislações se cumpram existe a necessidade de uma força tarefa, no sentido de conscientizar as pessoas e emancipar esse povo, a fim de que os mesmos saibam os caminhos a percorrer para que não seja violado ou negado os seus direitos fundamentais básicos.

No que tange à comunidade Cigana Calon de Sobradinho, o que percebemos é que esse povo tem feito um grande esforço para participar das discussões e debates que envolvem os interesses do acampamento e da

comunidade. Os senhores Wanderley e Jefferson da Rocha, ambos líderes, membros e presidentes da Associação Nacional das etnias Ciganas (Anec), procuram diariamente estar cientes e participarem de várias situações políticas, sociais e estruturais da cidade. Inclusive, não podemos deixar de registrar que o Sr Wanderley da Rocha foi candidato a conselheiro na eleição da Administração de Sobradinho, e no dia 31/10/16 foi eleito por unanimidade para o Conselho Regional de Cultura de Sobradinho.

Outras tentativas interessantes em participarem da vida social e política da cidade aconteceram. Na noite de 05 de abril aconteceu a reunião do Conselho de Segurança Pública (Conseg)¹⁹, com muitas representações. Foi planejada por várias Secretarias de Estado e pelo Presidente do Conselho, Hélio das Chagas, objetivando integrar a comunidade cigana Calon ao trabalho comunitário do Conseg, conhecendo mais a situações e problemática envolta na condição cigana da Rota do Cavalo. A reunião foi tão importante para estreitar os laços e a integração, que os ciganos fizeram questão de registrar com fotos e filmagens para que outras comunidades ciganas do País pudessem tomar conhecimento e servir como exemplo que Estado e Comunidades tradicionais podem e devem dialogar, para uma maior aproximação e quebra de paradigmas negativos que somente atrapalham nos avanços das Políticas Públicas. Na fala de Senhor Wanderley da Rocha, o mesmo traz essa alegria e esses anseios:

Em 500 anos de história isso nunca aconteceu, professora; foi a primeira vez em que o contato com as forças de segurança foi promovido para nos ouvir e aumentar o diálogo. Foi a primeira vez que fomos ouvidos no nosso próprio ambiente. Sempre que recebia visita das autoridades, professora, era para expulsar nós dos lugares, vinham pra dizer que nós não era bem-vindos. Nosso povo tá muito feliz. (2017, informação verbal).

Em muitas conversas com o Sr Wanderley e seu povo cigano o que presenciemos foram muitas tentativas de aproximação e tentativa de diálogo com o Estado, pois esses acreditam que somente através dessa aproximação e articulações com o poder público a questão das políticas públicas poderão avançar.

¹⁹ Disponível em: <<<http://www.mulher.df.gov.br/noticias/item/2833-ciganos-sediam-reuni%C3%A3o-hist%C3%B3rica-do-conselho-de-seguran%C3%A7a.html>. Acesso em: 03 set. 2017.

Essa procura constante faz parte de uma rotina árdua, permanente e incessante dos líderes do acampamento cigano Calon.

5.9.9 O Estatuto Cigano

Um importante e necessário documento para o reconhecimento e validação da Cultura é o **Estatuto Cigano**²⁰, cujo esboço foi encaminhado ao Senador Paulo Paim, pela Associação Nacional das Etnias Ciganas (Anec), com alguns anseios e especificidades, elaborados nos moldes do Estatuto da Igualdade Racial, que já está em tramitação no Senado Federal, tendo como autoria o Senador Paulo Paim (PT-RS). A Comissão de Educação, Cultura e Esporte deverá analisar a proposta (PLS, 248/2015). O texto trata de diversas especificidades de aspectos da vida dos povos ciganos no Brasil, como sociais, trabalhistas, culturais, educacionais e nas questões de saúde pública.

Esse documento, em tramitação, visa assegurar oportunidades em vários aspectos da vida social, no acesso à saúde, incentivo à educação e trabalho sem distinção de gênero e nas políticas de promoção da igualdade social, estabelecendo o direito à transferência de matrícula e garantia nas escolas públicas em qualquer tempo e espaço. O texto também aborda a criação de espaços para disseminação e preservação da cultura milenar e assegura o atendimento na rede pública de saúde, mesmo aos ciganos sem identificação civil.

Outra inovação é a caracterização das línguas e dialetos ciganos como bem cultural de natureza imaterial e o direito à preservação do patrimônio histórico cultural material e imaterial e sua continuidade como formador da história do Brasil.

Com relação a trabalho, segundo o projeto de lei, o governo deverá adotar ações para combater a discriminação, para acesso ao emprego e à profissão. Caberá ao poder público promover oficinas de profissionalização e incentivar as empresas e organizações privadas e públicas a contratar ciganos.

²⁰ Disponível em: <<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/01/criacao-do-estatuto-do-cigano-esta-em-analise-na-comissao-de-educacao>. Acesso em: 03 set. 2017.

Também deverá o poder público elaborar políticas para assegurar moradias adequadas ao povo cigano, respeitando as peculiaridades culturais, sociais e étnicas. Lembrando que os ranchos, barracas e acampamentos são parte dessa cultura e tradição da população, configurando asilo inviolável.

A proposta ainda determina o censo para coleta de dados demográficos e populacionais dos povos ciganos para subsidiar a elaboração de políticas públicas.

O relator do Projeto é o senador Hélio José (PMDB – DF) e depois da comissão da educação será analisado pelas comissões de Assuntos Especiais e Direitos Humanos e Legislação Participativa. Após análises de todas as comissões, seguirá para a Câmara dos Deputados para ser aprovada.

Portanto, esse importante documento segue os trâmites da lentidão da Lei, enquanto isso, a população cigana continua sua jornada, batendo em muitas portas, convivendo com negações e vivendo dos favores e dissabores de uma etnia peregrina. Nesse sentido, conforme descreve Luis Carvalhido (2017), em seu livro “o Fumo dos dias”, os ciganos são os “mendigos de ninguém” (p. 82). Ele retrata a fala de um cigano quando diz: “Eu sei viver sem comer. Como não sei contar os dias, também não sei contar as refeições que me faltam. Só não sei viver sem o fogo da fogueira, pois acredito que morro se não tiver o lume a me aquecer.” Neste trabalho Carvalhido traz a realidade de uma comunidade cigana que vive no acampamento de Fornelos, vizinha da linda cidade de Barcelos em Portugal.

6. O SISTEMA DE ENSINO: QUEM AUTORIZA E QUEM É AUTORIZADO?

Neste momento abordaremos a questão principal da pesquisa, qual seja a relação entre a comunidade cigana Calon de Sobradinho e o sistema de ensino público local. A educação formal pode fomentar a inclusão e até a mobilidade social, mas, ao mesmo tempo, pode vir a reproduzir desigualdades sociais, as quais previamente existem na vida de seus integrantes. Assim, por possuir um desfile de saberes e conhecimentos específicos, é ideal para ter lançado sobre si um viés de pesquisador, capaz de trazer um olhar diferenciado e atencioso ao objeto em questão.

Nesse sentido, os sujeitos os quais compõem esse meio têm, por conseguinte, a possibilidade de vivenciar a prática de ações sob uma perspectiva dialógica dos direitos humanos, da diversidade, o que estimularia, pelo menos em tese, a criação dum espaço irrigado de conhecimentos plurais. Assim, sobre a função da escola como um espaço social e cultural, Dayrell enfatiza que:

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. (DAYRELL, 1996, p.2).

Entende-se que esse processo de heterogeneidade e diversidade cultural é fruto de um contexto, de um espaço social macro, sendo a escola a parte específica de um todo. Logo, as ações externas e internas interagem e acabam, por consequência, refletindo no ambiente escolar. Assim sendo, se faz necessária a avaliação e a ressignificação das práticas pedagógicas aplicadas ao meio escolar.

Para tanto, é necessário estimular a interação e o diálogo de todos os envolvidos, identificando as necessidades apresentadas, o que resultará num ambiente humanizado, agradável, prazeroso, saudável, bem direcionado e com resultados mais efetivos. Essa deve ser a marca da escola pública democrática e

inclusiva, a qual se baseia no respeito às diferenças, à cultura e à diversidade. Expandindo o raciocínio, ao analisar as relações entre diversidade e currículo da Educação Básica, Gomes (2007, p. 41) pontua que:

[...] a diversidade é muito mais do que um conjunto de diferenças. Ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças a qual está ligada às relações de poder, aos processos de colonização e dominação. Portanto, ao falarmos sobre a diversidade não podemos desconsiderar a construção das identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais.

Nessa linha de raciocínio, a chegada dos ciganos no espaço escolar proporcionou a todos os envolvidos uma troca de experiências valiosas e ricas, pois eles trazem consigo um conhecimento histórico-social diversificado. Tal fato, por sua vez, torna o processo de inclusão escolar mais sólido, permitindo que saberes étnicos e raciais dos povos ciganos sejam assimilados pelos demais alunos, promovendo um significativo fortalecimento da escola na comunidade. O humanismo freireano e sua inabalável fé na possibilidade da educação ecoam, também, na proposta de Boaventura Santos acerca da conflitualidade dos conhecimentos. Segundo ele:

[...] a sala de aula tem de transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que optar. Optam os alunos tanto quanto os professores e as opções de uns e de outros não têm de coincidir nem são irreversíveis. As opções não assentam exclusivamente em ideias já que as ideias deixaram de ser desestabilizadoras no nosso tempo. Assentam igualmente em emoções, sentimentos e paixões que conferem aos conteúdos curriculares sentidos inesgotáveis. (SANTOS, 2009, p. 19).

Diante de tais reflexões, defendemos a importância no sistema educacional de uma harmonia entre o direito à igualdade e o direito às diferenças, pois somente em posse desse entendimento é que se poderá promover uma educação libertadora. Perceber a tensão entre esses dois movimentos é fundamental para, a partir desse paradoxo, estimular a criatividade, incentivar a busca de novos conhecimentos e reforçar os compromissos educacionais e sociais.

A fim de trazer as diferenças sociais até então expostas, se faz pertinente o respectivo relato. Ainda segundo a cigana Daiane da Rocha, repete-se a fala de que

por onde passaram, encontraram preconceito, discriminação, hostilidade e até mesmo pessoas dificultando a entrada das crianças nas escolas, ou não permitindo que elas tivessem acesso aos seus direitos básicos. Esse episódio traz à tona a seguinte questão: os direitos sociais e fundamentais garantidos pela Constituição Brasileira, envolvendo as comunidades tradicionais e minorias étnicas, apesar de existirem no plano legal, em sua materialização ainda deixam muito a desejar no Brasil, especialmente no atendimento às minorias étnicas. Esses sujeitos são majoritariamente esquecidos ou negligenciados, sendo com os ciganos e ciganas o problema ainda maior.

Pelo fato de serem ágrafos e com pouco acesso à educação, torna-se ainda mais difícil terem acesso aos outros direitos. A ausência de políticas públicas voltadas para esse povo evidencia o descaso. Afinal, por se tratar de populações com outro tipo de organização elas, por si só, representam pouco peso político.

O problema educacional cigano não está resolvido apenas com a matrícula das crianças ciganas em escolas públicas ou particulares, ou seja, não está resolvido garantindo-se aos ciganos somente o direito à educação, embora isto já seja uma grande conquista. Para garantir o direito a uma educação cigana, inúmeros outros problemas terão de ser discutidos e, na medida do possível, resolvidos. E para isto será necessária a colaboração de todos os interessados e entendidos na problemática cigana, e principalmente dos ciganos, que deverão ser os protagonistas do seu próprio destino. (MOONEM, 2011, p. 14).

A comunidade cigana Calon, em Sobradinho, vem enfrentando uma série de dificuldades em relação à violação de seus direitos. Fazem parte de um grupo numeroso, vivem em famílias. Entre os membros do acampamento, a maioria é analfabeta; somente os líderes são alfabetizados. As mulheres, por uma questão cultural e de gênero, são proibidas, por meio de “conselhos” da família, a não frequentarem a escola, por receio de se interessarem por homens que não são da sua etnia.

Por isso, das mulheres adultas, apenas cinco foram à escola, e ainda trilham seus primeiros anos de escolarização na Educação de Jovens e Adultos. A maioria das crianças em idade escolar, por viverem em situação de nomadismo, está em defasagem de idade/ano. Portanto, enfrentam, diariamente, dentro das unidades de ensino, muitos preconceitos e discriminações, tanto pela idade incompatível com o ano/turma, quanto pelo choque cultural.

São três as escolas públicas que atendem a Comunidade Cigana em Sobradinho, sendo duas Escolas Classes (Ensino Fundamental Séries Iniciais) e um Centro de Ensino Fundamental (Ensino Fundamental Séries Finais). O que se percebeu foi a difícil adaptação das crianças, adolescentes, jovens e adultos com o meio escolar formal, além da grande dificuldade que a escola tem em dialogar com a cultura e os saberes desses sujeitos. Em conversa com a comunidade cigana, grande parte se queixa da forma como são tratados, do quanto são acusados e culpados dentro do espaço escolar por todas as mazelas e delitos ocorridos nesse ambiente. Sempre são apontados como autores de pequenos furtos, infrações às regras de convívio, dificuldades de aprendizagem, desinteresse pelos projetos oferecidos, defasagem nos conteúdos, questões comportamentais e ausência de acompanhamento pedagógico dos familiares.

Lembrando que, todos os conhecimentos, culturas, brincadeiras e ensinamentos são repassados pelos líderes ou pelos mais velhos e são compartilhados por todos. Dentro do acampamento tudo é coletivo. As crianças aprendem umas com as outras cantando, brincando, dançando e realizando atividades corriqueiras e domésticas. Elas participam de todas as decisões do grupo. Tudo é construído e compartilhado de forma coletiva.

O que se nota em relação à escola é uma cobrança extremamente distante do ambiente que a comunidade cigana vive. Como a escola formal não consegue dialogar com os saberes desse povo, com os conhecimentos produzidos e construídos coletivamente – fruto de uma Educação informal extremamente rica, ocorre o tensionamento entre a comunidade escolar e a comunidade cigana, configurando, assim, como diz Miguel Arroyo, um território em disputa.

Como a escola pode cobrar aos pais das crianças quando se trata de uma tarefa de casa para fazer se nem sequer tem conhecimento de que este pai não é detentor do mundo das letras, estando impossibilitado de acompanhar a tarefa diariamente enviada ao filho ou filha. Outra questão que tange ao diálogo está na escolarização modelar de uma sala de aula moldada entre quatro paredes para um povo nascido e criado livre, sem paredes onde a extensão de seus olhares é o horizonte senão o céu, e a escola lhe oferece paredes, janelas, portas, trincos, sinais, pátios, horários, regras. (ARROYO, 2012, p. 217).

Dessa maneira, fica bastante visível a dificuldade de acesso e permanência do e da estudante cigano (a) na educação formal, tendo em vista que esse espaço

não é tão interessante para eles, uma vez que a Educação informal recebida na comunidade seja, talvez, muito mais significativa e atraente, e de fácil exercício entre os seus pares, ainda que reproduza alguns valores que reforçam a estigmatização e a exclusão das mulheres no acesso aos postos de liderança e valorização no grupo.

Essa diversidade de coletivos ao defender seus territórios como lugares de cultura, de conhecimentos ampliam a própria experiência e história cultural e intelectual pensada como exclusiva aos lugares legítimos de existência, de conhecimento e de cultura. Ao dar tamanha centralidade a seu direito aos espaços do conhecimento os enriquecem trazendo outros conhecimentos, outras formas de pensar, de produzir conhecimentos. (ARROYO, 2012, p.217).

Na perspectiva histórico-cultural, o célebre autor Vigotski, reforça esse pensamento, quando reflete sobre a importância de conhecer e valorizar o objetivo da ação educativa:

[...] um momento decisivo no processo educativo é o conhecimento do objetivo de cada ação, saber para que se estuda determinado material, e esse fim último, através da orientação prévia, exerce a ação orientadora mais importante no processo educativo. O valor pedagógico da expectativa não se resume apenas a preparar o terreno para a percepção de novos conhecimentos, mas abrange muito mais que isso, ou seja, elaborar a direção correta que será comunicada à reação recém-surgida (VIGOTSKI, 2003, p. 135).

Em outras palavras, é necessário dar significância às aprendizagens, desinstitucionalizar as palavras e aproximar os saberes. Não podemos reproduzir muralhas e barreiras subjetivas. As potencialidades e fragilidades precisam ser dialogadas e debatidas com os seus sujeitos envolvidos no processo.

Na pesquisa de campo, em conversa com a gestora da Escola Classe Sítio das Araucárias, Evaíde – uma das escolas na qual estudam os ciganos –, trazemos um relato interessante. Ela nos disse que Samuel, um estudante em defasagem de idade/série a procurou reclamando de se sentir constrangido em meio às crianças da sua sala de aula e da escola classe. Ele disse à diretora: *“Tia, por favor, me passa um trabalho, uma atividade, que eu faço tudo que vocês mandarem. Não aguento mais ter que ficar sentado na sala com esses meninos pequeninhos.”* (SAMUEL, 2017, informação verbal).

É de se pensar o quão desafiador e penoso é para esse adolescente de 14 anos, com toda sua experiência e bagagem biológica, hormonal, cultural e social, ter que estar no mesmo contexto, compartilhar dos mesmos interesses, atividades, tarefas, leituras e ambiente infantilizado das crianças de 8 e 9 anos de idade.

Após analisar como a estrutura do sistema educacional entra em conflito com a cultura ímpar dos ciganos, passa-se agora para outra parte da pesquisa, momento no qual se buscará, no amplo segmento da educação, mecanismos capazes de contribuir para um ensino igualitário e abrangente a todos que dele fazem uso.

6.1 O exercício da coletividade na construção de uma educação libertadora e emancipadora

Defendemos que para se construir uma educação libertadora e emancipadora é preciso que o atual sistema de ensino, de antemão, detenha algumas características elementares. Mas, para que isso ocorra, é preciso conhecer os mecanismos que compõem as relações coletivas, pois somente de posse desses componentes é que será viável transmitir e exercitar essas condutas para dentro de um cenário educacional.

Assim sendo, sugerimos algumas características esperadas dessa educação coletivista e socialista moderna. Num primeiro momento, seu alicerce precisa estar atrelado aos direitos humanos, assim como ao respeito às diversidades, passíveis de ocorrer em qualquer sociedade. Além disso, é preciso que esse contexto esteja preparado para receber o grande mosaico de diferenças que nele se apresentará, sendo capaz de abarcar inúmeros pontos de vista, rico em diversidades e muitas representações sociais.

Ou seja, sob a perspectiva freireana, para que tal contexto de educação se materialize torna-se, indispensável, que esse ambiente seja forjado para lidar com as múltiplas experiências e vivências, sendo aberto a debates e discussões sem conflitos, favorável às contradições e, por fim, flexível às mudanças e às ações dialéticas. Arroyo nos alerta e nos traz uma reflexão bastante interessante, quando diz:

Desenraizar os povos originários e a diversidade de grupos populares foi e continua sendo os processos mais desumanizadores em nossa história. Na medida em que se decretam seus territórios como ilegais, inexistentes, decreta-se a inexistência das bases de sua produção como humanos, culturais, sujeitos de memórias, valores, identidades coletivas. Destrói-se o chão, a base material, os processos de trabalho e de produção de seu viver e ser sujeitos de humanidade, culturas, valores, conhecimentos, logo, disponíveis para a cultura, o conhecimento, as representações de si e do mundo impostas como as únicas legítimas, hegemônicas. (ARROYO, 2012, p. 203-204).

Portanto, nossa reflexão acerca do “desenraizar” dialoga com a realidade da comunidade cigana analisada na presente pesquisa, considerando a atual conjuntura desse povo que, atualmente, luta para ser reconhecido socialmente e, por conseguinte, pertencer a essa sociedade que constantemente os exclui e os invisibiliza.

Acerca da busca por aceitação, é interessante perceber como as relações se dão diferentemente dentro dos acampamentos ciganos. Entre eles há uma cultura de cuidado, de união e de afeto. O exercício dessa conduta, por sua vez, produz um “corpo”, um “sujeito coletivo”, o que chama a atenção para uma percepção muito importante: o todo só existe por causa do particular, e vice-versa.

Nessa medida, se faz necessário aprender com eles e reconhecê-los como sujeitos de direitos, assim como qualquer um de nós, cidadãos brasileiros. Não se pode negar que eles fazem parte do nosso processo civilizatório e que colaboram para enriquecer a cultura do nosso País. Ou seja, em nossa ótica devem ser considerados, **patrimônio imaterial histórico e cultural brasileiro**. De acordo com Pederiva (2016), “*nós somos seres de possibilidades e não de dificuldades e todas as atividades humanas, por sua vez, possuem uma singularidade*”. A relação que cada corpo vai ter com cada corpo é única.

Seguindo esse viés, a Educação, especialmente a da escola pública, precisa estar atenta, e trabalhar coletivamente a serviço das diversidades, abrindo espaços para todas as vozes, olhares, escutas e culturas. *Se a própria natureza se encarrega de produzir diferenças, porque o contexto escolar sistematizado insiste em uniformizar e, conseqüentemente, descaracterizar os sujeitos coletivos?*

Sobre tal questionamento, sob a lógica da Educação Popular, Brandão (2000, p.142) discorre:

[...] foi e continua sendo uma sequência de ideias e de propostas de um estilo de educação que tem como foco o compromisso de ida e volta nas relações pedagógicas de teor político realizado através de um trabalho cultural estendido a sujeitos de classes populares compreendidos não como beneficiários tardios de um serviço, mas como protagonistas de um processo.

Defendemos que a escola pública e a educação formal necessitam ter amplitude no seu olhar, considerando as experiências dos educandos, e a comunidade cigana, por conseguinte, ter amplitude na valorização desse espaço escolar, como um espaço propício a trocas dessas experiências, para promoção de uma educação criativa, emancipadora e libertadora. Em momentos e espaços diferentes, ou não, em uma *dialética* própria dos processos sociais humanos, **todos somos protagonistas e todos somos coadjuvantes na ação educativa dos saberes.**

Figura 12: A escola visita o Rancho do Senhor Wanderley da Rocha



Fonte: acervo da EC Sítio das Araucárias

Ainda segundo o pensamento de Vigotski (2009), por meio das experiências e das possibilidades é que as crianças criam, exploram e imaginam, realizando, assim, ações educativas significantes para o seu crescimento e desenvolvimento.

Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto do seu tempo e do seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente apoia-se em possibilidades que existem além deles. Eis porque percebemos uma coerência rigorosa

no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. (VIGOTSKI, 2009, p.129).

Dessa maneira, após um olhar mais profundo dos mecanismos inerentes ao sistema educacional, percebemos o desequilíbrio entre o direito à igualdade e o direito às diferenças dentro das escolas. Diante desse cenário, no capítulo seguinte, descreveremos ferramentas metodológicas de pesquisa que permitam identificar, *in loco*, as necessidades desses educandos ciganos com maior afinco.

7. DESVELANDO O CONTEXTO ESCOLAR: MÉTODOS DE PESQUISA E TRAJETÓRIA

Conforme Sánchez (2012), há diferentes métodos e formas de abordar a realidade educativa e em cada um desses estão implícitos diferentes pressupostos os quais, por sua vez, precisam ser desvelados. O autor ressalva que, embora as concepções filosóficas muitas vezes estejam ocultas, numa pesquisa de caráter social é importante deixar explícito a quem servirá tal pesquisa. Ele ainda acrescenta que, nesse contexto, os estudos de caráter qualitativo ganham significativa importância quando são utilizados sobre a investigação educativa e seus pressupostos epistemológicos.

Outra forma de investigação utilizada para a construção da presente pesquisa é a concepção reivindicatória e participativa, a qual, segundo Creswell (2010), *veio para dar voz aos participantes*. Ou seja, tal linha de pensamento assume que o pesquisador deve estar a serviço de uma política pública, agindo colaborativamente, interagindo e decidindo com o grupo, promovendo ações dialéticas, numa perspectiva de provocar reflexões, reformas e mudanças no contexto social.

Nesse viés, como o contexto da comunidade cigana está em constante movimento, todas as informações conseguidas para a elaboração dessa dissertação se deram por meio da oralidade, nas rodas de conversas e seguindo algumas pistas entre eles. Para Sánchez (2012), “investigação significa “seguir pegadas”, buscar algo a partir de vestígios.” E como a presente investigação constitui um processo metódico, é importante assinalar que “o modo ou o caminho de se chegar ao objeto, o tipo de processo é dado pelo próprio objeto e não pelo contrário”. (GAMBOA, 2012, p. 27).

Dessa forma, como o contexto é o acampamento cigano, optou-se pela **pesquisa-ação** como método escolhido nesta obra. Os ciganos não deixam registros facilmente identificáveis, sendo sua bibliografia escassa. Assim, este trabalho procurou se balizar pelos relatos dos ciganos e de toda comunidade escolar envolvida, e a partir desses saberes transformar a realidade daquelas pessoas, por meio de **ações coletivas, educativas e, sobretudo, políticas**.

Segundo Thiollent, dentro do quadro empirista em que se movem as pesquisas, nada impede uma diversidade de interpretações possíveis.

Por exemplo, quando a resposta projetada do indivíduo pobre revela certa hostilidade para com os ricos, o observador pode adotar, em função da sua visão de mundo, uma interpretação, enfatizando quer o grau positivo de consciência de classe, quer o autoritarismo ou a periculosidade das classes inferiores (THIOLLENT, 1982, p.98).

Assim sendo, este estudo foi desenvolvido no acampamento cigano Calon, situado na Rota do Cavalo, no Setor Rural de Agrovila de Sobradinho DF, bem como nas escolas que recebem os estudantes ciganos: o *Centro de Ensino Fundamental 04 (CEF 04)*, a *Escola Classe 16*, localizada no Setor Nova Colina, e a *Escola Classe Sítio das Araucárias*, localizada na área Rural de Sobradinho. Essas duas escolas têm suas especificidades por atenderem um público de área rural. Seus estudantes são oriundos de chácaras, e sítios, sendo filhos e filhas de moradores e trabalhadores do campo.

O grande desafio, enquanto pesquisadora, é procurar um olhar diferenciado e uma escuta sensível para as questões da coletividade, diversidade e dos direitos humanos, uma vez que os seus sujeitos têm seus direitos violados e a única saída que encontram é a evasão escolar. Portanto, a escola precisa trabalhar, fazendo essa ação dialógica entre as várias questões de etnicidade cigana e o currículo escolar, valorizando os saberes e as experiências prévias dos estudantes e, mais especificadamente, o conhecimento de mundo dos ciganos Calon.

Lembramos que a arte, a dança, a linguagem matemática e a musicalidade, muito presentes na cultura cigana, podem ser fortes aliados na construção de um ambiente escolar prazeroso, humanizado e revolucionário, sendo elementos fundamentais para desmistificar os preconceitos e dar significância aos saberes e aprendizagens, além de estreitarem as relações afetivas dentro desse espaço. Isso nos faz lembrar as palavras da professora Patrícia Pederiva (2016, informação verbal): “a arte é a ferramenta das emoções, e através dela, podemos acessar muitas áreas do conhecimento e abrir inúmeras novas possibilidades.”

7.1 Contexto da pesquisa

Figura 14: CEF 04 de Sobradinho, 2017



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A pesquisa foi realizada, a princípio, em três escolas Públicas da Regional de Ensino de Sobradinho DF, sendo elas: Centro de Ensino Fundamental 04, Escola Classe 16 e Escola Classe Sítio das Araucárias. No decorrer da pesquisa, alguns estudantes desistiram, evadiram, transferiram, mudaram de cidade e alguns, principalmente os adultos, deixaram de frequentar a escola. Portanto, no CEF 04, que fica na quadra 15 da zona urbana de Sobradinho, no qual se atende por volta de 1200 estudantes matriculados nos três turnos, havia 04 estudantes do acampamento cigano matriculados no início em 2016, no entanto, ao final da pesquisa de campo, em Setembro de 2017, todos, por vários motivos, já haviam saído.

Samarithana (7º ano diurno) saiu por reprovação e mudança para Buritis, em Minas Gerais; Sandra (6º semestre, EJA noturno), por motivo de trabalho exaustivo de venda ambulante de panos de prato; e os irmãos Samuel e Kaíque (5º semestre da EJA), por transferências de escola. Segundo eles, não se adaptaram bem à escola, alegando dificuldades de acompanhamento nas disciplinas, dificuldades com o horário de entrada e saída, perda do transporte público e dificuldade em entrosar com os colegas não-ciganos ou de outras origens.

Figura 15: EC Sítio das Araucárias – Sobradinho



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A outra escola, a qual estive o tempo todo aberta às discussões acerca dos estudantes ciganos, onde nasceram as primeiras inquietações para essa pesquisa e onde deste o início até o final deste estudo realizamos visitas e conversas, foi a Escola Classe Sítio das Araucárias, que é uma escola do campo localizada na zona rural de Sobradinho, tendo por volta de 250 estudantes. Trata-se de uma região repleta de chácaras, sítios e pequenas fazendas, e a escola atende, nos dois turnos diurnos, os estudantes do ensino fundamental: anos iniciais. Nos arredores da escola estão o acampamento cigano Rancho Nova Canaã e dois assentamentos do Movimento Sem Terra (MST). Nela se encontravam matriculadas, durante o tempo deste estudo, 06 crianças e 03 pré-adolescentes do acampamento cigano, na educação Infantil e no Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 6º ano).

Vale ressaltar que a Escola Classe Sítio das Araucárias foi fundamental campo de pesquisa, uma vez que pudemos perceber muitos avanços com relação aos estudantes ciganos. Conforme observamos nos documentos da secretaria, foi a escola em que houve menor evasão e deslocamento dos estudantes ocasionados por mudanças. A sua equipe o tempo toda mostrava-se aberta às discussões, reflexões e adaptações ao Projeto Político Pedagógico, abrindo espaços para os seus sujeitos. Em outubro de 2017, na semana da criança, a escola realizou um passeio ao acampamento cigano Calon, com o objetivo de aproximação da Comunidade Escolar e a Comunidade Cigana Calon.

Figura 16: EC Sítio das Araucárias visitando as famílias ciganas



Fonte: Acervo da EC Sítio das Araucárias

A pesquisa também foi realizada no contexto do acampamento Cigano, situado na Zona Rural, em Sobradinho, na Rota do Cavalo, na DF 440, Condomínio Nova Canaã, local no qual se localizam várias chácaras, sítios e haras com criação de cavalos. No acampamento Rancho Nova Canaã vivem 18 famílias em barracas.

Figura 17: Sr. Wanderley da Rocha apresenta às crianças a horta comunitária, 2017



Fonte: Acervo da EC Sítio das Araucárias

Outra escola participante do estudo foi a Escola Classe 16 de Sobradinho, que além de acolher os estudantes que se encontram em idade/série defasados, também foi a primeira escola, da Regional de Sobradinho, a acolher os estudantes ciganos adultos e idosos no período noturno da Educação de Jovens e adultos, do primeiro segmento. Essa escola iniciou em parceria com a UnB o Proeja-Transiarte, que atende a Educação de Jovens e Adultos. Esse Projeto adotou a dinâmica de

oficinas no contexto de uma disciplina, contando com a participação de monitores e do professor regente que se integrou ao programa cedendo espaço em sala de aula e operando as integrações curriculares necessárias para a articulação do projeto junto à comunidade escolar. Durante o projeto, os estudantes entraram em contato com as tecnologias educacionais, sociais e produziram vídeos. Foi algo muito bem aceito, com boa interação, receptividade e participação; todos puderam participar ativamente das produções. Ainda assim, logo após o término do projeto, muitos dos estudantes ciganos, principalmente os mais velhos, não conseguiram permanecer, alegando a causa do trabalho exaustivo de vendas ambulantes nas ruas durante todo o dia e o cansaço em chegar atrasado ao ponto do ônibus e muitas vezes perder o transporte locado pela Secretaria de Educação. Portanto nessa escola, ficaram apenas os dois jovens irmãos ciganos: Kaíque e Samuel Rocha, que foram sujeitos ativos e partícipes desta pesquisa. Além dos dois, gestores, orientadora, coordenadora e professores participaram ativamente das rodas de conversas e das entrevistas semiestruturadas, mostraram-se bastante envolvidos e curiosos com o tema da pesquisa e foram imprescindíveis para que conseguíssemos fomentar as discussões, reflexões e desenrolar os diálogos para que chegássemos às considerações e contribuições finais.

Figura 18: EC 16 – Sobradinho, 2017



Fonte: Acervo da Pesquisadora 2017

7.2 Participantes do estudo

No contexto dessa pesquisa, após estabelecer laços de confiança com os referidos sujeitos, procuramos ouvir os moradores do acampamento cigano, que de

alguma forma, tiveram ou continuam tendo contato e interesse na educação formal, para que os mesmos nos ajudassem a refletir e a compreender os diálogos entre a escola e a etnicidade cigana. Nesse sentido no desenvolvimento desta **pesquisa-ação** foram envolvidos 02 líderes, 04 pais/mães, 03 estudantes adolescentes do diurno, 03 jovens e adultos, por sua vez, se encontram na Escola Classe 16 de Sobradinho, numa turma de 5º ano da EJA noturno, (Educação de Jovens e Adultos do 2º segmento). Já na EC Sítio das Araucárias, todas as 05 crianças matriculadas, no Ensino Fundamental, séries iniciais foram entrevistadas, algumas delas em defasagem idade/ano. Para tentar elucidar e trazer à tona respostas viáveis, a fim de dar maior sustentação e credibilidade aos dados da pesquisa, participaram, também, outros sujeitos envolvidos nesse processo, os quais fazem parte da comunidade escolar. São eles: 08 professores, 02 gestores e 02 orientadores educacionais. Também foram ouvidos mais dois professores populares do Programa DF Alfabetizado, os quais atuaram na Tenda-escola da comunidade cigana Calon, do Córrego do Arrozal, no ano de 2013 e 2014. O perfil desses sujeitos está elencado no quadro e tabelas abaixo:

Quadro 1: Perfil dos sujeitos da Comunidade Cigana Calon

Nome	Naturalidade	Idade	Escolaridade	Tempo	Função	Segmento
<i>Wanderley</i>	AL	49	<i>Alfabetizado</i>	1 mês	Líder	Pai/avô
<i>Dercy</i>	PB	55	<i>Não alfabetizada</i>	2 meses	Mulher	Mãe Estudante EJA
<i>Daiane</i>	MG	29	<i>Ens. Médio</i>	10 anos	Líder	Mãe
<i>Victória</i>	PE	10	<i>5º ano</i>	7 anos	Filha	Estudante
<i>Iasmim</i>	PE	09	<i>4º ano</i>	5 anos	Filha	Estudante
<i>Débora</i>	MG	22	<i>4º ano</i>	4 anos	Mulher	Mãe
<i>Sandra</i>	BA	25	<i>6º ano</i>	10 anos	Filha	Estudante EJA
<i>Kaique</i>	GO	15	<i>5º ano</i>	8 anos	Filho	Estudante EJA
<i>Samuel</i>	GO	16	<i>5º ano</i>	10 anos	Filho	Estudante EJA
<i>Rosalina</i>	GO	30	<i>4º ano</i>	3 anos	Mulher	Mãe

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Tabela 2: Participantes da pesquisa – EC Sítio das Araucárias

Escola Classe Sítio das Araucárias (Diurno)					
Técnica Utilizada: Roda de Conversa					
Data: 29/08/2017 às 14h30 – Entrega de Autorização					
Data: 13/09/2017 – 1º grupo: 9h – 2º grupo: 14h					
Gestores	Orientadores	Coordenadores	Professores	Estudantes	Pai/Mãe
01	01	01	08	05	03

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Tabela 3: Participantes da pesquisa – EC 16 (EJA)

Escola Classe 16 - EJA (Noturno)					
Técnica Utilizada: Roda de Conversa e Entrevista Semiestruturada					
Data: 29/08/2017 às 14h30 Entrega de Autorização					
Data: 30/08/2017 – 1º grupo: 20h					
Data: 11/10/2017 _ 2º grupo: 19h					
Gestores	Orientadores	Coordenadores	Professores	Estudantes	Pai/mãe
01	01	01	08	03	01

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Tabela 4: Participantes da pesquisa – DF Alfabetizado

Alfabetizadores do Programa DF Alfabetizado	
Técnica Utilizada: Entrevista Semiestruturada e Questionário	
Data: 12/09/2017	
Alfabetizadores	02

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No decorrer das entrevistas é válido, também, lembrar que, para acessarem as escolas, os estudantes caminham por volta de dois quilômetros, nas estradas de terra, ruas escuras, esburacadas sem pavimentação, e de difícil acesso, até chegarem à pista asfaltada, local em que pegam o transporte público locado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF. O trajeto do acampamento para a escola tem em torno de 10 km. Portanto, também contamos com a

participação do motorista e monitor do transporte locado, o qual conduz os estudantes do acampamento para as escolas de Sobradinho.

7.3 Técnicas e instrumentos selecionados para obtenção das informações

A questão metodológica neste processo de pesquisa faz toda a diferença, pois, dependendo de quais dispositivos se utilizem, os caminhos estipulados podem se aproximar ou se distanciar do objeto de pesquisa. Dessa maneira, ainda que os partícipes da pesquisa não sejam amplamente contemplados em pesquisas acadêmicas, procuramos utilizar os mecanismos metodológicos que atendessem aos anseios da questão problema proposta nesta dissertação. Assim, ao se observar o processo histórico de lutas e perseguições da comunidade cigana, sabe-se que esse povo é um tanto quanto arredo e desconfiado. Portanto, a relação entre a pesquisadora e o grupo em questão necessita de proximidade e confiança, para que o grupo aceite falar sobre o seu povo, suas potencialidades, fragilidades e dificuldades.

Como relembra Barbier (2007, p. 159), *a negociação é primordial e precisa estar presente em todos os sentidos e em todas as ações, para que os laços se fortaleçam e eles, sujeitos atuantes e participantes da pesquisa, sintam-se à vontade e confiantes no momento de se abrirem para as reflexões, provocações e conversas informais.*

No intuito de relatar a realidade social e educacional dos estudantes ciganos em seu processo de escolarização, numa perspectiva de conhecer como a escola tem trabalhado com essas realidades e como os estudantes ciganos enxergam a escola formal – se realmente atendem, ou não, as suas expectativas –, a proposta foi abrir a discussão, dando vez e voz aos sujeitos. A pesquisa-ação proporciona essa escuta sensível por causa da proximidade e do contato com os sujeitos partícipes.

Portanto, trouxemos o que foi dito nas **rodas de conversas, registros em diários de bordo, diário de itinerância, fotografias e gravações**. Ainda de acordo com Barbier (2007, p. 159), a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto,

aderir às opiniões ou se identificar com o outro ou com o que é enunciado ou praticado.

Não obstante, utilizaram-se as técnicas exploratórias trazendo uma concepção reivindicatória e participativa, sob uma abordagem eminentemente **qualitativa**, tendo-se lançado mão dos seguintes instrumentos: *entrevistas semiestruturadas, questionários e pesquisa documental*, sempre procurando fazer uso da pesquisa-ação, na qual o pesquisador é atuante e participativo, se envolvendo com a pesquisa e sugerindo ações e mudanças a partir dos dados obtidos.

Os registros foram realizados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, vídeos e anotações no diário de campo, no qual, por sua vez, foram descritas todas as atividades. Esses registros permitiram à pesquisadora desempenhar seu papel profissional, promovendo uma ação dialógica e, conforme Barbier (2007), articulando e compreendendo as contradições: proximidade e distanciamento, afetividade e racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte, o orgânico e o sintético, a vivência e as dores, com todas as suas memórias. Nesse sentido, Barbier (2007) sustenta que a pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Para o autor, ela serve à educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva.

Nessa perspectiva, se trabalhará para construirmos juntos, **em coletivo**, uma pesquisa colaborativa, que possa, como tal, trazer a história desse povo, contada por eles, trazendo a voz, a dor, a sensibilidade, a arte e os saberes pluriculturais que esses sujeitos trazem para o nosso convívio dentro e fora dos muros da escola.

A seguir, pode-se observar um quadro minucioso que traz todas as atividades realizadas com a comunidade Calon durante a pesquisa, num período que foi de 31 de março de 2015 a 20 de dezembro de 2017, véspera da defesa deste trabalho.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
31/03/15 9h	Reunião na Escola Classe Sítio das Araucárias (Estado Executivo, GDF e SEEDF)	Pais dos estudantes ciganos, EC Sítio das Araucárias, Serviço de Orientação Educacional (SOE), Batalhão Escolar, Conselho Tutelar, Coordenação Regional de Sobradinho (CRE), Bombeiro.	Compartilhar a problemática dos estudantes ciganos no espaço escolar. Normas de convivência. Adaptação à cultura e a etnia cigana na educação formal.
24/05/15 10h	Lançamento da Cartilha sobre os ciganos (Estado Executivo Comunidade)	AMSK, MP, MEC - Secadi, Lenilda e Ademir	Informes importantes relativos à cultura cigana. Alguns marcos legais.
29/05/15 Manhã e tarde	Encontro com lideranças ciganas. Auditório do MEC Brasília DF. Tema: Alfabetização e letramento no Brasil: das reflexões Teóricas às Políticas públicas. (Estado Executivo, legislativo)	Ministério da Educação e Cultura (MEC), AMSK, Felipe Berocan, Lideranças ciganas de MG, GO, DF, SP, PR, PE Coordenação Regional de Sobradinho (CRESO): Érika Kokay, Lenilda e Ademir.	Conhecer as leis que amparam os povos tradicionais ciganos, Discutir as problemáticas da invisibilidade ao povo cigano. Combater os Preconceitos e estereótipos do material didático escolar.
06/06/15 9h	Visita ao acampamento para demandas dos estudantes da EJA Noturno e do DF Alfabetizado. (Estado SEEDF)	Coordenadores da CRESO: Lenilda e Ademir.	Fazer levantamento dos estudantes para a Educação de Jovens e Adultos e DF Alfabetizado.
19/06/15 Manhã e tarde	Seminário organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Materialismo Histórico Dialético – Consciência (FE/UnB). (Estado Universidade)	Grupo Consciência, e outros grupos de pesquisa, Docentes, Discentes, pesquisadores UnB, movimentos sociais e sindicatos	Apresentações de pesquisas. Apresentação de Daiane da Rocha – líder feminina da Comunidade Cigana Calon. Carta aberta aos parlamentares para abertura da Tenda Escola no Acampamento Cigano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade	Envolvidos	Encaminhamentos
08/08/15 9h	Audiência Pública na Câmara Legislativa do DF. (Estado Executivo, Legislativo e comunidade)	Reginaldo Veras, Grupo Consciência, Comunidade Cigana Calon, Secadi Secretaria dos Direitos Humanos e Diversidade.	Política Pública inclusiva e Resolução nº3 de 2012.
26/10/15 Manhã	Seminário dos Ciganos. (Estado Executivo)	MEC/ SECADI, AMSK, Comunidade Cigana CRESO: Lenilda e Ademir .	Debate e discussão acerca da realidade dos ciganos no DF.
26/10/15 Tarde	Seminário dos Ciganos. (Estado Executivo Secretarias GDF)	MEC/ Secadi, AMSK, Comunidade Cigana Creso: Lenilda Ademir.	Debate e discussão acerca da realidade dos ciganos no DF.
23/11/15 O dia todo	Casamento da Sara 03 dias de festividades e alianças políticas. (Comunidade)	Comunidade Cigana, Administração e CRE de Sobradinho.	Recepção de toda comunidade cigana e políticos de Sobradinho.
31/03/16 19h	Primeiro dia de aula dos estudantes ciganos na EJA (Estado SEEDF)	Walace Lenilda EC16.	Recepção aos alunos da Educação de Jovens e adultos Ciganos.
24/05/16 O dia todo	Ação cidadania no acampamento cigano. (Estado Executivo, GDF, Comunidade)	GT Cigano, Sedestmidh, comunidade cigana e vizinhança.	Demandas das secretarias de Saúde, Educação, trabalho, mulher, Direitos Humanos (DH), diversidade e Assistência Social.
04/06/16 9h	Projeto da Fundação de Apoio à cultura (FAC) aprovado: Ciganos Calon: Danças e apresentações em espaços públicos. (Comunidade)	Glória Teixeira, Lenilda Comunidade Cigana Calon.	Apresentações em duas escolas públicas, no Teatro de Sobradinho e na praça Pública de Planaltina DF.
11/06/16 15h	Visita à Comunidade Cigana de São Gabriel, Belo Horizonte – MG. (Comunidade)	Lenilda e Comunidade cigana de São Gabriel.	Conhecer a comunidade cigana do bairro de São Gabriel em Belo Horizonte MG.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
31/08/2016 8h	10 anos da Lei Maria da Penha (Estado legislativo)	Grupo Mulheres em Segurança	Formação às mulheres ciganas sobre reconhecer ações de violência doméstica.
30/09/16 14h	Projeto: Engenheiros sem Fronteiras. (Estado UnB)	GT Cigano, Estudantes, pesquisadores, engenheiros da UnB, Empresa Brasileira de Pesquisa Ambiental (Embrapa).	Visita técnica para intervenção no projeto de Construção dos banheiros ecológicos, preparação da terra para agricultura familiar e permacultura.
08/10/16 18h	Casamento da Cigana Daiane da Rocha. Comunidade	Toda Comunidade Cigana Calon	Confraternização, Festividades e muita cultura cigana.
12/02/17 14h	Visita à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). (Estado Executivo)	Sr. Wanderley da Rocha, Lenilda, Júlio Menegotto.	Solicitação de visita e apoio na construção do Projeto da Associação Nacional da Etnias Ciganas (Anec).
07/04/17 17h	Qualificação da Pesquisa de Investigação Social de Lenilda Perpétuo. (Estado UnB)	Comunidade acadêmica da UnB e Comunidade Cigana.	Coleta de assinatura para a Carta Aberta em apoio à pauta da Comunidade Cigana Calon, dentre elas, apoio a construção da Sede da ANEC.
24/04/17 9h	Audiência Pública no Acampamento Cigano Calon. (Estado Executivo e Legislativo)	Reginaldo Veras, Novacap Grupo UnB Consciência, prof. Erlando Rêses, Lenilda, Marlete, Érika, Daiane, Comunidade Cigana Calon	Visita dos parlamentares e assessores da Novacap para viabilizarem o apoio à construção da sede da Anec, bem como retomar o Projeto da Tenda Escola.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
18/05/2017 9h	Visita ao Senado Federal Gabinetes: Hélio José (PMDB/ DF) e Paulo Paim (PT/RS). (Estado Executivo)	Sr Wanderley da Rocha e Lenilda, Pessoal dos gabinetes.	Entregar Ofícios para apoio à realização do Dia Nacional dos Ciganos (24/05) e conversar sobre a PLS 248/2015, que trata do Estatuto Cigano.
18/05/2017 14h	Visita à Câmara Legislativa do DF Gabinetes: Wasny Roure (PT/DF) e Reginaldo Veras (PDT/DF). (Estado Legislativo)	Sr Wanderley da Rocha e Lenilda, Pessoal dos gabinetes.	Entregar Ofícios para apoio ao dia Nacional dos Ciganos e, documentos da Regularização das Terras do acampamento Cigano.
23/05/17 19h	Encontro na UnB – Aula sobre Diversidade e Cultura Cigana na turma de Pedagogia do prof. Erlando. (Estado UnB)	Lenilda, Daiane da Rocha, Yasmim, Vitória e Estudantes de Pedagogia.	Apresentação da Cultura Cigana para as turmas de estudantes de pedagogia. Debate e discussão.
23/05/17 22h	Pouso no acampamento cigano – Memórias e histórias do povo. (Comunidade)	Lenilda e a Família do Sr Wanderley da Rocha.	Investigar e compreender os modos de vida cigana.
24/05/17 O dia todo	Festa em Comemoração ao Dia Nacional dos Ciganos. (Estado Executivo, Legislativo, GDF e comunidade)	Estudantes e pesquisadores da UnB, Anec, Comunidade Cigana de vários locais, Marlete, SEDESTMIDH, Conselho Tutelar, Gabinete de Paulo Paim, Assessores de Parlamentares.	Debate, reflexão e discussão sobre o Estatuto Cigano e as demandas relativas ao povo cigano.
30/05/17 19h	Encontro na UCB – Universidade Católica de Brasília sobre Diversidade e Cultura Cigana na Semana Universitária.	Lenilda, Daiane da Rocha, Yasmim, Vitória e Estudantes de Pedagogia.	Apresentação da Cultura Cigana para as turmas de estudantes de pedagogia. Debate e discussão.
29/05/17 9h	Encontro do PDT Mulheres Reunião com a Líder do PDT Mulheres (Comunidade)	Daiane, Eroídes, Nardi Casanova, Lenilda, Vitória e Yasmim.	Implementação de oficinas de artesanato, itinerantes no acampamento cigano com as mulheres.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
16/06/17 O dia todo	Festa Cigana para divulgação e apresentação da Comunidade Cigana Calon da Chácara Bom Sucesso. (Comunidade)	Pesquisadores, Grupo Consciência, Amigos, Família, Comunidade Cigana.	Ação Social com doações de alimentos, brinquedos e roupas para a comunidade. Apresentações da Cultura Cigana.
23/06/17 17h	Centro Cultural Boi do Sr. Teodoro. (Comunidade)	Comunidade Cigana Calon, Lenilda, Comunidade de Sobradinho.	Apresentações para divulgação da Cultura Cigana.
04/07/17 Um mês	Viagem a Portugal e Espanha. (Pesquisa/ campo)	Lenilda Perpétuo e Darliane Amaral.	Conhecer o percurso histórico cultural dos Ciganos Calon – da Península Ibérica.
08/07/17 8h	Feira dos Ciganos de Coimbra – Portugal (Pesquisa/ campo)	Lenilda Perpétuo e Darliane Amaral.	Conhecer e investigar os ciganos da Feira do Vale das Flores, em Norton de Matos.
19/07/17 15h	Interação com o autor do livro “Fumo dos dias”, que ficou imerso por 09 meses numa comunidade cigana em Barcellos. – Portugal (Pesquisa/ campo)	Luís e Ana Carvalhido, Lenilda Perpétuo e Darliane Amaral.	Entrevista com o Escritor, Fotógrafo Luís Carvalhido.
20/07/17 Manhã e tarde	Seminário Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano na Universidade do Porto. (Academia)	Lenilda Darliane Amaral.	Apresentação de Pesquisa acadêmica sobre a Escola e a etnicidade cigana.
24/07/17 O dia todo	Feira de Ciganos de Espinho, em Portugal (Pesquisa/ campo)	Lenilda Darliane Amaral.	Entrevistas realizadas com Ciganos e ciganas comerciantes da feira de Espinho.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
11/08/17 14h	Reunião do Conselho das lideranças das Mulheres na Terracap. GDF	Celina Leão, Lúcia Bessa, Dr ^a Márcia, Daiane da Rocha, Lenilda.	Eleição das lideranças do Conselho das mulheres do DF. Daiane foi eleita Secretária deste conselho.
24/08/17 19h	Aula sobre cultura, um conceito antropológico e identidade cigana na turma de Sociologia da Educação. (Academia)	Lenilda, Daiane, Vitória, Yasmim e estudantes de Pedagogia.	Conhecer, divulgar a cultura cigana aos acadêmicos da UnB. Debate e discussão.
29/08/17 8h	Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho. (Estado SEEDF)	Lenilda Chefe da Unidade de Educação Básica (UNIEB) – Flávia Vanda, Marco Aurélio	Conversa e Autorização para entrar nas escolas públicas.
29/08/17 10h 14h	Visita às escolas: CEF 04 Escola Classe 16 EC Sítio das Araucárias. SEEDF	Lenilda Gestores das escolas: Ozelb, Ilza, Jeane, Evaide.	Conversa sobre a pesquisa e Autorização para realizar as entrevistas e rodas de conversas.
30/08/17 14h	Pesquisa de campo. (Estado SEEDF e UnB)	Lenilda e orientadora Educacional da EC 16 Andrea.	Realização da entrevista semiestruturada.
30/08/17 19h	Roda de conversa. Estado SEEDF e UnB)	Professores da EC 16 EJA noturno.	Realização da entrevista semiestruturada com professores e estudantes.
01/09/17 19h	EC Engenho Velho Aula sobre cultura e identidade Cigana (Estado UnB)	Lenilda, Wallace e estudantes da EJA 1º segmento.	Conversa, discussão e debate sobre a história e a cultura dos ciganos.
12/09/17 O dia todo	Diálogos no acampamento Cigano Calon entre a etnia cigana e a educação formal. (Comunidade)	Lenilda, Daiane, Sr Wanderley da Rocha e sua família.	Roda de Conversa e entrevista semiestruturada com o Sr Wanderley da Rocha e sua família.
13/09/17 Manhã	Roda de conversa no horário da coordenação com os professores e gestora da EC Sítio das Araucárias – matutino. (UnB)	Professoras, orientadora Educacional, Lenilda.	Roda de conversa, discussão e debate sobre os estudantes ciganos na escola.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(continua)

Data	Atividade	Envolvidos	Encaminhamentos
13/09/17 Tarde	Roda de conversa no horário da coordenação com os professores e gestora da EC Sítio das Araucárias – Vespertino. (Estado UnB e SEEDF)	Professoras, bibliotecária orientadora Educacional, Lenilda.	Roda de conversa, discussão e debate sobre os estudantes ciganos na escola.
08/10/17 14h	Conversa com ciganos de Guriri, ES. (Pesquisa campo)	Lenilda e 01 rapaz e 02 moças ciganas.	Investigar a comunidade cigana Rom do ES e tentar entender as diferenças culturais.
10/10/17 9h	Visita da EC Sítio das araucárias ao acampamento Cigano Calon. (Estado UnB)	Comunidade escolar, professores, estudantes e Comunidade cigana Calon	Visita para roda de conversa e interação entre a Comunidade escolar e a Comunidade Cigana Calon.
11/10/17 19h	Roda de conversa com os professores da EC 16 EJA Noturno. (Estado SEEDF, UnB)	Lenilda Daiane da Rocha, Vitória e Yasmim e professores e coordenadora.	Roda de conversa, discussão e debate sobre os estudantes ciganos na escola.
11/10/17 22h	Pouso no acampamento para os preparativos da festa das crianças. (Pesquisa campo)	Lenilda e as ciganas filhas e netas de Sr. Wanderley da Rocha	Rodas de conversa, interação e articulação com a comunidade cigana Calon.
12/10/17 O dia todo	Festa em comemoração ao dia das crianças no acampamento cigano Calon. (Comunidade)	Lenilda, Comunidade Cigana Calon, Vizinhança e mulheres do PDT.	Discussão e debates sobre as demandas, oficinas, brincadeiras, gincanas com as crianças e almoço coletivo.
30/10/17 Manhã Tarde	Seminário do Ministério dos Direitos Humanos (Estado Executivo)	Lenilda, Comunidade cigana Calon, líderes ciganos, DH, SEPPIR, Saúde e educação	Construção do 1º plano Nacional de Políticas Públicas para o povo cigano
31/10/17 Manhã Tarde	Seminário do Ministério dos Direitos Humanos. (Estado Executivo)	Lenilda, Comunidade cigana Calon, líderes ciganos, DH, SEPPIR, Saúde e educação.	Construção do 1º plano Nacional de Políticas Públicas para o povo cigano.
13/11/17 18h	Lançamento do livro: “O ato Estético: Conversas sobre educação, imaginação e criação na perspectiva histórico-cultural. (Estado UnB)	Lenilda Perpétuo, Professor Erlando da Silva Rêses e mais 20 autores.	Este trabalho foi fruto das discussões e construções na disciplina: Educação Estética, com a Professora Patrícia Lima Martins Pederiva.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 2: Atividades realizadas com a comunidade cigana Calon

(conclusão)

Data	Atividade/ Incidência	Envolvidos	Encaminhamentos
25/11/17 9h	Visita para estudos, com estudantes da pedagogia da UnB ao acampamento. (Estado UnB)	Lenilda, Daiane da Rocha e estudantes da UnB.	Pesquisa de análise e investigação com a comunidade cigana Calon do acampamento Nova Canaã.
18/12/17 9h	Defesa da dissertação. (Estado UnB, comunidade)	Lenilda, acadêmicos da UnB, Docentes e discentes, pesquisadores, amigos, Comunidade Cigana Calon.	Defesa e conclusão do trabalho de pesquisa da dissertação: Comunidade Cigana Calon em Processo de escolarização: conflitos étnicos e saberes Pluriculturais.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Conforme podemos analisar no Quadro acima, trilhamos um árduo, extenso e desafiador percurso. Nesse contexto, é válido ressaltar que, conforme íamos frequentando a comunidade e, por consequência, desenvolvendo um vínculo com esse povo, todas as vezes que eles organizavam alguma atividade, faziam questão de nossa presença. Tal fato é, sem dúvida, gratificante, pois reflete uma confiança construída ao longo da pesquisa. Em meio a essa trajetória, não apenas observamos, mas, também, nos engajamos nas questões das causas ciganas e, dentro da nossa possibilidade, buscamos intermediar as relações e fazer uma interlocução entre a comunidade e o poder público. Ao recordar tais momentos, lembramos situações em que, por exemplo, durante as audiências públicas, observamos que eles não compreendiam, com clareza, o que estava sendo dito a eles. Nesse momento, tínhamos que atuar como “tradutores”, clarificando, de forma simples, o teor das discussões e decisões apresentadas numa linguagem mais formal, pouco conhecida por esses sujeitos.

7.4 Procedimentos para análise de conteúdo

A partir deste momento verticalizamos a discussão, defendendo a opção metodológica da escolha da análise de conteúdo como forma de tratamento e leitura dos dados obtidos em campo da forma proposta por Bardin (1977). A adoção disso

foi de suma importância para o procedimento de busca e organização sistemática dos instrumentos metodológicos, nesse caso, diário de campo, diário de itinerância e registros de fotografias, textos sobre as fotografias, conversas informais, rodas de conversas e entrevistas, com o intuito de compreender esses materiais e apresentar a todos e todas envolvidos (as) aquilo que se percebeu nas análises.

Após a escolha da metodologia, partir-se-á para a categorização dos conteúdos e respostas obtidas, *in loco*, as quais permitiram extrair importantes significados dos processos construídos. Tal escolha se caracteriza por ser um processo indutivo, partindo da materialidade dos processos e relações sociais, a qual possui, como foco, a fidelidade ao universo de vida cotidiano dos sujeitos observados e entrevistados.

Para conhecer os dados mais de perto, e organizar a análise qualitativa, fizemos a leitura dos registros construídos nos momentos de observações e, na sequência, transcrevemos as entrevistas e os diálogos das rodas de conversas na íntegra, utilizando a técnica de análise de conteúdo. Bardin (2011, p.25) define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...]. Para a utilização dessa metodologia, é necessária a criação de categorias relacionadas ao objeto de estudo, para uma interpretação mais profunda de mensagens obscuras, e que possam apresentar um duplo sentido, cuja significação real só virá à tona após uma observação cuidadosa.

A autora propõe a divisão dessa técnica em três etapas, quais sejam: a **pré-análise**, que é a fase da sistematização das ideias iniciais; – a **exploração do material**, descrita como a fase mais longa, pois é a análise do material; e, por último, a fase do **tratamento de resultados obtidos**, que é a síntese e a seleção dos resultados sobre os quais o pesquisador fará interferências e interpretações que respondam aos objetivos do estudo.

Portanto, acreditamos que a opção pela análise de conteúdo, enquanto proposta metodológica, em muito contribuiu para a interpretação de todo o material de coleta de dados elaborados cuidadosamente pela autora e pelos sujeitos partícipes da pesquisa, para que juntos possamos contribuir para elucidar os fatores que possam estar contribuindo ou dificultando o acesso, permanência dos estudantes ciganos Calon no ambiente escolar formal, assim como compreender em

que medida a escola tem dialogado com a etnicidade cigana, respeitando e valorizando sua pluriculturalidade.

Sendo assim, durante o tratamento dos dados, o que se evidenciou foram certas falas que, repetidamente, contribuíram para a construção e a escolha das respectivas categorias as quais, por sua vez, estruturam o Quadro a seguir.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

CULTURA
Como o povo cigano se vê e como eles são vistos?
<p><i>Wanderley:</i></p> <p><i>Ninguém é melhor que ninguém. Às vezes um tem mais oportunidades que outros, porém somos todos filhos de Deus e seres humanos. Sentimos dor, fome, frio. Temos necessidade de ser reconhecidos. Que não soumos ainda. Nos deixa bastante triste, mas não nos deixa desanimado, nós não sentimos derrotados.</i></p>
<p><i>Daiane:</i></p> <p><i>Pois é, inclusive a questão do canivete. Várias vezes os homens são abordados por causa do canivete. Pra nós isso não é arma, é ferramenta de trabalho e confecção de algum objeto de sobrevivência. Uma vez no senado meu tio foi impedido de entrar por causa do canivete, mas para um homem do campo, o canivete é algo tão normal de usar.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Sabia que seria muito difícil pra voltar, pois sabia o quanto era grave na minha cultura o que eu tinha feito. Pensei, eles deveriam ter ódio de mim. Pensei que eu tivesse feito a pior coisa do mundo e eles vão me odiar para sempre. Não tinha mais volta a minha atitude, eu pensei. E eles pensava que eu tinha fugido com homem. Isso me desonrou e desonrou a todos, então pra mim, era a morte.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Tem toda aquela coisa de virgindade. A moça nunca pode ter sido tocada por um homem. Os dois pais fazem o acordo do casamento e fazem os pedidos e casam muito cedo, com 15, 16 anos.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Porque é todo mundo parente, depois desonra a família; e outro agravante é que na separação é o homem que fica com os filhos e filhas e a mulher vai embora sozinha, então, é muito triste. Elas não querem separar dos seus filhos né? Elas não entram na justiça porque tem medo. Sabem que vai causar confusão na família. Então elas preferem ficar caladas e não brigar na justiça e acabam ficando sem os filhos e não podem nem visitar os filhos.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Gestora

Como as crianças de lá já são uns meninos bem evoluídos, são grandes, já faziam negócios, tinham experiências de vida e até a questão sexual muito desenvolvida. tinha um menino que já tinha até casado, então eles eram muito maduro. Realmente não foi nada fácil lidar com essas diferenças. Quando chamamos a Regional de Ensino, é porque houve um fato que eles chegaram aqui contando para os colegas de classe que lá eles faziam festas longas e eles, as crianças, experimentavam bebidas alcoólicas. Estranhamos muito esse jeito deles. Uma coisa é cultura, outra coisa é infringir a lei. Como assim, criança bebendo? Ficamos realmente todos muito assustados. Isso nos causou muita estranheza.

Professor 1

Eles estão virando evangélicos, mas sei que eles veem de um berço espírita. Talvez por isso eles carregam esse estigma né?

Professora 2

Não sabia que eles tinham uma linguagem própria, o chibe. Que interessante!!

Professora 1

Não existe um significado da escola pra eles. É mesmo uma questão cultural.

Professora 2

Acredito que aos poucos eles vão mudar. É cultural alguns hábitos relacionados com falta de higiene e modos de se comportar na escola.

Professor (EC16)

É uma questão de significação, né, é isso que você tá falando? É dar significado. A cultura deles, dentro dessa sala de aula, eles não conseguem fazer essa ligação. São significados diferente. Você vive num mundo e eu vivo em outro. Não é que seja mais ou menos, é questão mesmo de dar significado às coisas.

Professora lesmin EC16

Como que a Daiane saiu da comunidade, até assim, pela cultura deles. Como que você conseguiu sair dessa comunidade, casando com um não cigano, sendo mulher, filha do líder, fez tudo isso e depois volta como uma líder. Como que você conseguiu ainda o respeito de todos? Pra mim isso é, assim, um milagre!!!

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Professora Íris

Ao chegar à comunidade para realizar as inscrições e levantamentos, percebi o quanto eles necessitavam de aprender a ler; a alegria foi imensa. As atividades eram desenvolvidas com palavras geradoras, livro didático, fichas de leitura individual, coletiva. Produção de textos, textos... O Programa DF Alfabetizado trouxe alegria para estes povos, que conheceram e entenderam que tinham Direitos e Deveres.

Professora Giseli

Foi muito forte e muito legal, Daiane, quando você disse assim, que você saiu daqui, da cultura do seu povo, para ganhar a liberdade, e não iria ficar lá para perder a liberdade.

MANUTENÇÃO DA CULTURA*Wanderley*

Temos que resgatar nossa cultura e não deixar morrer, de uma forma toda verdadeira, nossa força e nosso direito que a gente tem.

Daiane

Acredito que por meio da escola será possível haver uma colaboração para a permanência da etnia cigana [...] é muito importante estudar e digo a elas que as coisas vai melhorar e a gente um dia não vai precisar esconder nossa cultura cigana.

Daiane

Eu fugi do meu pai, que me amava tanto, para vim atrás de uma pessoa que disse que eu iria estudar e me enganou. Então falei: sabe de uma coisa, vou ficar sozinha mesmo e vou me virar sozinha; sabia que não podia voltar.

Daiane

Olha, por causa de manter a cultura e fortalecer o grupo. Manter a própria cultura. Questão de sobrevivência mesmo. Casam entre primos. E tem muitos filhos, porque para a mulher cigana, ela acredita que ter muitos filhos elas estão arrasando. Quanto mais filhos melhor.

Iesmin

**Como é a questão da liderança? Como passam? É hereditário? Passam de pai pra filho a liderança?*

Não. É uma questão dos mais velhos. Os mais velhos vão virando líderes da comunidade. No caso da nossa comunidade, eles são três irmãos e meu pai não é o mais velho, mas está entre os líderes. Tem voz ativa dentro do acampamento e trabalha por todos também. Ele consegue também comunicar com todos aqui fora. Então, todos respeitam ele. Tem ciganos que procura ele até de fora. Liga e quer ser aconselhado por ele. Ele é um dos presidentes da Associação e é o nosso representante.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Professor Íris

Existem comunidades que lutam por direitos sociais. É que já conseguiram modificar a sua história sem esquecer a sua cultura, origem, Língua.

Professor Íris

Respeitar a Diversidade cultural cigana faz-se necessário; eles tem a sua Língua, o chibe, etnia cultural, origens; não podendo mudar.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS*Professora 1*

Desculpa te interromper, mas quando recebemos os ciganos aqui, né, vieram muitos adultos, a gente teve esses problemas com os alunos. Primeira coisa que tivemos foi eles acharem que agora a escola ia encher de ladrões e tal, “por que vocês aceitaram os ciganos?”

Professora lesmim

Mas você lê as mãos?

Daiane

Isso que o dicionário traz não nos representa. Não representa o nosso povo. Tive sérios problemas com minha filha, quando a escola solicitou o dicionário. Iasmin disse: “mamãe, tenho vergonha das pessoas verem o que está escrito aí no dicionário a respeito do meu povo. Nós não somos isso aí não”. Vitória também disse discordar daquele material e o que ele traz a respeito dos ciganos. Nós somos um povo. E se um errar, que ele pague por isso, e não uma etnia toda carregar nas costas a culpa de um ou outro.

Professor 2

Sei que os meninos são muito machistas. Eles querem obrigar as meninas a fazerem as coisas pra eles. Eles não têm muito jeito com as meninas não.

Professora Andrea

Me recordo muito bem que, quando eu morava no interior, os ciganos chegavam e roubavam mesmo. Pegavam roupas no varal, roubavam galinhas, faziam maior arruaça.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

<p><i>Simone</i></p> <p><i>A peculiaridade de ser nômade já tá terminando, já tá acabando, né?</i></p>
<p><i>Professora 2</i></p> <p><i>Mas existe mesmo esse negócio de roubar, assustar os outros, ameaçar? Porque todo mundo tem medo mesmo de cigano, ou pelo menos um pé atrás, me desculpe.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Tenho minha cultura, danço e às vezes vem o pessoal e me confunde com candomblé, e dizem: “estou vendo uma cigana (entidade) em você” e eu digo: “mas eu sou cigana mesmo, mas de etnia cigana.”</i></p>
<p>PRECONCEITO</p>
<p><i>Wanderley</i></p> <p><i>No interior o preconceito é bem maior, muito maior. Não temos acesso a nada e a nenhum tipo de autoridade, nem prefeito, nem vereador, ninguém nos recebe nem nos atende.</i></p>
<p><i>Vitória</i></p> <p><i>A gente passa muitos preconceitos, ai quando vejo algum tipo de preconceito na escola deixo claro que não concordo e digo que isso é muito triste e errado. A gente sofre muito com isso.</i></p>
<p><i>Dayane</i></p> <p><i>Tive que esconder que era cigana na escola por medo do preconceito das pessoas.</i></p>
<p><i>Dayane</i></p> <p><i>Morei na rua, dormi em estação de trem, passei fome e frio nas ruas. (Chorou). E foi assim, porque o meu sonho era estudar, porque eu sabia que não tinha ninguém para lutar por eles, sabe, ninguém melhor do que vocês para saber que sem conhecimento não somos nada, ninguém respeita, ninguém nos ouve. O povo humilha mesmo. Não tem esse negócio não, de chegar. O povo tira onda mesmo com a cara da gente. É muito ruim.</i></p>
<p><i>Dayane</i></p> <p><i>Lembro muito do meu pai dizer e lembrava muito do meu pai apanhando de policiais pelo simples fato de ser cigano. Então, assim, depois que eu fugi, o meu sonho era encontrar eles e em segundo lugar, lutar por eles, porque eu sabia que ninguém podia fazer nada por nós, a não ser nós mesmos.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Dayane

Até na hora de andar nas ruas temos que ter cuidado. Por mim eu teria vindo com minhas roupas próprias, mas vim do Gama de ônibus. Se eu tivesse vindo com minhas roupas de ciganas, primeiro todo mundo olha pra gente com olhares diferente, afasta da cadeira, ou tira a bolsa de perto da gente e esconde num canto para não ser roubado, ou daqui a pouco alguém pergunta, você lê as mãos, então pra não incomodar nem me senti incomodada com minhas filhas, visto como uma gajim (mulher não cigana). Você sente aquela coisa chata, que sua presença tá incomodando.

Yasmim

**Yasmim, ao ser perguntada sobre preconceito, diz que na escola os amigos e colegas não sabem que ela é cigana. Vale ressaltar que a escola está localizada depois do acampamento, ambiente no qual a Yasmim tem mais vivências, o que torna relevante compreender como as relações nesse ambiente se dão. Acrescenta que: “sempre levo para sala de aula, que não se deve ter preconceito com ninguém, pois devemos respeitar a todos com direitos iguais. Aprendi isso de tanto preconceitos que já passamos, não quero que outras pessoas passem por isso também”*

Professor Marco Polo

O professor explicita, em sua fala, que ao trabalhar com ciganos se evidencia “a fragilidade e o preconceito ainda vivido pelos ciganos na nossa sociedade e o quanto ainda temos que avançar na questão da educação e a inclusão”.

Professora 1

Tiveram os preconceitos. Tiveram os medos de lá e de cá. O primeiro grande conflito foi a festa do Natanael, porque eles até convidaram para a gente ir até a festa.

Samuel

Porque era expulso. A polícia chegava e mandava todo mundo sair dali. Foi muito ruim, eles batiam, ameaçavam e nem esperava a gente arrumar as coisas direito para sair dos lugares. Já vi meus pais apanharem sem nem saber o porquê.

Kaíque

É as conversa que rolava antes e todo mundo acreditava, sem nem mesmo conhecer nós direito.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Professor Íris

Sim. Inclusão Social na Diversidade Cigana, incluídos não só na educação, mas ao precisar de um hospital ser bem atendidos, sem muita burocracias que ainda existem. Eles sofrem muitos preconceitos e precisam de cuidados especiais.

Daiane

Já que nós ciganos estamos lutando contra o preconceito, nós temos que entender e compreender a cultura de vocês. O povo fica querendo me matar, mas eu venho fazendo a revolução. Eu explico muitas coisas para as mulheres ciganas.

DIVINDADE (Deus)*Wanderley*

Uma coisa que nos dá muita força para vencer essas lutas é porque nós confiamos num Deus todo poderoso. (tira o chapéu e olha pra cima) Sabemos que mesmo que as pessoas nos vejam diferente, Deus nos vê igual. Porque ele vê o ser humano como um todo.

Daiane

Graças a Deus vocês tem capacidade para entender todos as culturas. A gente pede a Deus que a escola realmente esteja preparada para receber; vocês é que são preparados para isso...

Daiane

Mas algo falava bem forte dentro de mim, eu sou evangélica e respeito [...] as religiões, mas sabia que Deus sempre usava alguém que dizia que ia trazer para o meu povo, pra minha raiz e que a gente ia dominar o mundo na frente de uma nação.

Daiane

Mas algo falava bem forte dentro de mim, eu sou evangélica e respeito [...] as religiões, mas sabia que Deus sempre usava alguém que dizia que ia trazer para o meu povo, pra minha raiz e que a gente ia dominar o mundo na frente de uma nação.

lesmim

*Mas como você fez? Vocês... como vocês tem uma religiosidade, mas vocês tem uma religiosidade de vocês, não é isso? Tem até a Santa Sara Kali, que você falou; deve ser lá do Egito. Como você fez para associar isso à religião evangélica, que você disse ser?

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Daiane

Nós somos um povo livre, como vocês viram ali na apresentação da Lenilda, o céu é o nosso teto, aqui o chão que é a nossa pátria, onde nós tiver, é a nossa pátria, o que isso significa? Nós temos o livre arbítrio de escolher a religião que a gente quer. Dentro das comunidades ciganas têm católicos, têm evangélicos, têm espíritas, cada um, no final das contas, entende que é um só Deus. É o nosso Deus. E isso sempre ficou muito claro na minha mente e na minha cabeça, nunca me confundi com isso, de jeito nenhum. Respeito todas as crenças.

Vitória

O modo como está descrito o conceito de cigano no dicionário reflete na maneira como os ciganos se sentem violados em sua cultura, uma vez que são se consideram... Com a vivência nessa pesquisa, identifica-se que há uma intencionalidade dos ciganos em manter viva a sua cultura. Observa-se essa ideia de manutenção da cultura por meio das danças, crenças....

Ao refletir sobre sua cultura, a Vitória refere que tem “até medo das pessoas vê o que fala sobre minha cultura no dicionário e nos livros de literatura”. Ainda sobre essa descrição do cigano no dicionário, a Yasmim perguntou para a mãe “se poderia rasgar esta página do dicionário, mas na verdade não vai adiantar, pois no Brasil todo o dicionário traduz isso sobre minha cultura, mas tenho certeza que não é verdade”.

Yasmim

**Nunca fala sobre cultura cigana.*

Professor EC16

A religião de Ciganos é a liberdade de ir e vir?

Daiane

Sou evangélica, mas danço, uso as minha roupas e respeito todas as culturas e crenças. A palavra de Deus disse que Cristo veio para todas as nações e todas as culturas; ele não veio para um povo só. Então isso me fortalece.

LEGISLAÇÃO*Wanderley*

Hoje, em pleno século XXI, diante de tantas leis que asseguram o direito dos povos tradicionais, nós ainda estamos às margens da sociedade, imagina há 20, 30, 40 anos atrás, naquelas cidadezinhas do interior? Cigano tem voz não, professora!!

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(continua)

Wanderley

O que dificulta o direito do cigano, o cigano chegar no direito dele é a falta de conhecimento, professora. Por isso temos que correr atrás e lutar pelos nossos direitos. Nós agora estamos na luta pelo estatuto do Cigano, apoiados pelo senador Paulo Paim, que é o criador da Proposta, Projeto de Lei do Senado nº 248 de 2015, que cria o Estatuto Cigano.

Daiane

A gente não podia acessar os nossos direitos. Ninguém reconhecia nossos direitos. Nossos direitos são violados todos os dia, quando somos nós ou os nossos filhos são impedidos de uma atendimento de saúde, educação, assistência social. Hoje eu sei que existe uma legislação que nos ampara, que olha pela diversidade e os direitos humanos. Agora sim eu exijo que meus direitos sejam respeitados como cidadã brasileira.

TRABALHO*Professor Íris*

Que vivam com dignidade sendo reconhecidos pela Sociedade como pessoas, e que é povo do bem, procuram ser gentis com quem os procura, estudar para eles é fator importante. Ter moradia fixa, mas muitos deles precisam estar viajando para resolver os negócios. As mulheres são prendadas, vendedores autônomos, no geral. Pensam em no futuro ser profissionais, em conversa com alguns deixam claro que querem ir além, pensam em uma profissão.

Daiane

Nosso sonho seria ter um local onde a gente pudesse ensinar a cultura cigana. As danças, confecção de roupas, bijouterias. Uma forma da gente trabalhar, ganhar nosso dinheiro com dignidade, ensinar e valorizar nossa cultura cigana.

Wanderley

Trabalho aqui é coisa difícil, professora! Quem dá emprego a cigano? Nosso trabalho é com vendas, trocas. Trabalho informal mesmo. Agora estamos aprendendo a lidar com a nossa terrinha. Já estamos plantando e até comendo das coisas que plantamos. Mas tudo aqui é muito difícil. Mas estamos na luta. Não vamos desistir. O ideal é que a gente pudesse criar a sede da Anec e poder ter cursos profissionalizantes pra gente aqui.

Rosalina

Gostaria que tivesse aqui uma máquina de costura para eu costurar minhas roupas, meus vestidos para mim e para meu povo.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 3: Resultado e discussão dos Dados Coletados

(conclusão)

<p><i>Sandra</i></p> <p>Meu sonho é arrumar um trabalho sério, fixo, para deixar de ficar nas ruas vendendo panos de prato debaixo de sol e chuva.</p>
<p><i>Débora</i></p> <p><i>Graças a Deus que agora não estou precisando mais ir para as ruas vender panos. Meu marido proibiu. Agora ele tá trazendo as coisas pra casa. Estou até mais branquinha agora.</i></p>

Como o nosso recorte de pesquisa está direcionado para o contexto escolar, dispomos os relatos acerca da *Escola* separadamente, a saber:

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

ACESSO À ESCOLA
<p><i>Wanderley</i></p> <p><i>Quando eu era rapazinho novo, mas só uns dias, no máximo uma semana. Porque a gente não ficou parado, a gente se mudou muito. Naquele tempo tudo era muito mais difícil e a gente viajava muito.</i></p>
<p><i>Dayane</i></p> <p><i>Quando eu fui pedir vaga para minhas filhas na escola, a diretora disse assim: “aqui já tá ruim de vaga, você acha que vou arrumar vaga pra cigano, minha filha? pra daqui um dois meses vocês vão embora, não ficam em lugar nenhum!!! Tem vaga não!!!”</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Nossa, perdi as contas!!! Só para vocês terem uma ideia, durante um ano minhas filhas estudou em dez ou onze escolas diferentes.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Muito difícil, pois tive que abandonar minha família cigana para estudar. Eu saí, eu fugi, porque meu sonho era estudar.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Muitas vez nós ciganos, não ficamos na escola, porque nos sentimos diferentes de vocês. Nas roupas, no modo de ser, nos palavriados, na forma como vimos as coisas, nas dúvidas que temos. Aí ficamos com vergonha e então ficamos calados e não participamos e o que nos resta é ir embora, porque não tem nada a ver com a gente. E como tudo é muito novo, estamos engatilhando agora. Então nós se acha diferente. Muitas vezes um faz uma pergunta e nós pensamos: “Nós é burro?”</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

Debora

Ela está matriculada, mas não tá indo pra escola não. É muito longe e ela fica muito tempo fora, longe de mim. Sai daqui às 11h e só volta as 18h30, muito tarde não tá aprendendo nada, só brincar. Brincar por brincar ela brinca aqui mesmo, que é onde ela gosta e fica mais a vontade.

Professora 2 (EC. 16)

Mas no início pra gente foi bem complicado. Pra eles aceitarem, até porque só tínhamos o primeiro segmento aqui e no primeiro segmento são de pessoas bem mais velhas, né, de 70, 65. A primeira coisa que eles falaram foi isso, agora vamos ter que ter cuidado, né?

Professora3 (EC. 16)

Agora que vocês vão parar de andar e de se mudar, então a tendência é que vocês vão ficar frequentando mesmo a escola, né?

Daiane

Sim. É o que nós queremos. Basta a escola querer a gente também e se esforçar para entender as nossas dificuldades. Nossa crianças todas já estão nas escolas, com toda dificuldade estão resistindo.

Yasmim

Normal, mais uma escola como as outras.

Vitória

Ruim porque não posso dizer que sou cigana, a diretora falou que ia preparar um momento para nos apresentar a todos da escola, mas até hoje não cumpriu.

Gestora

Quando eles vieram aqui pra rota do cavalo, eles iriam se enquadrar no Programa Minha Casa Minha vida, mas não se enquadraram, aí eles correram atrás de conseguirem o terreno. Daí até hj eles não tem banheiro, tem apenas um bico de mangueira para recolher a água pra beber, e tomar banho. Quando eles ficaram ali, no início foi um conflito danado porque disseram que eles eram perigosos, a vizinhança não gostou da chegada deles e até polícia bateu lá, teve muitos conflitos com a polícia, tinha muitas gambiarras e por isso também os vizinhos se incomodaram.

Professora 3

Fico impressionada com a beleza deles. Nossa, minha aluna Viviane é linda , linda!! Hoje na música “pequenas alegrias” eu perguntei à viviane Rocha qual era sua pequena alegria; ela disse: “tomar banho de chuveiro.”

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

<p><i>Professora 1</i></p> <p><i>Foi muito bom a inclusão deles na escola; só assim eles vão poder compreender as coisas.</i></p>
<p><i>Professora 1</i></p> <p><i>Agora Daiane que vocês estão aqui, fixos, isso dá mais segurança pra eles, de que vão ficar, de que fazem parte daqui também. É a minha escola, eu não vou sair daqui amanhã. Acordar e não saber pra onde vai amanhã. Agora não. Eles já tem. É o meu lugar. É a minha Escola. Isso é muito importante.</i></p>
<p><i>Professora Giseli</i></p> <p><i>Eu estava aqui. Fui uma das professoras que trabalhei para o acolhimento do grupo. Fizemos um esforço para que eles ficassem.</i></p>
<p><i>Professora 2</i></p> <p><i>Essa questão da identidade é importante.</i></p>
<p>VISÃO SOBRE A ESCOLA</p>
<p><i>Wanderley</i></p> <p><i>Eu acho que a escola tem que mudar muito pra se adaptar à nossa comunidade. Eles tem que tá preparado para nos receber, professora. Porque se mandar eu ir ali e fazer uma pesquisa no computador, eu não vou fazer porque não sei, mas se a professora for comigo com calma e me ensinar com paciência eu aprendo. Eu não sou burro!!! Eu aprendo.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Nosso país que é rico em diversidade e as escolas tem que tá preparado para lidar com as culturas diferentes, inclusive a nossa – cigana. Eles não imaginaram que nós fosse querer estudar um dia. Por isso não se prepararam para nos receber na escola.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Este ambiente escolar que todos conhecem não foi feito para povos e comunidades tradicionais e sim para sociedade civil comum. A escola e profissionais não conhecem nossas especificidades nossos costumes e tradições, com isto não estão preparados para nos receber, respeitando nossas diferenças.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p>Para nós é bem diferente uma sala de aula toda fechada, pois moramos de barracas convivemos muito diretamente com a natureza e na questão das vestes é complicado, pois vestir uniformes acaba tendo que tirar nossa tradições das saias coloridas, longas e rodadas e os meninos também com seus jeitos únicos de se vestir.</p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Acompanhamento dos filhos na escola: faço questão, pois sei o quanto é difícil para elas lidar com costumes tão diferentes.</i></p>
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Lá na escola eu me calava. Não dizia que eu era cigana, por medo do preconceito. Digo, infelizmente, porque quando estamos juntos somos mais fortes. E lá na escola eu estava sozinha, mas tinha que sobreviver, então me calei.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

ACESSO À ESCOLA
<p><i>Daiane</i></p> <p><i>Gente, vocês não tem noção, principalmente para os mais velhos. Os mais novos até aguentam melhor. Mas para os mais velhos a escola é algo muito diferente, cheio de muita regra e ficar sentado muito tempo num espaço fechado não é bom não e também não temos muito costume com isso, com esse ambiente. Nós temos o privilégio de dormir olhando a Lua. Lá nós somos livres. Então tá aqui preso é horrível.</i></p>
<p><i>Vitória</i></p> <p>Quando chego nas escolas em que estudo e que estudei, pena que tenho que esconder que sou cigana para não ficarem diferentes comigo, porque sei que eles não conhecem minha cultura, porque se eles conhecer todos vai amar, pena que as pessoas não conhece.</p>
<p><i>Yasmim</i></p> <p>Na escola não temos muito tempo para falar de nós. Estamos lá mais só pra ouvir, o que eles tem que ensinar.</p>
<p><i>Samuel</i></p> <p>Foi uma experiência muito legal, mas assim, teve muito racismo, teve muita coisa que a gente não pôde dar conta. Muita coisa assim que aconteceu que nunca deu certo. Não dava mais pra gente, não tinha mais respeito. Os professores não tratavam a gente direito na frente dos outros, muita humilhação, muita discriminação.</p>
<p><i>Professor Leandro</i></p> <p><i>Assim, em sala o Samuel fez um questionamento. Na verdade ele deu a resposta a uma questão em sala. Uma dinâmica da língua portuguesa, aí aquela pergunta e aquela resposta dele, gerou uma polêmica e os alunos começaram a sorrir, e eu consegui contornar, mas em um determinado momento ele falou: “mas professor, eu não vou mais participar não. Estão rindo de mim.”</i></p>
<p><i>Professora lesmin</i></p> <p><i>Então a sala de aula pra vocês é uma cadeia, né?</i></p>
<p><i>Orientadora</i></p> <p><i>Uniforme a gente ainda pega muito no pé nessa parte porque eles ainda estão em processo, não gostam muito de vir uniformizados; a tendência é eles virem do jeito deles, pela comunidade, gostam de ficar do jeito que eles querem. É diferente. Tem que falar: usa shampoo, usa sabonete, usa isso, eles precisam de uma ajuda maior, né. Eu não vejo essa preocupação muito deles.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

Professor Íris

Que hoje as Escolas Públicas estão mais abertas ao assunto de Diversidades, mas para o Grupo Indígena, entre outros, que é preciso desenvolver conhecimentos sobre os Ciganos, vejo que é sempre fechado; são poucos os que abrem para conhecer melhor suas origens, língua, de onde vieram, o que são. Deveriam pesquisar, na verdade eles fazem parte de Povos N Diversidade cultural, pessoas que desejam muito ser conhecidos por todos.

VISÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ESTUDANTES CIGANOS*Professor Íris*

São pessoas que precisam ser respeitadas em todos os lugares, são honestas, trabalhadores, pessoa carismáticas, acolhedoras em sua comunidade. Com seus conhecimentos procuram viver honestamente juntos com todos da comunidade, um ajudando ao outro. Solidariedade.

Professor Leandro

Alunos ciganos são formidáveis, respeitosos, participativos; atentos às explicações. Não raramente elogiam o corpo docente e a equipe diretiva desta escola; sentem-se acolhidos por estes.

Professor Leandro

Os alunos supracitados demonstram raciocínios rápidos e eficazes, entretanto não valorizam a cultura letrada. Envolvê-los em atividades escritas exigem boa argumentação.

Orientadora Andrea

Sim. Conversei com as crianças; tentar compreender a língua, a situação que ele vivem, é muito diferente da nossa, tem que ta ensinando higiene, o jeito que vivemos, tem muita coisa diferente.

Orientadora

Gosto de ver eles desenharem as famílias. Contar sobre as famílias. As meninas são mais abertas a conversar, os meninos mais fechados. Elas falam para as colegas que são ciganas.

Gestora

Quando eles vieram a gente teve muita dificuldade porque eles não valorizavam a escola, achavam que tinham que vir aleatoriamente, sem compromisso. Só vinham quando dava.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

Professora 1

Na verdade eles não tinham uma rotina de estudo; não frequentavam, quando eles vieram pra cá eles nos disseram que moravam em Santa Maria, ao lado da escola, mas mesmo assim não frequentavam a escola.

Professora 4

A gente faz um trabalho aqui na escola, e eles precisam compreender e colaborar com a escola uai. Quando ocorre alguma coisa aqui na escola que oferecemos o lanche, a falta de educação deles é algo terrível. Eu fico, assim, pra morrer, que a gente tá aqui na reunião e a mãe fica com aquele monte de prato dando pra um e pra outro naquele nhenhen... E assim eu fico olhando, meu Deus!!! A gente faz um trabalho e esse trabalho seja como for tem que ter. E é aquela sujeirada, eles comem ferozmente. Que isso!!! Vamos parar com isso!!!

Professoras 2 e 3

Nós temos que falar e incomodar mesmo as famílias deles para eles entenderem que eles também precisam mudar.

Professora 2

A professora deixa claro sua opinião acerca do trabalho desenvolvido na escola. Na visão dela, *“as informações que são passadas aqui na escola, mesmo que eles se silencie, acho que quando eles chegarem lá no acampamento eles vão estranhar e questionar e se incomodar”*.

*A fala da professora corrobora a ideia de que a instrução apresentada pela escola tem o intuito de educá-los e de fazer com que sejam repensados hábitos de higiene, comportamento uns com os outros e o relacionamento entre eles. Ainda ressalta que *“mudar toda uma história, é todo um processo, é um trabalho de formiguinha, é aos poucos mesmo. Só com muito trabalho”*. Diante da fala da professora é sugerido pensar que ela nega completamente a cultura e a vivência do povo cigano.

Professora lassana

A primeira reunião foi no terceiro bimestre, só compartilhando com você, aí eles andavam em cardume, eram uns oito na escola, eles andavam todos juntos. E aí você tá ali conversando com um pai, aquela situação. Chegavam juntos e começavam a falar bem alto sem esperar a vez, professora como é que tá Henrique W. Gente, não é assim!!! Espera sua vez. Parecia aquela coisa de grego, aquela coisa grega, barulhenta, desorganizada. Era muito engraçado.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

Professor Leandro

Porque até então eu não sabia se ele estava falando a verdade, ele me falou mesmo que tinha passado por muitas coisas na vida, nas escolas, ele me contou um pouco, mas até então, confesso eu, que eu não sabia se eles estavam falando a verdade ou não. Aí quando eu comecei a perceber um pouquinho melhor, que era verdade, até conversei contigo, pude comprovar o que eles estavam falando. Se nós não temos essa preparação para lidar com eles, como é que vamos ficar?

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO*Daiane*

Conteúdo. Acho importante; algumas coisas é bem diferentes do que é nos passado em nossa cultura, acho que deveria ter matérias sobre todas as culturas que temos no Brasil.

Daiane

Não. Até hoje nunca vi nenhum trabalho ou dever de casa referindo à cultura ou pelo menos à cultura cigana.

Vitória

Acho que os professores nem sabem nada de ciganos. Foi quando tive, as poucas vezes, a oportunidade de mostrar minha cultura através da dança. Fico triste, é não poder dizer que sou Cigana.

Yasmim

Pra quem fica do começo até o fim do ano na escola, até que é bom, gostaria que tivesse uniforme cigano, e eu queria que tivesse aula de dança também.

Yasmim

Porque na escola não temos muito tempo para falar de nós. Estamos lá mais só pra ouvir, o que eles têm que ensinar.

Kaique

*O professor falou algo em sala sobre a cultura cigana, ou algo que lembrasse o seu povo?

Não.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

Professor Marco Polo

De maneira funcional acredito que está arrumada para que todos possam bater o ponto e cumprir com suas horas na escola. É bem comum se verificar o desperdício de recursos tecnológicos subaproveitado por resistência e despreparo com a tecnologia pelos professores que atuam na rede. A questão da matriz curricular, então, com a reforma do ensino médio pelo atual governo deixa bem clara a sua intenção em preparar mão de obra e não cidadãos.

Professor Leandro

No que concerne à matriz curricular e à organização pedagógica, todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem precisam ter um maior comprometimento e devem visar ao ensino de conteúdos realmente relevantes à formação do intelecto dos discentes. Quanto à formulação dos horários das aulas, as particularidades climáticas e sociais de cada região específica do país devem ser consideradas.

Orientadora Educacional

Quando eles trazem alguma coisa ou outra por causa de aprendizagem ou falta de material didático, nós convocamos e a família vem e é tudo tranquilo. Assim, eles têm as dificuldades, mas também não é tanta não. A gente vê que eles estão conseguindo avançar.

Orientadora Educacional

A gente tem até um olhar diferenciado um pouquinho, porque eles, na verdade, eles nunca viram escola; a gente vê que eles estão conseguindo avançar nas etapas.

QUE ESCOLA QUE QUEREMOS?*Daiane*

Uma escola onde primeiramente nossa cultura fosse respeitada e valorizada, uma escola que não fosse toda fechada, onde valorizasse nossas danças, músicas, dialetos, vestes e artesanatos, nos capacitando no que já temos, não deixando nossa cultura morrer, deixando de lado o melhor de nós, tendo que fazer e aprender outros costumes.

Daiane

Apesar das poucas oportunidade que temos, o pouquinho que nos dá a gente tá conseguindo avançar e aprender um pouco mais. Se a escola oferecesse um pouco de “cultura”, arte, música, a gente ia gostar muito mais e a gente ia ficar mais alegre.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(continua)

<p><i>Vitória</i></p> <p><i>Não deveria ser salas fechadas, é ruim se sentir presa, queria que tivesse uniformes ciganos, queria que tivesse programação cultural com danças, músicas, teatros pra gente contracenar. Uma escola mais feliz e com pessoas mais alegres e divertidas.</i></p>
<p><i>Yasmim</i></p> <p><i>Uma escola onde eu pudesse mostrar que eu sou de verdade sem medo de sofrer com isso, onde tivesse aulas de culturas para todos conhecer de verdade, onde eu pudesse me vestir como uma cigana, dançar cantar, uma escola mais alegre como meu povo cigano.</i></p>
<p><i>Kaique</i></p> <p><i>Lá mesmo no acampamento.</i></p>
<p><i>Wanderley da Rocha</i></p> <p><i>Uma escola dentro do nosso acampamento, com professores que conhecessem a nossa cultura e tivesse respeito e paciência pra nos ensinar. Nós não somos burros. Nosso povo é inteligente. Só precisamos de oportunidades.</i></p>
<p><i>Yasmim</i></p> <p><i>Uma escola onde eu pudesse mostrar que eu sou de verdade sem medo de sofrer com isso, onde tivesse aulas de culturas para todos conhecer de verdade, onde eu pudesse me vestir como uma cigana, dançar, cantar, uma escola mais alegre como meu povo cigano.</i></p>
<p><i>Dercy</i></p> <p><i>Queria uma escola aqui mesmo no acampamento, simples, do nosso jeito. Não precisava de muita coisa. Só uma pessoa pra nos ensinar a ler, escrever e ajudar nosso povo. Nós passamos o dia inteiro na rua vendendo pano de prato; quando nós chega aqui ta tudo cansado, pra ainda tomar banho, comer e ir ainda pra escola longe, fica tudo muito difícil. A gente nem aguenta estudar direito de tanto cansaço.</i></p>
<p><i>Orientadora educacional</i></p> <p><i>Assim, acho que abrir mais espaços, o pouco que estamos fazendo, fazer um pouco mais, tem o transporte, tem que fazer alguns movimentos fora, sair um pouco lá fora, em outros ambientes, conhecer novos ambiente, isso que a escola desenvolve, vejo que tem sacrifício, tem que pedir a família pra ajudar no financeiro. Tudo precisa do financeiro e nem todos tem condições em arcar com o financeiro.</i></p>

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quadro 4: Resultado e discussão dos Dados Coletados (Escola)

(conclusão)

Professor Íris

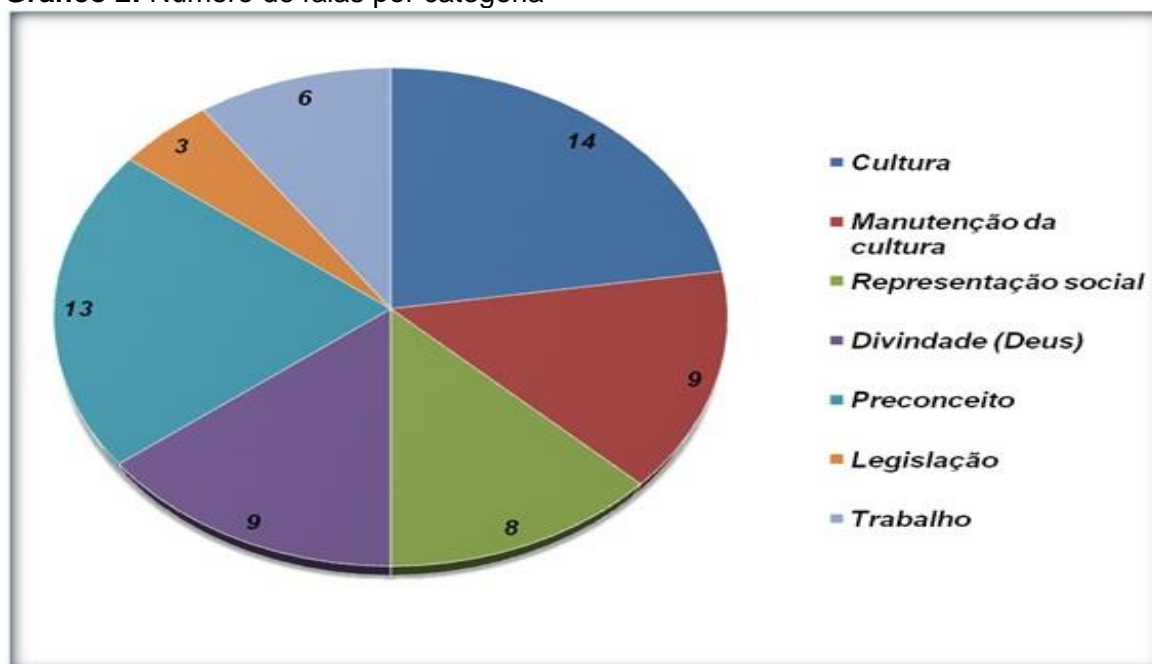
As escolas públicas recebem alunos ciganos no ensino fundamental, EJA. Melhor seria que a Escola fosse até a Tenda, como no ano de 2013, que a Comunidade Calon participaram da 1ª Tenda Escola, onde foi ministradas aulas de Alfabetização para esta Comunidade. Não só neste ano, nos anos seguintes, mas devido a problemas do Governo não aconteceu mais a alfabetização, e sim os Ciganos mais jovens, foram transferidos para escolas próximas a sua moradia.

Professor Íris

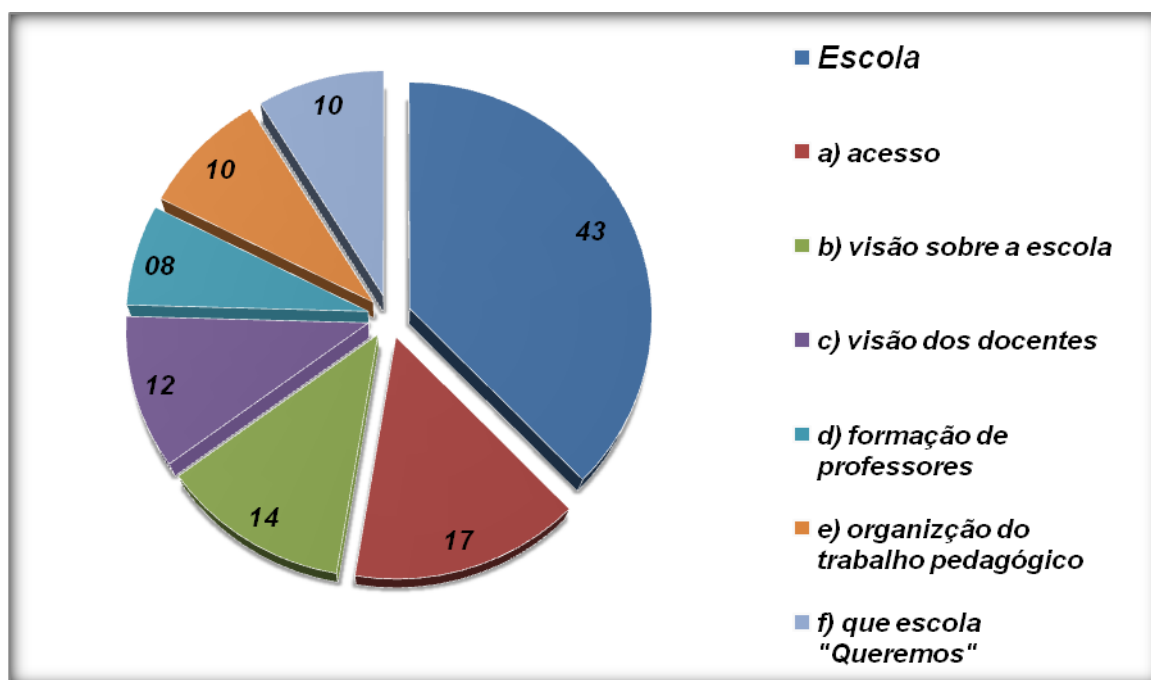
A Tenda Escola foi uma proposta da Seprir-DF em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura e a Administração de Sobradinho. Cultura Cigana - O Distrito Federal faz parte da rota dos ciganos e há três anos os Calon se fixaram nestas terras cedidas pela União, no Córrego Arrozal, e iniciou-se um novo momento para estas famílias, começando com o registro de nascimento de todos os integrantes do acampamento. Para eles é muito importante, sempre preocupado com a Comunidade Cigana, para que todos tenham direitos iguais.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Conforme consta no **Gráfico 2**, a seguir, tivemos um total de 173 falas no tocante às 11 categorias surgidas e propostas. Válido ressaltar que o quesito *Escola* está disposto separadamente, no **Gráfico 3**. Ademais, indispensável salientar o interesse de todos os entrevistados, os quais se dispuseram, de bom grado, a responder os questionamentos, contribuindo, cada um a sua maneira, com seus relatos e experiências de vida acerca do assunto.

Gráfico 2: Número de falas por categoria

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Gráfico 3: Categoria Escola

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

7.5 Dialogando com as categorias

Com o intuito de refletir acerca das categorias, anteriormente apresentadas, algumas ponderações se fazem pertinentes a fim de realçar os aspectos mais expressivos encontrados nos inúmeros relatos.

I- Cultura:

Em relação aos **professores e gestores**, no tocante à cultura, o que ficou bastante explícito, nas falas dos docentes, foram as a contradições do que a escola pode ou não ceder. É sabido que a escola já possui suas regras bem definidas, entretanto, percebeu-se que os educadores confundem o fato de se “manter” a cultura como um ato de infringir ou burlar as regras e as leis estabelecidas pela instituição. Dessa forma, *em que medida a escola deve ter esse olhar cuidadoso e de cobrança para que os alunos ciganos se adaptem, mas também preservem sua cultura sem infringir as regras da escola?*

Como as crianças de lá já são uns meninos bem evoluídos, são grandes, já faziam negócios, tinham experiências de vida e até a questão sexual muito desenvolvida. Tinha um menino que já tinha até casado. Então eles eram muito maduro. Realmente não foi nada fácil lidar com essas diferenças. Quando chamamos a Regional de Ensino, é porque houve um fato que eles chegaram aqui contando para os colegas de classe que lá eles faziam festas longas e eles as crianças experimentavam bebidas alcoólicas. Estranhamos muito esse jeito deles. Uma coisa é cultura, outra coisa é infringir a lei. Como assim, criança bebendo? Ficamos realmente todos muito *assustados*. (Gestora da EC2017, 2017, informação verbal).

No que diz respeito **aos ciganos**, vimos uma preocupação constante deles em preservar a sua cultura, como forma de fortalecer a identidade étnica. Para tanto, buscam sempre socializar em grupo, valorizando a sua etnia e cuidando um dos outros, a fim de se protegerem da melhor maneira.

Temos que resgatar nossa cultura e não deixar morrer, de forma nenhuma, pois temos que nos fortalecer para lutar pelos nossos direitos e manter viva a nossa cultura, nossa música e alegria. Somos um povo resistente. Não somos burros não professora. Acredito que temos muito a aprender, mas também, temos muito a ensinar. (Sr. Wanderley - Líder cigano, 2017, informação verbal).

II- Representações Sociais

O que percebemos foi que, realmente, existem representações sociais muito estereotipadas, resultado de uma construção histórica injusta e que ainda é a causa das situações que geram preconceitos e imagens distorcidas da etnia cigana.

Desculpa te interromper, mas quando recebemos os ciganos aqui né, vieram muitos adultos, a gente teve esses problemas com os alunos. Primeira coisa que tivemos foi eles acharem que agora a escola ia encher de ladrões e tal, por que vocês aceitaram os ciganos? (Professora da EC, 2017, informação verbal)

Daiane, por sua vez, explica o que passou em relação às representações sociais distorcidas e o que teve que enfrentar nas ruas por causa das inúmeras situações de viver na pele as injustiças sociais e os preconceitos arraigados de forma cruel.

Morei na rua, dormi em estação de trem, passei fome e frio nas ruas. (Chorou). E foi assim porque o meu sonho era estudar, porque eu sabia que não tinha ninguém para lutar por eles, sabe, ninguém melhor do que vocês para saber que sem conhecimento não somos nada, ninguém respeita, ninguém nos ouve. O povo humilha mesmo. Não tem esse negócio não, de chegar. O povo tira onda mesmo com a cara da gente. É muito ruim. (Cigana Daiane, 2017, informação verbal).

III- Escola

Com relação ao acesso à escola, o que ficou claro foi, realmente, a dificuldade dos ciganos em, primeiramente, acessar a escola e conseguir as vagas e, posteriormente, permanecerem na escola. Para as crianças menores, até que não é tão difícil por causa da facilidade em adaptação, já que são mais maleáveis, menos questionadoras, muito mais tolerantes e, praticamente, não percebem nenhum tipo de preconceito.

Já, os adolescentes, os adultos e os idosos têm mais dificuldade em se adaptar, pois já possuem um histórico de muitas mudanças e nomadismos. Também já reconhecem que conseguem sobreviver sem esse conhecimento institucionalizado e, também, questionam muitas vezes a postura da escola e sua organicidade, que contradiz a organicidade a qual eles, os ciganos, já possuem com seu grupo. Assim, quando eles sentem qualquer situação de preconceitos, ou se sentem acudados, desrespeitados, sem coragem para se expor no espaço escolar, ou mesmo emergindo o sentimento de não pertencimento, a tendência é abandonar imediatamente o sonho de estudar, de construir um futuro percorrendo esse espaço que muitas vezes os exclui e os separa da escola e, conseqüentemente, dos seus ideais.

Muitas vez nós ciganos, não ficamos na escola, porque nos sentimos diferentes de vocês. Nas roupas, no modo de ser, nos palavriados, na forma como vimos as coisas, nas dúvidas que temos. Aí ficamos com vergonha e então ficamos calados e não participamos e o que nos resta é ir embora, porque não tem nada a ver com a gente. E como tudo é muito novo, estamos engatinhando agora. Então nós se acha diferente. Muitas vezes um faz uma pergunta e nós pensamos: “Nós é burro? (Cigana Daiane, 2017, informação verbal)

IV- Visão dos docentes

Durante o estudo, as visitas e as rodas de conversas nas escolas que atendem aos estudantes do acampamento, o que percebemos é que a grande preocupação dos docentes em relação aos estudantes ciganos é ainda a questão das dificuldades que eles têm em acompanhar os conteúdos programáticos e a questão da não existência de formação na área de diversidade dos povos tradicionais. Muitos deles deixaram bem claro isto: a falta de atividades formativas para atuarem com estudantes de diferentes etnias, principalmente os estudantes ciganos. A maioria não conhecia sua cultura, não sabia que tinham uma língua própria e também não conhecia o contexto social em que a comunidade cigana vive.

Porque até então eu não sabia se ele estava falando a verdade, ele me falou mesmo que tinha passado por muitas coisas na vida, nas escolas, ele me contou um pouco, mas até então, confesso eu, que eu não sabia se eles estavam falando a verdade ou não. Aí quando eu comecei a perceber um pouquinho melhor, que era verdade, até conversei contigo, pude comprovar o que eles estavam falando. Se nós não temos essa preparação para lidar com eles, como é que vamos ficar? (Professor Leandro, 2017, informação verbal).

Outra professora colocou a seguinte situação nos momentos de reunião escolar: os pais/mães não se comportam muito bem e causam tumulto no ambiente escolar.

A gente faz um trabalho aqui na escola, e eles precisam compreender e colaborar com a escola uai. Quando ocorre alguma coisa aqui na escola que oferecemos o lanche, a falta de educação deles é algo terrível. Eu fico assim pra morrer, que a gente tá aqui na reunião e a mãe fica com aquele monte de prato dando pra um pra outro naquele nhenenhen... E assim eu fico olhando, meu Deus!!! A gente faz um trabalho e esse trabalho seja como for tem que ter. E é aquela sujeirada, eles comem ferozmente. Que isso!!! Vamos parar com isso gente!!! (Professora EC, 2017, informação verbal).

V- Que escola queremos?

Esse foi um dos itens que nos surpreendeu, pois nossa visão de professor ou da carreira docente, e a dinâmica da sala de aula, nos cega de uma tal forma e parece não nos dá subsídios para compreendermos o quanto nossa escola é fechada, triste e, muitas vezes, molda, encaixota e destrói a capacidade e os

processos criativos dos e das estudantes. Outro fato é que nem o material didático, nem a própria organicidade da escola, não dialoga com os sujeitos de culturas diferentes. Segundo Ivan Illich,

A maior parte dos nossos conhecimentos adquirimo-los fora da escola. Os alunos realizam a maior parte de sua aprendizagem sem os, ou muitas vezes, apesar dos professores. Mais trágico ainda é o fato de que a maioria das pessoas recebe o ensino da escola, sem nunca ir à escola. (ILLICH 1985 p. 43)

Então não podemos menosprezar ou excluir o que um estudante cigano traz para o ambiente escolar. Devido ao fato desse educando possuir conhecimentos e saberes prévios, inúmeras experiências e vivências em grupo, em inúmeros contextos, espaços e tempos diferentes, isso o valida dentro do ambiente escolar.

Nas falas das estudantes a maioria traz as mesmas dificuldades e fragilidades do ambiente escolar formal. Na visão de Daiane ela nos provoca a pensar:

Uma escola onde primeiramente nossa cultura fosse respeitada e valorizada, uma escola que não fosse toda fechada, onde valorizasse nossas danças, músicas, dialetos, vestes e artesanatos, nos capacitando no que já temos, não deixando nossa cultura morrer deixando de lado o melhor de nós, tendo que fazer e aprender outros costumes. (Cigana Daiane, 2017, informação verbal).

Para Vitória, filha de Daiane, a maneira de pensar é:

Não deveria ser salas fechadas, é ruim se sentir presa, queria que tivesse uniformes ciganos, queria que tivesse programação cultural com danças, músicas, teatros pra gente contracenar. Uma escola mais feliz e com pessoas mais alegres e divertidas. (Vitória, 2017, informação verbal).

O líder do acampamento, Senhor Wanderley da Rocha, homem simples que pouquíssimo frequentou a escola, mas que demonstra uma capacidade de compreensão e leitura de mundo incrível, possui uma oralidade bem articulada, fora dos padrões comuns. Tal fato, portanto, o credencia como autoridade e liderança dentro do acampamento. Na fala dele, em relação aos anseios da educação formal, o que ele nos traz é o seguinte:

Uma escola dentro do nosso acampamento, com professores que conhecessem a nossa cultura e tivesse respeito e paciência pra nos ensinar. Nós não somos burros. Nosso povo é inteligente. Só precisamos de oportunidades. (Wanderley da Rocha, 2017, informação verbal).

Portanto, o que observamos – ao longo dessa desafiadora caminhada com a comunidade cigana Calon – é a longa e árdua jornada desse povo. A princípio, existe a exigência da educação formal institucionalizada, a qual passa a ser a “única” alternativa para que, de fato, eles possam reconstruir suas histórias, anseios e entrarem para este desenho de sociedade capitalista. A questão é que assim o fazem pagando um alto preço e correndo um sério risco de, na tentativa de se sentirem inclusos nesse modelo padrão, acabarem por ferir ou danificar suas estruturas étnico-raciais, as quais, por sua vez, foram pilastras que, durante séculos, sustentaram esse mesmo povo de cultura milenar em meio às lutas por visibilidade e reconhecimento. Ademais, no contexto escolar, emerge uma contradição. Se, por um lado, a escola propicia a possibilidade de construção de um conhecimento científico, por outro, tal ambiente, tende a distanciar esse estudante da sua cultura.

Nesse viés acerca da escola sob moldes de saberes institucionalizados, Ivan Illich nos traz a reflexão:

Em qualquer lugar do mundo o secreto currículo da escolarização inicia o cidadão no mito de que as burocracias guiadas pelo conhecimento científico são eficientes e benévolas. Em outras palavras, as escolas, são fundamentalmente semelhantes em todos os países, sejam fascistas, democráticos, ou socialistas, pequenos ou grandes, ricos ou pobres. Esta identidade do sistema escolar nos força a reconhecer a profunda identidade universal do mito, o modo de produção e o método de controle social, apesar da grande variedade de mitologias em que o mito é expresso. (ILLICH, 1985, p.85).

Portanto, precisamos ser cuidadosos com o nosso discurso. Devemos nos policiar e não reproduzir as ideias de que somente no “útero escolar” é que conquistamos conhecimentos e que apenas tal saber é capaz de libertar e criar um novo homem ou um homem preparado para o futuro. Segundo o autor, é ilusório pensar que a escola formal é a única saída, haja vista que ele mesmo nos traz que aprendemos muito mais fora da escola do que dentro. Nessa perspectiva, os estudantes ciganos saem na frente com relação às experiências vividas ao longo de

sua caminhada. Dessa maneira, a chegada dos ciganos às escolas públicas nos permite mais possibilidades de questionarmos essa institucionalização de conhecimentos adquiridos. Devemos, sim, *questionar, analisar, refletir sobre qual escola temos e qual escola queremos?* Por que delegar a uma “Instituição” o que os sujeitos devem aprender, assim como a forma fragmentada de aprender? Sabemos que os conhecimentos humanos são construídos todos juntos, na sua totalidade, e nos momentos espaços/tempos em que acontecem os eventos naturalizados. Ou seja, *por que a escola fragmenta tudo e coloca cada um separado, na sua caixinha, selecionando, formalizando e nomeando?* Segundo Illich:

Um bom sistema educacional deve ter três propósitos: dar a todos que queiram aprender acesso aos recursos disponíveis em qualquer época da sua vida; capacitar a todos que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles e, finalmente, dar oportunidade a todos os que queiram tornar público um assunto a que tenham possibilidade de que seu desafio seja conhecido. (ILLICH, 1985, p. 86).

Nesse sentido, vivemos numa constante luta contra a dominação mundial do capitalismo e de tudo de maligno que ele implementa e exige, de forma **implícita**, no caso da escola formal, e, de forma assustadora e **explícita**, em todos os setores e categorias da sociedade, aniquilando e mutilando as construções intelectuais coletivas. E, desse modo, acorrentando a todos e a todas, que são obrigados a se submeterem para se sentirem inclusos num modelo de sociedade que foge ao nosso equipamento biológico, social e cultural. Esse sistema repressor, por sua vez, foi forjado para atender a um dado modelo político e econômico, o qual descarta, agride e fere os valores humanitários de grupos sociais, principalmente, das comunidades tradicionais e das minorias étnicas raciais.

VI- Preconceito

Em relação aos professores, o que observamos que em todas as categorias de uma forma sutil, apareceu o preconceito velado e cuidadoso na forma de colocar. Embora nas entrevistas, ninguém se declara preconceituoso, mas em alguns momentos em suas falas, deixam escapular atitudes que remete ao preconceito. Numa das rodas de conversa na escola a professora disse:

No início, tiveram os medos de lá e de cá. O primeiro grande conflito foi a festa do Natanael, porque eles até convidaram para a gente ir até a festa, mas ninguém foi. (Professora 1, 2017, informação verbal)

Com relação aos ciganos, o que ficou claro é que realmente o tempo todo eles convivem com o preconceito e isso é o fator que mais atrapalha, distancia e silencia as relações do povo cigano dentro e fora da escola. Em todas as falas, eles trazem isso com muita dor e sofrimento. Na fala de Daiane percebemos o quanto é difícil conviver diariamente com os olhares e atitudes preconceituosas e discriminatórias:

Até na hora de andar nas ruas temos que ter cuidado. Por mim eu teria vindo com minhas roupas próprias, mas vim do Gama de ônibus. Se eu tivesse vindo com minhas roupas de ciganas, primeiro todo mundo olha pra gente com olhares diferente, afasta da cadeira, ou tira a bolsa de perto da gente e esconde num canto para não ser roubado, ou daqui a pouco alguém pergunta, você lê as mãos, então pra não incomodar nem me senti incomodada com minhas filhas, visto como uma gajim (mulher não cigana). Você sente aquela coisa chata, que sua presença tá incomodando. (Daiane, 2017, informação verbal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso, percebemos, com o decorrer do estudo, que o processo de heterogeneidade e diversidade cultural é fruto de um contexto, de um espaço social macro, sendo a escola a parte específica de um todo em que, logo, as ações externas e internas interagem e convergem no ambiente escolar.

Pensando nesse contexto escolar e considerando que o objetivo geral proposto consistia em analisar o processo de escolarização dos ciganos da Comunidade Calon e como as ações pedagógicas desenvolvidas na escola em que frequentam dialogam com sua etnicidade cigana, obtivemos novas e expressivas percepções acerca de tal cenário.

Assim, a primeira constatação foi a iminente necessidade de se reavaliar o Projeto Político-Pedagógico aplicado no meio educacional. A alternativa percebida foi, portanto, estimular a interação e o diálogo de todos os envolvidos, identificando as necessidades apresentadas por esses, visando desenvolver um ambiente humanizado, agradável, prazeroso, saudável, bem direcionado e com resultados mais efetivos.

Fica evidente, também, como as mudanças práticas na sociedade estão se acelerando, fato esse que nos desafia e nos leva a intervir nessas transformações diretamente. Uma delas é a chegada da comunidade cigana na cidade de Sobradinho, o que nos estimula a refletir sobre novas possibilidades sociais, nos impulsionando a participar, ativamente, dum processo de emancipação capaz de beneficiar a todos os envolvidos.

No contexto escolar, não se pode negar que esses sujeitos trazem para o convívio, junto aos demais alunos, uma incrível riqueza de saberes, vivências e experiências. E, como se trata de um processo de mão dupla, esses estudantes também são alimentados pelo conhecimento advindo do espaço escolar, haja vista as contribuições geradas pela ação dialógica do coletivo. Ou seja, **todos tendem a ganhar com essa diversidade cultural de saberes e de valorização da Educação** informal e formal.

Acreditamos que, dessa forma, se está colaborando para uma Educação emancipatória e revolucionária. A escola pública deve ser um espaço social valorizado, no qual precisa ecoar o som de muitas vozes, refletir diversos olhares e

muitos saberes que em vários momentos passam despercebidos ou invisibilizados. Assim, ela estará caminhando para cumprir seu papel social e educacional, sem demarcar fronteiras e limites, pois todos e todas são protagonistas e coadjuvantes, em uma perspectiva *dialética*, nessa espetacular ação do aprender e ensinar.

Paulo Freire nos convidou a refletirmos sobre o papel da escola emancipatória e participativa, quando diz que não se deve “chamar o povo à escola para receber instruções, receitas e punições, [...] mas para participar coletivamente da construção de um saber, possibilitando ao sujeito criar sua própria história.” (FREIRE, 1999, p.14).

Procuramos, por meio desta pesquisa, iniciar um diálogo entre escola e comunidade cigana Calon, na perspectiva do encontro e convergência de saberes por meio do reconhecimento, uns nos outros, das potencialidades, fragilidades e possibilidades que lhe são próprias. Mas eis que reconhecemos que esse processo é lento e gradual. Tal como Marx nos lembra: a história não dá saltos. Diante desta constatação, voltamos nossos olhares para a **coletividade** enquanto sujeitos históricos.

As escolas estão baseadas na suposição de que há um segredo para tudo na vida; de que a qualidade da vida; depende do conhecimento desse segredo; de que os segredos só dependem ser conhecidos em passos sucessivos e ordenados; de que apenas os professores sabem revelar corretamente esses segredos. Um indivíduo de mentalidade escolarizada concebe o mundo como uma pirâmide, composta de pacotes classificados; a eles só têm acesso os que possuem rótulos adequados. (ILLICH, 1985, p 86)

No sentido da busca pela integração participativa e não subordinada da comunidade cigana no espaço escolar formal, faz-se necessária uma sensibilização dos profissionais da educação envolvidos com a gestão da escola local que esteja disposta a mobilizar o grupo de professores e servidores no sentido da promoção de uma proposta inovadora, refletida, não apenas nos documentos norteadores da prática educativa escolar – tal como o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola –, mas que também esteja embasada nos eixos do Currículo em Movimento. Ou seja, trazer vida ao texto oficial proposto deve ser um desafio cotidiano a todos os envolvidos.

Em relação à Comunidade cigana, entendemos que frequentar a escola pública local pode ser inicialmente uma experiência *dolorosa*, pois eles e elas

consideram a escola ainda um espaço antagônico ao do acampamento, por possuir um formato que limite o espaço deles e, assim, os façam sentir prisioneiros no processo de escolarização. Todavia, refletindo a partir da *contradição*, há a liberdade e a ansiedade de conhecer o mundo literário que é paradoxal, pois os devolve um mundo desconhecido e muito maior que os espaços ora usados com tanta liberdade na sua comunidade cigana. Em suma, a leitura lhes proporciona um mundo maior e dinâmico para ser explorado, conquistado e desafiado.

Há, entretanto, um desafio na Educação Não Formal, conforme apresentado no PNEDH, no tocante às ações programáticas, no item 9. Nessa parte se enfatiza a necessidade de incentivar a promoção de ações de educação em direitos humanos voltadas para comunidades urbanas e rurais, tais como quilombolas, indígenas e ciganos, acampados e assentados, migrantes, refugiados, estrangeiros em situação irregular e coletividades atingidas pela construção de barragens, entre outras. (PNEDH, 2013).

Ademais, se observou que o tempo para a escolarização dos ciganos, devido a sua cultura, poderá ser maior que o tempo que o sistema de ensino pré-determina. Isso causa um incômodo, motivo pelo qual a unidade de ensino deverá ter uma escuta sensível e diferenciada, levando em conta toda a historicidade dos sujeitos envolvidos, todas as legislações educacionais embasadas pela SEEDF, além da própria formação pedagógica dos educadores, no sentido de estarem sempre aptos fomentar um espaço acolhedor, de inclusão, no sentido literal da palavra, numa proposta de troca de saberes e de valorização cultural e humana.

Isso sem mencionar as políticas de valorização dos grupos de etnias históricas pertencentes à constituição do povo brasileiro, bem como as lutas sociais que caracterizam o cenário antropológico do Brasil. **Os ciganos são povos que marcam a história do Brasil e são significativos na luta dos negros. Portanto, devem ter esse registro de respeito e contar com o espaço escolar para combater o preconceito cultural a esse povo.**

Acreditamos que o espaço escolar deve valorizar a cultura cigana proporcionando a esses estudantes o acesso aos saberes constituídos historicamente pela humanidade, assim como aos saberes tradicionais. Ademais, na escola os mesmos devem ser entendidos e reconhecidos como sujeitos coletivos e revolucionários, para que possam participar de estratégias e grupos de discussões,

podendo, por sua vez, virem a promover lutas em prol de políticas públicas específicas à causa, não se afastando, contudo, da perspectiva da *luta de classes*.

Nas experiências vivenciadas entre as pessoas do acampamento cigano, é muito forte e significativa a questão da intimidade que eles possuem com a arte, com a música e com as cores nas manifestações artísticas e culturais e a valorização do repasse das aprendizagens coletivas para as gerações futuras. Os mais velhos passam a cultura, seu verdadeiro tesouro, aos mais jovens e às crianças, ao pé do ouvido, pela oralidade, de boca em boca, de geração em geração. Demonstram fidelidade a si mesmos e aos seus costumes, aos seus valores, no entanto, manifestam o desejo de pertencerem, serem aceitos e valorizados no território do conhecimento formal, sem perderem a noção do contexto social em que vivem.

Dessa maneira, se torna importante proporcionar um diálogo procurando dar voz a quem sempre foi amordaçado (a), calado (a) e humilhado (a) ao longo de suas andanças e peregrinações. É necessário, também, proporcionarmos algumas reflexões sobre os modos de “vida cigana”, reconhecendo, por meio desta pesquisa, a dificuldade de oferecer aos povos ciganos uma educação e uma escola que lhes interesse. As discussões aqui levantadas suscitam a possibilidade e a necessidade da construção de uma proposta de educação diferenciada para os grupos minoritários que vivem excluídos e lutando, diariamente, para ter sua representação social aceita socialmente.

Ademais, acreditamos fortemente na construção coletiva de políticas públicas por meio da luta popular e coletiva, permitindo a abertura necessária de novos espaços tendo em vista a tensa e desafiadora relação entre os conflitos étnicos. Considerando que a comunidade Calon já está fixada nessa região de Sobradinho, é preciso que algumas medidas acerca do ensino nesse acampamento sejam tomadas. Como as crianças já têm acesso e permanência nas escolas, acreditamos que elas devam permanecer frequentando tais instituições, ainda que esses espaços estejam em processo de adequação aos costumes desse povo. No tocante à educação de Jovens, Adultos e Idosos, seria de grande valia resgatar o projeto Tenda-Escola, de 2013, o qual propunha o ensino no próprio acampamento, visando alfabetizar os participantes, haja vista que a maioria dos ciganos Calon são analfabetos.

Reitera-se que, em nossa opinião, o saber não se mede apenas por meio de provas escritas e avaliações longas e descontextualizadas. O conhecimento que o

sujeito individual, ou principalmente o sujeito social e coletivo, traz é muito mais relevante, significativo, rico, amplo e consistente do que propõe uma matriz curricular tradicional. Na linha histórico-cultural, Vigotski (2003) nos mune de conhecimentos ao fazer uma analogia, entendendo que não se pode aprender a nadar permanecendo na margem, é preciso se jogar. A aprendizagem é isto: só é possível se adquire o conhecimento na *práxis*. Sendo assim, que possamos aprender a nadar, nadando, aprender transformar, transformando, aprender conhecer, conhecendo, permitindo-nos nadar em águas profundas e desconhecidas.

Por derradeiro, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para as análises, reflexões e interações entre a escola formal e os estudantes da comunidade Calon, em meio ao processo pedagógico, procurando estabelecer como as estratégias utilizadas permitem a efetiva inclusão social e educacional dos referidos sujeitos e sujeitas em seu processo de escolarização. Que façamos o uso das reflexões apresentadas para lembrarmos que a escola é um espaço para a promoção e desenvolvimento de uma educação emancipadora. Precisamos, no entanto, sair da nossa zona de conforto e reconhecer todas as diversidades culturais, como possibilidades de avançar nossas fronteiras dentro desse mosaico étnico que é o espaço escolar, dando voz a todos os sujeitos, conscientizando-os do quão belo, acolhedor, desafiador e encantador poderá ser conhecer outros sujeitos, outras culturas, outras pedagogias, para mergulhar e beber de novas e inesgotáveis fontes.

Contudo, seria ingênuo de nossa parte imaginar que o diálogo se esgota neste momento. Como produtores e reprodutores de saberes diversos, acreditamos firmemente na necessidade de novas pesquisas neste campo que busquem visibilizar as pessoas e os coletivos ciganos especialmente a partir da perspectiva humanista e crítica; pesquisas que deem voz aos povos tradicionais, entendendo-os e reconhecendo-os como sujeitos e sujeitas protagonistas de suas histórias.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didi. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil** – Contribuição a uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. 3. ed. São Paulo: [s.d], 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. **Direitos Humanos**. 2012. Disponível em: <<http://dhnet.org.br>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Resolução nº 03, de 2012**. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, DF, mai/jun. 2012. Disponível em: << <http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/93/pdf>>>. Acesso em: 15 nov. 2017

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH - PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

_____. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Brasil Cigano: Guia de Políticas Públicas para Ciganos**. Brasília, DF, mai. 2013.

CALDERON, Dom Adamo. **Tradições Mágicas dos Ciganos**. 3. ed. [S.l.]: Outras Palavras, 1997.

COSTA, Elisa Lopes da. O povo cigano – memória histórica, presente e futuro. In: LIÉGEOIS, Jean-Pierre. **Que Sorte, Ciganos na nossa Escola!** Entreculturas, Lisboa, 2001.

_____. O povo cigano – Contributo povoador para o Brasil Colônia. **Revista Textos de História**, Cidade, v. 6, n. 1 e 2, p. 35-57, 1998.

GODOY, Rosa Maria. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico - Metodológicos**. Brasília: SEDH, 2010.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Novelas exemplares**. [S.l.]: Cosac Naify, 2015.

COSTA, Elisa Maria L. O Povo Cigano e o degredo: Contributo povoador para o Brasil Colônia. **Revista Texto de História**, Lisboa, v. 6, n. 1 e 2, p. 35-57, 1998.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DORNAS FILHO, João. Os ciganos em Minas Gerais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**. Cidade, v. 3, p. 138-187, 1948.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Obra poética**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

FRASER, Angus. **História do Povo Cigano**. Lisboa: Teorema, 1997.

_____. **Los Gitanos**. Lisboa: Ariel, 2005, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia de autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GAMBOA, Sánchez Silvio. **Métodos e epistemologia**. Santa Catarina: Argos, 2007 p. 27.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção metodológica da pesquisa em educação no Brasil**. 3. ed. Brasília: Líber, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GODOY, Pricilla Paz. **O povo invisível, os ciganos e a emergência de um direito libertador**. Brasília: Plácido, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Projeto Político Pedagógico Professor Carlos Mota**. Brasília: SEEDF, 2012.

GUIMARAIS, Marco Toyansk. Caminhos Cruzados: Ciganos e Judeus. **Revista 18**, São Paulo, Ano VI, n. 25. p. 28-31, 2008.

HILKNER, Regiane Rossi; HILKNER, Mauro. Ciganos: um mosaico étnico. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/22.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2016.

HUGO, Victor-Marie. **Notre-Dame de Paris**. Paris: GF Flammarion, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARX, KARL. **Contribuição Crítica da Economia Política**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____.; ENGELS, Friedrich. **Textos Sobre Educação e Ensino**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1992.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Cia José Aguilar, 1967.

MOONEM, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 1994. Disponível: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf>. Acesso em: 20. out. 2011.

MOONEN, Frans. **Os estudos ciganos no Brasil**. p. 127. 2007. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Os ciganos entre perseguição e emancipação**. Revista Sociedade e Estado, Cidade, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

_____.; PÉREZ, J. A. **A extraordinária resistência das minorias à pressão das maiorias: o caso dos ciganos em Espanha**. In: Vala, J. (Org.). **Novos racismos: Perspectivas Comparativas**. Oeiras: Celta editora, 1999.

MUNIC/IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais**. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/defaulttab1_perfil.shtm>. Acesso em: 20 set. 2016.

NUNES, Olímpio. **O Povo Cigano**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1996.

NOVIS, Vera. **Tutaméia: engenho e arte**. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1989.

PEDERIVA, Patrícia; MARTINEZ, Andréia. **A Escola e a Educação Estética**. Curitiba: CRV, 2015.

RÊSES, Erlando da Silva; SANTOS, Mário Bispo dos; RODRIGUES, Shirlei Daudt. **A sociologia no ensino médio: cidadania e representações sociais de professores e estudantes**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Primeiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SÁNCHEZ, Silvio Gamboa. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. [S.l.]. Lua Nova [online], 1997. p.105 -124.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

THIOLIANT, Michel J. M. **Crítica metodológica Social e enquete operária**. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982.

VASCONCELOS, Marcia; COSTA, Elisa. **Cartilha AMSK**: datas de celebração e luta pelos direitos dos Povos Romani. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www.amsk.org.br>. Acesso em: 20 set. 2016.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

_____. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016

XIBERRAS, Martine. **Les Théories de L'Exclusion** – Pour une Construction de L'Imaginaire de la Déviance. Paris: Armand Colin, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTAS (PARTE I)

DIMENSÃO	OBJETIVOS	QUESTÕES NORTEADORAS
I- Informação /Legitimação da entrevista e identificação pessoal e profissional.	-Proporcionar momento de aproximação; - Informar ao entrevistado o procedimento da entrevista; -Coletar dados pessoais; -Saber acerca do percurso profissional (anterior e atual).	1- Apresentar os objetivos da pesquisa. 2- Explicar os objetivos da entrevista. 3- Garantir anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista. 4- Qual a sua idade? 5- Qual a sua formação inicial? 6- Quanto tempo de profissão? 7- Está nesta escola há quanto tempo? E há quanto tempo está na gestão?
II – Relação aluno-escola	-Perceber como foi a receptividade da escola na chegada dos estudantes ciganos (as); -Identificar como se deu a enturmação dos estudantes nas turmas.	1- Como se deu a chegada dos estudantes ciganos na escola? 2- A escola estava preparada para trabalhar a diversidade cultural do povo cigano? 3- Como foi a recepção dos professores em relação aos ciganos? 4- Como foram enturmados os estudantes ciganos em relação à idade/ série? 5- Em que medida a escola é importante para o estudante cigano?

APÊNDICE 2 – GUIA DE ENTREVISTAS (PARTE II)

<p>III-Comportamento e aprendizagem dos estudantes ciganos</p>	<p>-Compreender como o diretor da escola avalia o comportamento dos estudantes ciganos (as) (cumprimento das regras e sua cultura diversificada).</p>	<p>1- Através da experiência, como caracteriza o comportamento dos estudantes ciganos em relação aos não ciganos? 2- Com o objetivo de contribuir para o processo de integração dos estudantes, como a escola e a comunidade cigana podem contribuir para o diálogo?</p>
<p>IV- Condições de ação</p>	<p>- Verificar a percepção do diretor sobre a organização do trabalho pedagógico com a diversidade cultural e étnica.</p>	<p>1- Como observaria a relação da estrutura organizativa da escola com a chegada dos estudantes ciganos no ambiente educacional formal? 2- Como relacionar o PPP da escola com as questões relativas à etnicidade cigana, atendendo aos objetivos propostos de integrar e incluir os estudantes ciganos nas atividades pedagógicas e no Projeto político da escola?</p>

APÊNDICE 3 – AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Exmo. Senhor(a) Gestor(a) da Unidade Educacional Escola Classe Sítio das Araucárias,

Professora Evaide Flores Campos

Sou Lenilda Damasceno Perpétuo, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília PPGE/UnB, orientanda do Professor Doutor Erlando da Silva Rêses. Vimos, respeitosamente, solicitar a aplicação de entrevista, entendendo que essa constitui um importante instrumento para a nossa pesquisa qualitativa de investigação e intervenção social, que traz uma análise **do Processo de Escolarização da Comunidade Cigana Calon: Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**.

A pesquisa está sendo desenvolvida em duas escolas públicas e no acampamento Cigano Calon, ambos situados na Região administrativa da cidade de Sobradinho, em Brasília, Distrito Federal, Brasil. Acreditamos que o seu olhar, a vivência e a experiência com estudantes ciganos(as) poderão contribuir muito para a nossa pesquisa. Requeremos, também, autorização para utilização dos dados recolhidos na entrevista para citações na nossa dissertação e futuras publicações.

Antecipadamente, grata pela atenção e colaboração dispensada.

Lenilda Damasceno Perpétuo

A pesquisadora

Tomei conhecimento e concordo

O entrevistado

APÊNDICE 4 – AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Exma. Senhora Chefe da Unidade De Educação Básica da Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho, Professora Flávia Motta Santos Duarte

Sou Lenilda Damasceno Perpétuo, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília PPGE/UnB, orientanda do Professor Doutor Erlando da Silva Rêses. Vimos, respeitosamente, solicitar a aplicação de entrevista, entendendo que essa constitui um importante instrumento para a nossa pesquisa qualitativa de investigação e intervenção social, que traz uma análise **do Processo de Escolarização da Comunidade Cigana Calon: Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**.

Nesse sentido, pretende-se recolher informação da máxima importância para a elaboração do trabalho através da aplicação de entrevistas nas escolas e aos docentes que trabalham com os estudantes ciganos nas escolas públicas de Sobradinho. Todos os sujeitos terão direito a não responder, sendo garantida a maior discricção e sem qualquer perturbação das atividades pedagógicas e funcionais da escola.

Dessa forma, solicito a autorização de V. Ex.^a e colaboração para aplicação das entrevistas. A todos os intervenientes na investigação é garantida a confidencialidade das informações facultadas, comprometendo-se a pesquisadora a que os dados recolhidos serão unicamente utilizados para a investigação em curso, respeitando todos os procedimentos de uma forma ética e profissional.

Agradeço desde já toda a disponibilidade e colaboração.

APÊNDICE 5 – AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Exmo. Senhor(a) Gestor(a) da Unidade Educacional Escola Classe 16, Professora Ilza Amaral

Sou Lenilda Damasceno Perpétuo, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília PPGE/UnB, orientanda do Professor Doutor Erlando da Silva Rêses. Vimos, respeitosamente, solicitar a aplicação de entrevista, entendendo que essa constitui um importante instrumento para a nossa pesquisa qualitativa de investigação e intervenção social, que traz uma análise **do Processo de Escolarização da Comunidade Cigana Calon: Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**.

A pesquisa está sendo desenvolvida em duas escolas públicas e no acampamento Cigano Calon, ambos situados na Região administrativa da cidade de Sobradinho, em Brasília, Distrito Federal, Brasil. Acreditamos que o seu olhar, a vivência e a experiência com estudantes ciganos(as) poderão contribuir muito para a nossa pesquisa. Requeremos, também, autorização para utilização dos dados recolhidos na entrevista para citações na nossa dissertação e futuras publicações.

Antecipadamente, grata pela atenção e colaboração dispensada.

APÊNDICE 6 – AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Exmo. Senhor(a) Gestor(a) da Unidade Educacional Centro de Ensino Fundamental 04,
Professor OZEB Freitas Cardozo

Sou Lenilda Damasceno Perpétuo, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília PPGE/UnB, orientanda do Professor Doutor Erlando da Silva Rêses. Vimos, respeitosamente, solicitar a aplicação de entrevista, entendendo que essa constitui um importante instrumento para a nossa pesquisa qualitativa de investigação e intervenção social, que traz uma análise **do Processo de Escolarização da Comunidade Cigana Calon: Conflitos étnicos e Saberes Pluriculturais**.

A pesquisa está sendo desenvolvida em duas escolas públicas e no acampamento Cigano Calon, ambos situados na Região administrativa da cidade de Sobradinho, em Brasília, Distrito Federal, Brasil. Acreditamos que o seu olhar, a vivência e a experiência com estudantes ciganos(as) poderão contribuir muito para a nossa pesquisa. Requeremos, também, autorização para utilização dos dados recolhidos na entrevista para citações na nossa dissertação e futuras publicações.

Antecipadamente, grata pela atenção e colaboração dispensada.

ANEXOS

ANEXO 1 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE I)

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 248, Abril de 2015

Cria o Estatuto do Cigano.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

TÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto do Cigano, para garantir à população cigana a igualdade de oportunidades.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I – população cigana: o conjunto de pessoas que se autodeclaram ciganas, ou que adotam autodefinição análoga;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

III – políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais;

IV – ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

Art. 2º É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais.

ANEXO 2 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE II)

Art. 3° A participação da população cigana, em condição de igualdade de oportunidades, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de:

- I – inclusão nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social;
- II – adoção de medidas, programas e políticas de ação afirmativa; III – promoção do combate à discriminação.

TÍTULO II DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 4° A população cigana, sem distinção de gênero, tem direito à educação básica, conforme disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e à participação nas atividades educacionais, culturais e esportivas adequadas a seus interesses, providas tanto pelo poder público quanto por particulares.

CAPÍTULO II DA EDUCAÇÃO

Art. 5° O poder público promoverá:

- I – o incentivo à educação básica da população cigana, sem distinção de gênero;
- II – o apoio à educação da população cigana por meio de entidades públicas e privadas;
- III – a criação de espaços para a disseminação da cultura da população cigana.

Art. 6° Fica assegurada à criança e ao adolescente ciganos o direito previsto no art. 29 da Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978.

Art. 7° Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da população cigana, observado o disposto na Lei nº 9.394, de 1996.

ANEXO 3 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE III)

CAPÍTULO III DA CULTURA

Art. 8º As línguas ciganas constituem bem cultural de natureza imaterial.

Art. 9º Fica assegurado à população cigana o direito à preservação de seu patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, e sua continuação como povo formador da história do Brasil.

CAPÍTULO IV DA SAÚDE

Art. 10. Fica assegurado o atendimento na rede pública de saúde ao cigano que não for civilmente identificado.

Art. 11. O poder público promoverá políticas públicas para a população cigana, a fim de promover:

I – o acesso ao Sistema Único de Saúde;

II – o combate a doenças;

III – o acesso a medicamentos;

IV – o planejamento familiar;

V – o acompanhamento pré-natal;

VI – o tratamento dentário;

VII – o amparo à criança, ao adolescente, ao idoso e à pessoa com deficiência; VIII – a orientação sobre drogas.

ANEXO 4 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE IV)

TÍTULO III DA PROMOÇÃO DA IGUALDADE

Art. 15. Fica o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial responsável pela organização e articulação do conjunto de políticas e serviços destinados a superar as desigualdades vivenciadas pelos ciganos no País, prestados pelo poder público federal.

Art. 16. O poder público adotará programas de ação afirmativa em favor da população cigana.

TÍTULO IV DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 17. Serão recolhidos, periodicamente, dados demográficos sobre a população cigana no Brasil, destinados a subsidiar a elaboração de políticas públicas de seu interesse.

Art. 18. O § 2º do art. 46 da Lei 6.015, de 31 de dezembro de 1973, passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 46.** § 2º Será dispensada de pagamento de multa a parte pobre (art. 30) e o cigano. (NR)”

Art. 19. Esta Lei entra em vigor após decorridos noventa dias de sua publicação oficial.

ANEXO 05 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE V)**JUSTIFICAÇÃO**

Vive-se hoje a época de disseminada proteção jurídica dos direitos humanos. Assim, defende-se o direito à diferença, segundo o qual as minorias devem ter o direito de exercer a sua diferença em igualdade de condições com os demais.

Nessa seara, testemunha-se amplo catálogo normativo de proteção aos direitos de várias minorias, quantitativas ou políticas, como as mulheres e os negros. Contudo, há minorias ainda sem marcante proteção legal. Entre elas, há os ciganos.

Embora os ciganos tenham chegado ao Brasil, com o precursor João Torres, ainda em 1574, até hoje padecem de desigualdade material com o restante da população brasileira.

Cumpre-nos, assim, apresentar este projeto de lei, proposto pela Associação Nacional das Etnias Ciganas (ANEC), nos moldes do Estatuto da Igualdade Racial, como uma forma de, enfim e definitivamente, assegurar a igualdade de oportunidades à população cigana residente no Brasil. O projeto abrange um catálogo de direitos voltado justamente para a solução dos problemas vivenciados particularmente por tal população.

Solicito, portanto, aos nobres Pares o apoio para a aprovação deste importantíssimo projeto que tornará mais justa a efetivação de direitos dos ciganos no Brasil.

Sala das Sessões,

Senador PAULO PAIM

ANEXO 06 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE VI)

**Presidência da
República**
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

[\(Vide Adm 3324-7, de 2005\)](#)

[\(Vide Decreto nº 3.860, de 2001\)](#) Estabelece as diretrizes e bases da

[\(Vide Lei nº 10.870, de 2004\)](#) educação nacional.

[\(Vide Lei nº 12.061, de 2009\)](#)



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 6.533, DE 24 DE MAIO DE 1978.

[Regulamento](#)

Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e da outras providências

[Vide Lei nº 9.610, de 1998](#)

Art. 20 Na rescisão sem justa causa, no distrato e na cessação do contrato de trabalho, o empregado poderá ser assistido pelo Sindicato representativo da categoria e, subsidiariamente, pela Federação respectiva, respeitado o disposto no [artigo 477 da Consolidação das Leis do Trabalho](#).

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 6.015, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1973.

[Texto consolidado](#)

Dispõe sobre os registros públicos, e da outras providências.

ANEXO 07 – ESTATUTO DO CIGANO (PARTE VII)

Art. 46. As declarações de nascimento feitas após o decurso do prazo legal somente serão registradas mediante despacho do Juiz competente do lugar da residência do interessado e recolhimento de multa correspondente a 1/10 do salário mínimo da região.

§1º Será dispensado o despacho do Juiz, se o registrando tiver menos de doze anos de idade.

§2º Será dispensada de pagamento de multa a parte pobre (art. 30).

§3º O Juiz somente deverá exigir justificação ou outra prova suficiente se suspeitar da falsidade da declaração.

§4º Os assentos de que trata este artigo serão lavrados no cartório do lugar da residência do interessado. No mesmo cartório serão arquivadas as petições com os despachos que mandarem lavrá-los.

§5º Se o Juiz não fixar prazo menor, o oficial deverá lavrar o assento dentro em cinco (5) dias, sob pena de pagar multa correspondente a um salário mínimo da região.